

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

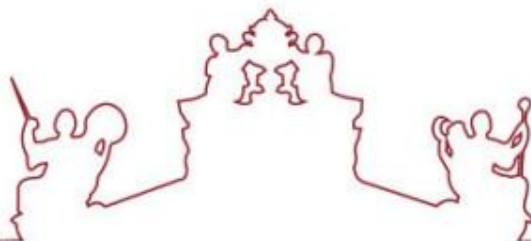
**Sexismo: O papel da pornografia heteronormativa nas
relações românticas**

Joana Rita de Figueiredo Ascenso Salvador

Orientador(es) | Madalena Melo

Évora 2022





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

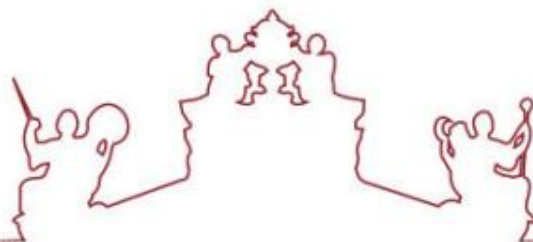
**Sexismo: O papel da pornografia heteronormativa nas
relações românticas**

Joana Rita de Figueiredo Ascenso Salvador

Orientador(es) | Madalena Melo

Évora 2022





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Maria Luísa Grácio (Universidade de Évora)

Vogais | Isabel Maria Mesquita (Universidade de Évora) (Arguente)

Madalena Melo (Universidade de Évora) (Orientador)

Évora 2022



Agradecimentos

Aos meus/minhas entrevistados e entrevistadas, que de uma forma ou de outra se subjugaram a partilhas numa temática que não é fácil, desde partilhas mais longas e refletivas às mais desconfortáveis, sinto que todos/as podemos retirar algo desta experiência e nada disto seria possível sem vocês!

Na mesma linha de pensamento quero agradecer à minha orientadora que para além de minha professora, teve o trabalho trabalhoso de me guiar, aconselhar e suportar num dos percursos académicos mais complicados até agora, sob condições pandémicas e de saúde adversas, não existem mesmo palavras, se pudesse voltar atrás a minha escolha seria a mesma.

Aos meus professores que para além das suas qualificações impressionantes decidiram partilhar mais do que teoria. Partilhar experiências académicas, profissionais e humanas, que transformavam criativamente em lições e exercícios que sinto que me irão servir para a vida pessoal e profissional.

À minha família de coração e ao meu parceiro de vida, pelas contínuas provas de amor e suporte incondicional durante tantos altos e baixos, alguns que vivemos juntos/as, fazendo-me rir e sorrir, quando parecia impossível.

À minha família de sangue, pelos desafios, disponibilização de tempo, aprendizagens, esperança e sacrifícios imensos que para além de me facilitar a escolha deste curso por vocação, me o permitiram seguir e terminar de coração seguro.

À minha explicadora de infância por ser uma figura cuidadora e de luz quando mais precisava, guiando-me até à minha psicóloga e coach. Que juntas me auxiliaram a manter-me o mais sã possível durante este processo longo e árduo.

Finalmente e não menos importante, ao meu gato (Tito) que sempre que o desespero, lágrimas e ansiedades apareciam, se colocava por cima do meu computador para que pudesse tirar uns momentos e respirar.

Um infinito abraço repleto de gratidão a todos e a todas!

Sexismo: O papel da pornografia heteronormativa nas relações românticas

Resumo

O estudo pretende compreender de que forma e em que aspetos o sexismo se perpetua por meio da pornografia heteronormativa nas relações românticas. A amostra é composta por 20 jovens adultos de ambos os sexos, com idades entre os 20 e os 34 anos inclusive, que tenham experienciado pelo menos uma relação romântica heterossexual no mínimo de 6 meses, tido relações sexuais, consumido conteúdos pornográficos heteronormativos e, assinarem o consentimento informado. Para a concretização do estudo foi construído um guião de entrevista. Foi seguida uma metodologia de análise fenomenológica interpretativa (IPA), sendo os dados tratados através do software Nvivo. Os resultados revelaram que o consumo de conteúdos pornográficos heteronormativos contribui para a propagação de aspetos sexistas e impacta as relações sexuais e românticas dos/as entrevistados/as. Porém, estes/as relatam um distanciamento entre este impacto nas relações em geral e as suas relações pessoais.

Palavras-Chave: Sexismo; Relações íntimas; Heteronormatividade; Pornografia; Estereótipos de Género

Sexism: The role of heteronormative pornography in romantic relationships

Abstract

The study aims to understand how and in what ways sexism is perpetuated in romantic relationships through heteronormative pornography. The sample consisted in 20 young adults of both sexes, between 20 and 35 years old, that have experienced at least one heterosexual romantic relationship for at least 6 months, have had sexual intercourse, consumed heteronormative pornography, and signed the informed consent. To carry out the study, it was developed an interview guide. An interpretative phenomenological analysis (IPA) methodology was followed, and the data was treated through Nvivo software. The results revealed that the consumption of heteronormative pornographic content contributes to the propagation of sexist aspects and impacts the sexual and romantic relationships of the interviewees. However, they report a detachment between this impact on relationships in general and their personal relationships.

Key words: Sexism; Intimate relationships; Heteronormativity; Pornography; Gender Stereotypes

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	ii
1. Introdução e Enquadramento Teórico	1
1.1. Sexo e género	1
1.2. Sexismo	4
1.3. Relações românticas, sexismo	7
1.4. Pornografia	9
1.4.1. Pornografia heteronormativa	13
1.4.2. Pornografia e a desigualdade de género	13
1.4.3. Desigualdade de género no consumo de pornografia	16
1.4.4. Pornografia e relações românticas	17
2. Método	19
2.1. Objetivos	19
2.2. A abordagem metodológica	19
2.2.1. Participantes no estudo	21
2.2.2. Instrumentos	22
2.2.3. Procedimentos de recolha de dados	23
2.2.4. Procedimentos de análise de dados	25
3. Apresentação e análise de Resultados	26
4. Discussão Global	68
5. Limitações	77
6. Sugestões para estudos futuros	79
7. Referências	80
8. Anexos	94
Anexo A - Glossário	95
Anexo B - Dados sociodemográficos	98
Anexo C - Guião de entrevista	99
Anexo D - Consentimento informado	102
Anexo E - Exemplos entrevistas simplificadas	104
Anexo F - Códigos Nvivo	120

Anexo G - Diagrama e tabela de análise de cluster	131
Anexo H - Nuvem de palavras	132
Anexo I - Verbalizações dos/as entrevistados/as	133

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Análise temática e categorial relativa ao Tema 1	27
Tabela 2 - Análise temática e categorial relativa ao Tema 2	48
Tabela 3 - Análise temática e categorial relativa ao Tema 3	57
Tabela 4 - Análise temática e categorial relativa ao Tema 4	61

1. Introdução e enquadramento Teórico

O tema que se pretende estudar resulta do facto de a literatura demonstrar evidências, de que existe sexismo nos conteúdos da pornografia heteronormativa, sendo diferente a forma como os homens e as mulheres são representados/as (Baron, 1990). Essas diferenças têm impacto nas suas relações românticas e sexuais e, por conseguinte, no seu desenvolvimento e qualidade de vida (Maslow, 1954 cit. por Hoffmeister et al., 2019). Logo, pretende-se estudar a que níveis o sexismo impacta e se perpetua por meio do consumo de pornografia heteronormativa para o contexto das relações românticas heterossexuais e, se esse consumo se reproduz nas relações sexuais das mesmas, comparando o sexo feminino com o masculino. Assim, seguidamente, importa explorar primeiro alguns conceitos, nomeadamente, a caracterização e diferenças entre sexo e género, o sexismo e as suas implicações e consequências nas relações românticas e sexuais e, finalmente, a origem e características da pornografia, mais especificamente os conteúdos pornográficos heteronormativos. Adicionalmente, criou-se um glossário (Anexo A) que visa explicitar alguns conceitos mencionados ao longo deste estudo.

1.1. Sexo e género

John Money e colegas (1955, cit. por Muehlenhard & Peterson, 2011) fizeram a distinção entre indivíduos a vários níveis, entre eles as características psicológicas onde incluíram o fator papéis de género. Definiram este fator como tudo o que uma pessoa diz ou faz para revelar a sua posição enquanto rapaz ou rapariga, homem ou mulher. Deste modo, sugeriram que os papéis de género são avaliados em relação a: conduta e comportamento; tipos de brincadeiras e interesses recreativos; tópicos de conversa em conversas espontâneas e comentários casuais; conteúdo de sonhos, devaneios e fantasias; respostas a indagações indiretas e testes projetivos; evidências de práticas eróticas e, finalmente, as próprias respostas da pessoa à investigação direta (Money, 1955, cit. por Muehlenhard & Peterson, 2011). Mais tarde, Money e Ehrhardt (1972) definiram identidade de género, como a "experiência privada dos papéis de género", e papéis de género, como "a expressão pública da identidade de género" (Money & Ehrhardt, 1972). Adicionalmente, usaram o termo sexo para se referirem às características físicas dos indivíduos. Assim, introduziram a distinção entre os termos sexo e género, contudo

utilizavam o segundo em frases como papéis de género e identidade de género (Muehlenhard & Peterson, 2011).

Esta distinção entre género e sexo, para além de pioneira, foi bastante importante, pois permitiu que psicólogos separassem conceptualmente os aspetos sociais do género do sexo biológico, abrindo as portas a estudos de diversos temas, como por exemplo como as crianças são socializadas para se conformarem com as regras de género da sociedade (Crawford, 2006, cit. por Muehlenhard & Peterson, 2011). Logo, esta distinção representa um passo importante em reconhecer que a biologia não representa necessariamente o destino e que muitas das diferenças aparentes entre mulheres e homens podem ser socialmente impostas, em vez de naturais e/ou inevitáveis (Crawford, 2006 p. 26, cit. por Muehlenhard & Peterson, 2011).

Gayle Rubin (1975), apresentou também uma diferenciação entre sexo e género a que chamou o "sistema sexo/género". Neste sistema definiu sexo como o corpo biológico em que o indivíduo nasce (1975, p. 159) e género como a divisão de papéis sociais que é imposta aos sexos. Ou seja, sugeriu que o sexo biológico é a base onde o género é socialmente construído, acrescentando "o género é a divisão dos sexos socialmente imposta" (Rubin, 1975, p. 179). Admite ainda existirem algumas semelhanças e diferenças biologicamente determinadas, no entanto, a autora diz que a divisão de género social na força de trabalho, obriga homens e mulheres a suprimir muitas dessas semelhanças, contudo isto não tem qualquer relação com aspetos biológicos (por exemplo, mulheres são biologicamente capazes de caçar e homens de tomar conta de crianças). Segundo a autora, esta divisão existe para assegurar a necessidade económica do casamento heterossexual, visto que se alguns tabus impedirem homens e mulheres de desempenhar determinados papéis sociais, então estes vão se tornar economicamente dependentes um do outro. Portanto, o género funciona na manutenção da "heterossexualidade obrigatória" (Rubin, 1975 p. 183).

Uma outra autora que se debruçou sobre este tema foi Rhoda Unger (1979), que teve um papel essencial para impulsionar o uso do termo género na literatura da psicologia. Unger argumentou que o maior problema nesta área de estudo era o uso demasiado inclusivo do termo "sexo", mas apesar do seu uso abrangente, o termo "sexo" impunha que qualquer diferença entre sexos era um resultado biológico, sendo assim

inevitável. A autora acrescentou que esta terminologia facilitava a avaliação de diferenças entre sexos segundo um modelo de determinismo biológico, o que tornava mais improvável que fosse estudada a possibilidade de origens ambientais destas diferenças (Unger, 1979, p. 1085), acrescentando que usar o mesmo termo para dois significados diferentes pode levar a conclusões imprecisas, até porque as suposições individuais sobre as diferenças entre sexos, muitas vezes não se coligam com as diferenças reais entre sexos. Para diminuir a possibilidade de pesquisadores confundirem as suposições de diferenças entre sexos com as reais diferenças, Unger propôs que o uso do termo "género" fosse utilizado em referência às suposições sobre as diferenças entre sexos, ou seja, os traços e características considerados socialmente apropriados para homens e mulheres (Unger, 1979, p. 1093).

O trabalho dos autores e das autoras referidos/as anteriormente contribuiu para o aumento do uso do termo "género" em substituição do termo "sexo" (Muehlenhard & Peterson, 2011). Segundo Basow (2010), enquanto textos mais antigos justificavam comportamentos de género com base em causas internas, outros mais recentes enfatizaram a importância de fatores sociais. O termo "sexo" passou então a ser usado para fazer a distinção biológica, enquanto "género" passou a referir-se ao significado social das distinções biológicas (Basow, 2010, p. 152). Também a American Psychological Association (APA), alterou as suas normas, sugerindo que o género implicava os aspetos psicológicos, comportamentais, sociais e culturais de ser homem ou mulher (APA, 2015).

Assim, sexo refere-se ao que é biológico e inato, determinando-se segundo vários indicadores, como os cromossomas sexuais, gónadas, órgãos reprodutivos internos e genitália externa, fazendo-se assim a distinção entre os sexos masculino, feminino e intersexo (combinações atípicas de características que geralmente distinguem o masculino do feminino).

Já o género é definido como um constructo social que inclui atitudes, sentimentos e comportamentos, sendo atribuído a uma pessoa consoante o seu sexo biológico e, fazendo-se a distinção entre homem e mulher (Muehlenhard & Peterson, 2011).

Em concordância, o DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013) caracteriza sexo como referente ao masculino e feminino, relacionando-o com fatores biológicos e

de reprodução e caracteriza género com atribuidor de papel social, ou seja, menino ou menina, homem ou mulher, que maioritariamente, mas não obrigatoriamente se relaciona com o sexo biológico.

1.2. Sexismo

Feita a distinção anterior e tendo em conta o contexto deste estudo, interessa-nos perceber as implicações sociais do género. Costa e colaboradores (2012) afirmaram não existir igualdade de género na sociedade contemporânea, pois historicamente as mulheres têm sido sub-representadas, o que se verifica ainda nos dias de hoje (Gómez et al., 2016). Vemos por exemplo a sua participação minoritária na tomada de decisões e na liderança quando comparada à dos homens (Gómez et al., 2016). Perante isto, a mulher detém uma pequena parte do poder social, que é maioritariamente atribuído ao homem (Foucault, 1979). Existe assim, uma valorização do homem em detrimento da mulher (Saffioti, 2004).

Esta desigualdade entre géneros dá origem à violência de género, que historicamente tem como principal alvo a mulher (Teles & Melo, 2002). Assim, este tipo de violência ocorre no âmbito do processo histórico de dominação masculina, visando a submissão feminina às regras de uma cultura patriarcal (Carvalho & Goldhar, 2012).

Assim introduzimos o sexismo como sendo um dos maiores obstáculos à igualdade de género (Sousa & Cardoso, 2020), podendo-se até acrescentar que contribui para a manutenção das desigualdades (Becker & Sibley, 2016; Glick & Fiske, 1996), atribuindo papéis e privilégios de forma desigual (Forbes et al., 2007).

O sexismo pode ser definido, de forma abrangente como o conjunto de crenças, atitudes, políticas e práticas sociais que visam favorecer um género prejudicando o outro (Becker & Sibley, 2016; Cortese, 2015). Atua como uma divisão entre géneros, atribuindo papéis e privilégios onde, maioritariamente, as mulheres saem prejudicadas, recebendo menos privilégios, considerando-se assim o sexismo como um mecanismo de rebaixamento destas (Forbes et al., 2007). Estereotipicamente, atribui-se um papel dominante ao homem e um papel submisso à mulher, sendo isto resultado da construção de expectativas e estereótipos atribuídos a cada género por parte do ser humano ao longo dos anos, refletindo-se na nossa cultura, sociedade e economia (Sousa & Cardoso, 2020).

Perante isto, o sexismo apresenta-se como justificador e propulsor da desigualdade de género, evidenciando-se assim mais uma vez a importância de o reconhecer como um perigo (Forbes et al., 2007).

Em 1995, Swim e colaboradores fizeram a distinção entre sexismo moderno e sexismo clássico. Os autores referiram que estes dois conceitos diferem na intenção de esconder ou não o sexismo, ou seja, o sexismo clássico exhibe um conjunto de atitudes e crenças sexistas de forma aberta e direta, já o sexismo moderno expressa o sexismo de uma forma mais cuidada e subentendida, caracterizando-o como algo existente apenas no passado. Assim, estes autores falaram da ideia social comum de que nessa altura a discriminação contra as mulheres já não era uma realidade, introduzindo o termo de sexismo moderno. Eles expuseram que defender esta ideia faz parte do sexismo em si, sendo usada como crítica às mulheres que procuram mais direitos. Logo, o sexismo moderno segundo os autores carrega consigo a mesma vertente de desigualdade do sexismo clássico, no entanto atua de forma mais subtil (Swim et al., 1995; Deaux & LaFrance, 1998).

Em concordância Glick e Fiske (1996) dividiram o sexismo em duas componentes, o sexismo hostil e o sexismo benevolente. O sexismo hostil (clássico), como o nome sugere, reflete uma visão negativa das mulheres, relacionando-se com padrões de comportamento de dominância e submissão (Fernández-Antelo et al., 2020) (Ex: as mulheres pertencem aos homens com quem têm relações (Glick & Fiske, 1996)). Representa as mulheres como sendo fracas, incapazes (Ex: as mulheres conduzem pior que os homens (Glick & Fiske, 1996)) e manipuláveis (Plakoyiannaki et al., 2008), remetendo ainda para a ideia de que as mulheres desejam conseguir controlo sobre a figura masculina, utilizando para isto ideologias feministas e a sua sexualidade inerente (Glick & Fiske, 2001). Vemos por isso, muitas vezes, este tipo de sexismo ser dirigido a mulheres que participam em movimentos feministas (Glick & Fiske, 2001). Demonstra-se em crenças e comportamentos de inferiorização, objetificação e dominação, maioritariamente em relação à mulher (Glick & Fiske, 1996). Desvalorizando-se assim as mulheres que não refletem o papel social que lhes foi atribuído, ou seja, a estereotipada, dona de casa (Lee et al., 2010).

O sexismo benevolente (moderno), é uma forma de sexismo caracterizado por um tom mais positivo e protetor (Fernández-Antelo et al., 2020). Este aparece de forma mais sutil com o objetivo de inferiorizar a mulher, remetendo para ideia de que esta precisa da proteção e ajuda masculina (Glick & Fiske, 2001). Adicionalmente, reflete a ideia da mulher "pura", objeto de adoração masculina, que precisa do homem para ter uma vida completa (Glick & Fiske, 2001). É neste tipo de sexismo que encontramos a ideia da mulher como ferramenta de reprodução e mãe, bem como o seu propósito de cuidar da casa e servir as necessidades românticas do homem (Glick & Fiske, 2001). Este sexismo, incorpora a preocupação com a aparência estereotipicamente atribuída ao sexo feminino (Plakoyiannaki et al., 2008), exercendo influência nos valores e objetivos das mulheres. Mulheres com elevado grau de sexismo benevolente tendem a renunciar qualquer tipo de influência fora das suas residências, apresentando menos interesse em participar em atitudes desafiadoras de desigualdades. Em vez disso, tendem a focar-se mais no seu relacionamento, escolhendo parceiros românticos com base no estatuto e recursos (Hammond & Overall, 2013; Radke et al., 2016), contribuindo assim para a inibição das aspirações enquanto mulheres (Geis et al., 1984; Barreto & Ellemers, 2005). Adicionalmente, o sexismo benevolente é muitas vezes (erradamente) visto como algo positivo, dificultando a alteração das atitudes e ideologias subjacentes ao sexismo (Glick & Fiske, 2001).

O sexismo apresenta-se ambivalente, pois tanto apresenta características hostis (objetificação e discriminação da mulher) como benevolentes (paternalismo protetor e discriminação positiva) (Becker & Sibley, 2016; Glick & Fiske, 1996). Assim, combinam-se a noção de que o grupo submisso não tem competências para exercer poder estrutural com justificações benevolentes egoístas do grupo dominante ("temos de suportar o fardo de tomar conta delas"), o que permite ao segundo grupo ver as suas ações como não exploratórias e abusivas. O sexismo benevolente pode ainda ser usado para legitimar o sexismo hostil ("Eu não exploro as mulheres, eu amo-as, protejo-as e dou-lhes tudo o que precisam") (Glick & Fiske, 1996). Ou seja, se perante o sexismo benevolente, o homem protege a mulher, então este será superior e mais forte propagando as ideias do sexismo hostil. Do mesmo modo, se a mulher tiver como crença que o homem a deve proteger e sustentar (a todos os níveis/economicamente), torna-se difícil que esta procure

mais direitos e que tente desafiar a dominação masculina, contribuindo também para a desigualdade de gênero (Glick & Fiske, 2001).

1.3. Relações românticas e sexismo

O sexismo, como já foi reforçado anteriormente, contribui para a manutenção de desigualdades entre gêneros propulsionando atos de violência, como por exemplo a violência doméstica nas relações românticas. Também Fernández-Antelo e colegas (2020), no seu estudo sobre a normalização da agressão em casais adolescentes, falaram do sexismo, definindo três grupos de atitudes sexistas dos relacionamentos, sendo eles o abuso emocional, abuso físico e violência de gênero. O primeiro grupo (abuso emocional) inclui atitudes de distanciamento, coerção e castigo emocional, do segundo grupo (abuso físico) fazem parte atitudes de castigo instrumental (quando o agressor age para obter algo) e abuso físico. No terceiro grupo (violência de gênero), encontra-se atitudes de humilhação, abuso sexual e violência de gênero. Nesse estudo descobriram que os rapazes são mais tolerantes à agressão vinda do/a parceiro/a, caso se mantivessem em relação. Porém, esta conclusão adquire um resultado diferente quando são analisadas as atitudes sexistas. Na verdade, este sentimento dos rapazes significa que eles não se importam que o abuso aconteça, desde que sejam eles a cometê-lo e não a sofrê-lo, demonstrando uma falta de empatia e capacidade de se colocarem no lugar das raparigas (Fernández-Antelo et al., 2020). Adicionalmente, observaram que nas raparigas a aceitação é menor, contudo esta aumenta à medida que a frequência do abuso também aumenta (Fernández-Antelo et al., 2020).

No entanto os efeitos do sexismo nas relações está muito para além da agressão ou aceitação da mesma, tendo muitas outras consequências. Temos por exemplo que o sexismo hostil, colide com a dependência mútua entre o homem e a mulher nas relações heterossexuais. Esta dependência dá poder às mulheres nas suas relações, pelo menos quando comparado à falta de poder que têm na sociedade. Este poder é a base para o entendimento das consequências do sexismo hostil nas relações românticas, pois a capacidade das mulheres em influenciar e resistir à influência neste contexto, põem à prova o poder que os homens que exibem sexismo hostil se esforçam por manter. Para além disso, o potencial das mulheres em deterem poder sobre os homens que exibem

sexismo hostil leva-os a respostas agressivas, danificando as relações românticas e diminuindo a capacidade dos homens em atingir determinados objetivos dentro dessas relações (Hammond & Overall, 2016).

O sexismo hostil caracteriza então as relações entre homens e mulheres como uma competição pelo poder, descrevendo as mulheres como uma ameaça aos homens, procurando controlo sobre eles e, usando a "igualdade" para os ultrapassar. Expressa por exemplo o medo de que as mulheres vão tentar humilhar os homens nas relações, ao "parecerem sexualmente disponíveis e depois rejeitarem os seus avanços" ou "meterem os homens presos por uma trela" (Glick & Fiske, 1996), prendendo-se com a ideia do sexismo hostil que os homens são uma vergonha se perderem a dominância nas suas relações românticas (Chen et al., 2009).

A adoção de sexismo hostil é também associada com atitudes mais punitivas para com mulheres que desafiam a autoridade do homem e, uma maior aceitação de comportamentos violentos e agressão verbal para com parceiros íntimos (Forbes et al., 2005).

Homens que apoiam o sexismo hostil experienciam insatisfação acrescida quando as suas relações românticas são marcadas de conflito e desacordo, o que se verifica precisamente quando existe uma competição pelo poder (Hammond & Overall, 2016). Para além disso estes homens são menos recetivos às perspetivas das parceiras e comunicam mais agressivamente (Overall et al., 2011).

Também o sexismo hostil exibido pelas mulheres tem consequências nas relações românticas, pois, por exemplo, estas mulheres reportam uma maior satisfação nas suas relações mesmo quando apresentam problemas graves (Hammond & Overall, 2013). Para além disso, segundo, Lee e colegas (2010), estas mulheres demonstram um desejo significativamente menor por parceiros que são acolhedores e românticos, características estas que são geralmente consideradas as mais importantes num parceiro (Fletcher et al., 1999).

Por outro lado, o sexismo benevolente apresenta a idealização das relações heterossexuais ao expressar que os homens apenas estão "completos" quando têm o amor de uma mulher e, que o papel do homem é estimar, proteger e prover as mulheres

presentes nas suas vidas. Adicionalmente, venera as qualidades interpessoais das mulheres como a sensibilidade e a empatia, no entanto, estas servem também como um rebaixamento da mulher perante o homem, criando interações relacionais que minimizam a competência da mulher (Hammond & Overall, 2016).

O sexismo benevolente apresenta então um tom romântico que é bastante eficaz em promover o acesso dos homens a relações românticas satisfatórias, pois homens que expressam sexismo benevolente são considerados por mulheres, como sendo parceiros relativamente atraentes (Kilianski & Rudman, 1998) (por exemplo: o homem cobrir as despesas no primeiro encontro (Viki et al., 2003 cit. por Hammond & Overall, 2016)). E ainda, a concordância dos homens com o sexismo benevolente está associada com um leque de resultados positivos nos relacionamentos, como uma interação mais positiva quando conhecem uma mulher pela primeira vez (Goh & Hall, 2015) e uma maior satisfação com relações de longa duração (Hammond & Overall, 2013).

No entanto estas representações positivas encenadas por homens que exibem sexismo benevolente acarretam a ideia que as mulheres precisam de ser cuidadas porque são menos capazes que os homens. Mesmo demonstrando um tom romantizado, estas ideias restringem e enfraquecem as competências das mulheres e promovem o estatuto elevado do homem. Assim, estes homens são vistos pelas mulheres como parceiros românticos apelativos, sendo as relações provenientes recebidas com positividade e abertura (Hammond & Overall, 2016).

Relações baseadas no sexismo benevolente incorporam assim expectativas irrealistas, que podem ser postas à prova por exemplo se a mulher não se comportar da forma que o homem espera, ou se o homem não for capaz de prover, proteger ou cuidar a mulher (Hammond & Overall, 2016). Assim associam-se com reações mais extremas e negativas aos problemas inerentes de uma relação, como os conflitos (McNulty & Karney, 2004). Mulheres que exibem sexismo benevolente ficavam relativamente mais insatisfeitas e magoadas com estes tipos de problemas nas suas relações (Hammond & Overall, 2013).

1.4. Pornografia

Como vimos anteriormente, o sexismo contribui para as desigualdades de género e tem consequências negativas no comportamento das pessoas e nas suas relações românticas, sendo então importante perceber que consequências terão nas relações sexuais, bem como as possíveis origens dessas consequências. Isto torna-se especialmente relevante, pois sabemos que as relações sexuais têm um papel importante na saúde psicológica e são grandemente influenciadas por padrões culturais e sociais (Silva, 2006 cit. por Vieira et al., 2016).

Sabemos também que a pornografia parece ser a primeira fonte de informação sexual, contribuindo para a aprendizagem de práticas sexuais e descobertas sobre si mesmo e sobre o corpo do outro, dados já encontrados em pesquisas anteriores (Elder et al., 2015). Estudos mais recentes mostram que aproximadamente 45% dos adolescentes que consumiam pornografia o faziam em parte para aprender sobre sexo (British Board of Film Classification, 2020). Um em cada quatro jovens dos 18 aos 24 anos caracterizam a pornografia como a fonte mais útil para aprender a ter sexo (Rothman et al., 2021). Um em cada oito títulos de conteúdos pornográficos mostrados na página inicial a usuários completamente novos descrevia atos de violência sexual (Vera-Gray, et al., 2021). Segundo Martellozzo e colegas (2016) apesar do facto da pornografia poder ser totalmente irreal e frequentemente glorificar a violência, sexismo ou racismo, descobriram que mais da metade dos rapazes (53%) e mais de um terço das raparigas (39%) relatavam acreditar que a pornografia era uma representação realista do sexo.

O estudo de Dekeseredy e Hall-Sanchez (2016) mostrou uma relação entre o consumo de pornografia heteronormativa e atos de violência contra mulheres pelos parceiros com os quais estas viviam. Adicionalmente, a pornografia heteronormativa reproduz e reforça alguns dos estereótipos de género (Foucault, 2005, cit. por Carvalho & Leda, 2016). Logo, tendo em conta todos estes fatores, estudar os efeitos do consumo da pornografia heteronormativa torna-se bastante relevante para melhor compreendermos a sua relação com o sexismo e as relações românticas. Assim, primeiramente, precisamos de explorar o constructo de pornografia e em especial de pornografia heteronormativa ou "*mainstream*".

Começando pelas origens da palavra pornografia, esta vem do grego "pornos" (prostituta) e "graphô" (escrever, gravar) (Bárbara, 1999), referindo-se a todo o conteúdo

que exponha explicitamente algum tipo de atividade sexual, que tenha como objetivo a excitação erótica e proporcione prazer. Apareceu pela primeira vez em referência às obras de arte ou literatura que se debruçavam sobre a vida das prostitutas (Ceccarelli, 2011). A sua história é bastante antiga, sabendo-se por exemplo que a estátua deste tipo mais antiga do mundo tem 7200 anos, apresentando um homem sobreposto a uma mulher, sugerindo um ato sexual (Ceccarelli, 2011). No ocidente, em 1769, a palavra pornografia aparece pela primeira vez num tratado relativo à prostituição (Ceccarelli, 2011).

Apesar da sua longa existência, a definição da pornografia é bastante complexa, não existindo um consenso científico, no entanto, entre as diversas definições, parecem existir duas constantes que aparecem mais vezes. A primeira é que a pornografia é "explícita" (Wright & Randall, 2012) e inclui "imagens de genitais e/ou representações de comportamentos sexuais" (Morgan, 2011) que estão "descobertos" (Peter & Valkenburg, 2011). A segunda é que a pornografia "pretende aumentar a excitação sexual" (Morgan, 2011).

Alguns investigadores incluem na definição de pornografia qualquer conteúdo que contenha nudez, independentemente de existir ou não contacto sexual (Wright & Randall, 2012), por outro lado, outros mencionam que para que um conteúdo seja pornográfico têm de existir atos sexuais ou de estimulação genital (Peter & Valkenburg, 2011), excluindo por exemplo a PlayBoy, uma revista de entretenimento erótico dirigida aos homens, da sua definição (Træen & Daneback, 2013). Temos ainda investigadores que excluem da sua definição, a intenção de aumentar a excitação sexual e incluem todo o conteúdo sexual explícito (Træen & Daneback, 2013; Wright & Randall, 2012). Existe também conteúdo que é produzido com outros propósitos, mas é utilizado para fins pornográficos, como é o caso dos catálogos de sapatos, usados como objeto de excitação por pessoas com fetiches por pés, denominado por podolatria (Rose, 2012).

Como tentativa de resolver este dilema, McKee e colegas (2019), realizaram entrevistas com profissionais de diferentes áreas que produziram conhecimento relativo à investigação pornográfica, incluindo académicos com experiência em desenvolvimento sexual saudável e/ou representações da sexualidade e pesquisadores das áreas de desenvolvimento sexual, diversidade e saúde, medicina do adolescente, saúde sexual e reprodutiva, estudos culturais e estudos feministas. Perante as mesmas, não existindo de

qualquer forma uma definição perfeita, McKee e colegas (2019) argumentando que para se obterem dados replicáveis seria necessário que os investigadores concordassem sobre uma definição do objeto em estudo. Dependendo a definição utilizada pelo/a investigador/a da natureza do projeto em questão e do seu propósito (McKee et al., 2019). Admitiram que faria sentido descrever a pornografia, nesta época e no contexto dos países ocidentais, como o "conteúdo sexual explícito que procura aumentar a excitação sexual", desde que se mantenha em mente que esta é uma definição provisória e que vai sofrer alterações ao longo do tempo.

Em termos de consumo pornográfico e dados desses consumos, esses são apresentados segundo a definição acima.

A presença de pornografia na nossa sociedade é inquestionável, basta olhar para as capas das revistas, os anúncios e principalmente uma simples pesquisa na internet (Groves et al., 2011; Popović, 2011). Tendo essa simplicidade, aumentado o seu consumo (Blais-Lecours et al., 2016), pois a internet permite-o de forma simples e anónima (Cooper, 1998). Existindo uma tendência contínua para o aumento deste consumo devido à evolução da tecnologia, como por exemplo o desenvolvimento da realidade virtual e do cinema 5D (Strange But True, 2017). Em concordância vemos que dos 10 websites mais visitados em todo o mundo, dois são websites pornográficos (7º Xvideos, 9º Xnxx), ocupando o Pornhub o 13º lugar (Similarweb, 2021).

Em 2019, as estatísticas do Pornhub, um dos maiores websites pornográficos do mundo, mostraram que Portugal ocupava a 39ª posição a nível mundial em relação aos números de visitas, sendo a categoria mais visualizada *lesbian*, acrescentando que 29% destes visitantes do website em Portugal eram mulheres, comparativamente à média de mulheres visitantes globais de 32%. Em Portugal, as palavras mais pesquisadas para aceder a conteúdos pornográficos eram “tuga”, “Portugal”, *lesbian*, *MILF*, *Anal* e *big tits*. Adicionalmente, temos que o visitante português acede em média ao website da Pornhub durante nove minutos e quarenta e oito segundos (PornHub Insights, 2019; Público, 2019).

Apesar de tudo o que foi mencionado acima, denota-se que a pesquisa em Portugal relativa ao impacto do consumo da pornografia é reduzida (Alarcón et al., 2019; Morgan,

2011). Por exemplo, Castro e Lins (2020), numa pesquisa relativa à pornografia em Portugal encontram apenas sete estudos neste campo.

1.4.1. Pornografia heteronormativa

A pornografia heteronormativa, referida muitas vezes por “*mainstream*” ou até apenas como pornografia no senso comum, para ser definida como tal tem de retratar uma realidade que, embora seja verossímil, reproduz e reforça determinados estereótipos de género, criando padrões de sexualidade que normalizam a preocupação focada no prazer sexual do homem e a submissão sexual feminina. Estes padrões são depois reproduzidos mesmo em contextos privados entre homens e mulheres. Deste modo, expõem sexo como uma relação de poder, em que o homem ocupa a posição dominante e a mulher a posição submissa, sendo a mesma impedida de desfrutar do prazer do próprio corpo (Foucault, 2005, cit. por Carvalho & Leda, 2016). Apresenta-se assim um contexto em que a principal função da mulher é ser fonte de prazer masculino (Foucault, 2005, cit. por Carvalho & Leda, 2016) e saciar as necessidades carnis dos homens (Wolf, 1992).

1.4.2. Pornografia e a desigualdade de género

O desequilíbrio de poder presente na pornografia, como foi mencionado anteriormente, foi também abordado por Pinto e colegas (2010), que caracterizaram a pornografia como uma prisão que segue normas de género rígidas perante as práticas sexuais, fixando identidades. Acrescentam que a pornografia promove e reforça hierarquias de poder entre mulheres e homens, com o potencial de introduzir e moldar atitudes opressoras. Esta hierarquia tendencialmente coloca a mulher numa posição submissa, sendo o seu prazer pessoal menosprezado e o seu objetivo principal satisfazer o homem (Carvalho & Leda, 2016), sendo a ejaculação masculina o ponto alto na cena pornográfica (Dines, 2010, cit. por D’Abreu, 2013).

Rich (2012, p.26, cit. por Carvalho & Leda, 2016), referiu que a pornografia “apresenta as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade – essencialmente como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens”. Este exemplo, reflete as críticas feitas

à pornografia, sendo que esta passa a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens e por conseguinte, não devem ter os mesmos direitos, havendo uma total desvalorização da figura feminina (Baron, 1990).

Tanto Dworkin, em 1985 como Mackinnon em 1989, afirmam que a pornografia contribui para a desigualdade de oportunidades no emprego, educação e política, prejudicando a mulher e levando os homens a tratá-las como cidadãos de segunda classe (Baron, 1990). Produzindo relações de gênero caracterizadas pelo desejo sexual de dominar e ser dominado (Besnier, 2015), observando-se muitas vezes a mulher infantilizada e o homem como autoritário e poderoso (Cowan et al., 1988, cit. por D'Abreu, 2013). Estes conteúdos são, indiretamente, facilitadores da agressão sexual face às mulheres, pois a pornografia perpetua o estatuto social inferior da mulher relativamente ao homem e dá origem a comportamentos de risco (D'Abreu, 2013). Este e muitos outros fatores advêm do facto de a pornografia ser percebida como real ao invés de fantasia, tendo uma influência negativa na conduta dos indivíduos (Baron, 1990).

Como outra representação da desigualdade na pornografia, os homens são mais frequentemente os perpetradores de violência e as mulheres são mais frequentemente os alvos desta (Cowan & Campbell, 1994; Prince, 1990). Adicionalmente, estudos identificaram que essa violência aumenta quando os homens e mulheres são de etnias diferentes (Cowan & Campbell, 1994; Monk-Turner & Purcell, 1999).

A pornografia parece estar mais direcionada a satisfazer os desejos da audiência masculina (Bridges et al., 2010). Por exemplo, as mulheres fazem sexo oral mais vezes do que os homens (McKee, 2005; Yang & Linz, 1990). Ainda, em grande parte dos casos, a ejaculação masculina representa o fim da cena pornográfica, levando alguns investigadores a teorizar que a ejaculação masculina visível é a "prova" da existência de prazer sexual e orgasmo (Williams, 1999).

Bridges e colegas (2010) conduziram um estudo onde foram analisadas 304 cenas pornográficas, nas quais destas apenas 0.3% mostraram as personagens preocupadas com o risco de gravidez ou infeções sexualmente transmissíveis, sendo o preservativo utilizado em apenas 10.9% das mesmas. O ato sexual representado mais vezes foi mulheres a realizarem sexo oral a homens e apareceu em 90.1% das cenas, seguido por penetração vaginal, representada em 86.2% das cenas. Homens a fazer sexo oral a mulheres apareceu

em 53.9% das cenas, no entanto menor que o sexo anal que foi representado em 55.9% das cenas. Atos sexuais entre pessoas do mesmo gênero representou-se apenas entre mulheres, com mulheres a realizarem oral a outras, o que apareceu em 22.7% das cenas. A ejaculação masculina deu-se quase sempre fora da vagina da mulher, mais frequentemente na sua boca (58.6%).

Bridges e colegas (2010) concluíram ainda que de um modo geral as cenas analisadas eram agressivas, existindo apenas 10.2% das cenas que não continham atos agressivos. A agressão física esteve mais presente que a agressão verbal, aparecendo em 88.2% das cenas comparado a 48.7%. As mulheres foram maioritariamente os alvos, verificando-se isto em 94.4% dos casos de agressão. Os homens foram os perpetradores de agressão em 70.3% dos casos comparado com 29.4% para as mulheres, contudo mesmo quando eram as mulheres as perpetradoras de agressividade, apenas em 4.2% dos casos os seus alvos foram homens.

Perante os atos agressivos, Bridges e colaboradores (2010) analisaram ainda que em 95.1% dos casos os alvos reagiram com expressões de prazer, ou com reações neutras. Destacando-se ainda que quando agredidos, os homens demonstraram desprazer em 16.0% dos casos e as mulheres apenas em 4.1% dos casos.

Esta influência negativa da pornografia assenta nos princípios centrais da teoria social cognitiva de Bandura (2001). Este refere que os fatores cognitivos determinam o significado que as pessoas atribuem ao que observam e como essa informação vai ser organizada para uso futuro. Assim criam modelos cognitivos que vão servir de guia para o julgamento e ação. O autor sugere ainda que as pessoas têm maior probabilidade de exibir um comportamento modelado se aquando da sua observação, o mesmo tiver resultados valiosos ao invés de resultados punitivos. Assim o resultado do comportamento observado tem a mesma influência que as consequências diretamente experimentadas (Bandura, 2001). Perante isto, um elemento crucial em casos observados de agressão é se o ato agressivo é recebido com uma resposta favorável ou desfavorável, algo a ter em conta no consumo de pornografia. Por exemplo, uma resposta favorável, onde a personagem não tem consequências por agir agressivamente, ou até é recompensada por o fazer, envia uma mensagem permissiva sobre a agressão ao consumidor. Porém, uma resposta não favorável onde a personagem agressiva recebe uma punição ou, a

personagem agredida mostra ficar magoada, envia uma mensagem proibitiva sobre agressão ao consumidor (Bridges et al., 2010). Consequentemente os consumidores estão a aprender que a agressão durante encontros sexuais é um estimulante de prazer tanto para homens como para mulheres.

1.4.3. Desigualdade de género no consumo de pornografia

Mencionámos acima a desigualdade de género na pornografia, passamos agora para a desigualdade presente no consumo de pornografia. São muitos os estudos que evidenciam diferenças entre géneros ao nível do consumo de pornografia, sendo que tendencialmente são mais os homens que revelam consumir conteúdos pornográficos, principalmente na Internet (Blais-Lecours et al., 2016; Brown et al., 2017; Gomes et al., 2018a; Gomes et al., 2018b).

Também Træen, e colegas (2004), encontraram diferenças em relação às atitudes frente à pornografia, mediante o género e idade dos participantes do seu estudo. Estes autores demonstraram que homens e pessoas mais jovens apresentam atitudes mais positivas em relação à pornografia em comparação com as mulheres e pessoas mais idosas. Também Byers e Shaughnessy (2014) observaram que os homens tendem a ter uma atitude mais positiva relativamente à pornografia em relação às mulheres. Apesar de existirem mulheres que procuram conteúdos pornográficos por curiosidade ou satisfação própria, observa-se que um grande número delas usa a pornografia como forma de agradar ao seu parceiro, mesmo não tendo interesse na mesma (Baumel et al., 2019). Já os homens começam a aceder à pornografia desde muito jovens, falando do assunto com os colegas, tornando-se um tema comum, contribuindo para a redução de tabus e preconceitos, sendo que neste caso a pornografia torna-se uma fonte de conhecimento sobre o sexo, sendo utilizada maioritariamente para satisfação pessoal (Baumel et al., 2019). Assim a utilização da pornografia por parte dos homens torna-se socialmente mais aceitável (Træen et al., 2004; Pessoa et al., 2013).

Estudos na Europa e nos Estados Unidos identificaram aspetos positivos e negativos no uso da pornografia. Alguns dos aspetos negativos são: a relação encontrada entre o consumo de pornografia, comportamentos sexuais agressivos (Hald & Malamuth, 2015) e a violência contra a mulher (DeKeseredy, 2015); a utilização da pornografia como

único meio de estimulação e excitação sexual (Şenormanci et al., 2014) e o vício em pornografia (Olmstead et al., 2013); a glorificação do cenário pornográfico, onde todos têm corpos estereotipicamente bonitos, e estão sempre dispostos para qualquer tipo de sexo (Bonomi et al., 2014; Tylka & Diest, 2015), levando à diminuição da autoestima dos consumidores e criando atritos dentro das relações, originados por comparações e exigências (Groß et al., 2011; Tylka, 2015). Já nos aspetos positivos temos: aprendizagens sobre relações sexuais, descoberta do próprio corpo e do corpo do outro (Elder et al., 2015); diminuição dos tabus relacionados com os desejos sexuais, ao ver os mesmos serem representados na pornografia (Elder et al., 2015); evolução do diálogo e da intimidade nas relações românticas (Groß et al., 2011; Popović, 2011); aumento da diversidade dos atos sexuais (Chi et al., 2012; Olmstead et al., 2013).

Algumas das diferenças relacionadas com o consumo de conteúdos pornográficos, parecem advir das diferentes preferências em estímulos sexuais entre géneros. Sendo assim o maior consumo destes conteúdos por parte dos homens pode estar relacionado com o facto de estes se excitarem mais com estímulos eróticos visuais, que revelam o sexo e o corpo de forma explícita, enquanto as mulheres parecem excitar-se mais com estímulos textuais, onde se aprofundam mais as interações relacionais (Castro & Lins, 2020). Adicionalmente, a pornografia heteronormativa é produzida tendo em conta os desejos e necessidades dos homens, não visando necessariamente o público feminino, sendo, portanto, normal que a mesma seja mais consumida por homens (Cooper et al., 2002; Esteves, 2018 cit. por Castro & Lins, 2020). Porém, temos também de ter em conta que as mulheres podem sentir-se mais reticentes que os homens em assumir o consumo de pornografia, isto como consequência dos estigmas e estereótipos ainda existentes na nossa sociedade (Alves et al., 2008; Blais-Lecours et al., 2016; Tarrant, 2016), que criam um duplo padrão sexual, ou seja, um conjunto de normas sociais que ditam quais devem ser os comportamentos sexuais de cada género (Reiss, 1964), existindo assim diferentes julgamentos para homens e mulheres, favorecendo-se a liberdade sexual do género masculino (Alves et al., 2008; Zaikman & Marks, 2016).

1.4.4. Pornografia e relações românticas

Tendo tudo o que foi referido acima em consideração, uma das maiores problemáticas do consumo de pornografia prende-se com o facto de esta reproduzir a

expressão da cultura patriarcal, influenciando deste modo o entendimento dos papéis de gênero e das expectativas das relações sexuais. Remete para a submissão das mulheres face aos homens e promove a violência e pressão em participar em atos sexuais não desejados dentro das relações românticas (Baumel et al., 2019). Podemos então dizer que o uso excessivo da pornografia heteronormativa, pode relacionar-se com a violência contra a mulher (DeKeseredy, 2015) e, a normalização de comportamentos sexuais agressivos por parte de homens com valores reduzidos de agradabilidade (Hald & Malamuth, 2015).

Também a glorificação do cenário pornográfico se reflete como uma consequência negativa do consumo de pornografia, sendo este incompatível com uma relação sexual real. Leva os indivíduos a fazerem comparações com o corpo ideal, o parceiro ideal, e atribui às pessoas uma pressão em refletirem o que veem e conseqüentemente a exigirem o mesmo dos/as parceiros/as (Bonomi et al., 2014; DeKeseredy, 2015; Tylka & Diest, 2015), contribuindo assim para a diminuição da autoestima e o aumento de inseguranças nas relações (Grov et al., 2011; Staley & Prause, 2013; Tylka, 2015).

Assim remetendo para os objetivos deste estudo que serão explorados de seguida. Evidencia-se a relevância deste projeto de dissertação, tanto em termos teóricos como práticos. Por um lado, porque é uma temática pouco investigada, pelo que este projeto pode permitir aumentar o conhecimento sobre o impacto que o consumo de pornografia heteronormativa sexista pode ter nos relacionamentos românticos (Baron, 1990; D'Abreu, 2013), comportamentos, sentimentos e pensamentos, que conseqüentemente influenciam o nosso percurso de vida e de outros/as, possuindo um efeito dominó na sociedade (Pinto, et al., 2010; MacKin, 1989 cit. por Baron, 1990). Por outro lado, porque este estudo pode contribuir, a partir do conhecimento dos impactos que o consumo de pornografia heteronormativa pode ter nos relacionamentos românticos, para o desenvolvimento de programas de intervenção que possibilitem diminuir o sexismo e promover a igualdade de gênero.

2. Método

2.1. Objetivos

Este estudo tem como objetivo geral investigar a que níveis o sexismo impacta e se perpetua por meio do consumo de pornografia heteronormativa para o contexto das relações românticas heterossexuais e, se esse consumo se reproduz nas relações sexuais das mesmas, comparando o sexo feminino com o masculino. Atendendo ao objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: (1) identificar os conteúdos sexuais pornográficos heteronormativos consumidos pelos/as participantes e seu grau de sexismo, comparando o sexo feminino com o masculino; (2) identificar as características do consumo de conteúdos sexuais pornográficos heteronormativos, bem como o seu impacto no relacionamento romântico, no comportamento, sentimentos e pensamentos dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino; (3) averiguar se o possível impacto do consumo dos conteúdos sexuais pornográficos heteronormativos, tem um efeito de replicação e/ou solidificação das atitudes sexistas nas diferentes vertentes individuais e sociais, comparando o sexo feminino com o masculino.

2.2. Abordagem metodológica

Tendo em conta a natureza do tema abordado neste estudo e os objetivos deste, foi seguida uma abordagem metodológica de natureza qualitativa correlacional e uma análise fenomenológica interpretativa (IPA), sendo a recolha de dados obtida através de entrevistas semiestruturadas e posteriormente tratada com recurso ao *software* Nvivo.

A metodologia qualitativa é um método de pesquisa que descreve fenómenos a partir do ponto de vista dos informantes, descrevendo múltiplas realidades e desenvolvendo a compreensão holística dos fenómenos dentro de um determinado contexto (Glickman et al., 2007 cit. por Hidal & Alabri, 2013). Esta pode levar os/as investigadores/as a obter uma compreensão mais profunda do problema (Malakolunthu, 2007 cit. por Hidal & Alabri, 2013; Tombolato & Santos, 2020). Assim a análise qualitativa procura dar significado aos dados coletados e encontrar relações entre as categorias e temas dos dados de modo a aumentar a compreensão de determinado

fenómeno (Marshall & Rossman, 2016). Atualmente, a pesquisa qualitativa abrange muitas preocupações teóricas e conceituais dos/as investigadores/as (Pernecky, 2016 cit. por Tombolato & Santos, 2020) em temáticas relacionadas com o género, classe, etnia, ente outros recaindo sobre uma vertente de investigação mais aprofundada e reflexiva (Tombolato & Santos, 2020). Assim, esta metodologia destaca-se pela sua atribuição de significados, aspirações, motivos, atitudes e valores (Minayo, 2010), indo ao encontro do que se pretende estudar.

Em concordância a análise fenomenológica interpretativa (AFI), recai também numa vertente interpretativa (Smith et al., 2009), sendo maioritariamente aplicada perante uma recolha de dados feita com recurso a entrevistas semiestruturadas (Tombolato & Santos, 2020) e, visando aprofundar as perspetivas dos/as participantes. Esta é caracterizada por uma apreciação profunda de cada caso e posteriormente tirada de apreciações gerais (Smith et al., 2009). Temos ainda que a AFI é normalmente aplicada em estudos com poucos participantes de modo a encontrar convergências e divergências entre as experiências dos/as participantes, o que conseqüentemente torna as conclusões relativamente restritas ao grupo estudado, sendo, contudo, possível ampliar estas conclusões através de uma generalização teórica (Tombolato & Santos, 2020).

Assim, a AFI procura perceber e analisar o significado que os/as participantes dão às suas experiências e, os significados dados a essas mesmas experiências pelos/as investigadores/as, resultando numa impossibilidade de neutralidade, sendo, portanto, necessário abraçar os vieses provenientes deste método de análise (Smith & Osborn, 2004, cit. por Harrison et al., 2012). Logo, este tipo de análise de dados vai de acordo com os objetivos deste estudo, ou seja, de investigar, contextualizar, descrever e interpretar os significados que os/as participantes atribuem às suas experiências, considerando o viés de quem o faz (Tombolato & Santos, 2020).

Seguidamente fez-se a análise de conteúdo das respostas. A análise de conteúdo consiste num conjunto de procedimentos sistemáticos centrados nas características da linguagem, que visam descrever o conteúdo das entrevistas e posteriormente retirar conhecimento referente aos significados contextuais das mesmas (Bardin, 2009; Mctavish & Pirro, 1990). Segundo Moraes (1999) as etapas para a análise de conteúdo são: preparar

a informação, criar unidades a partir do conteúdo, criar categorias para categorizar as unidades, descrever e por fim interpretar.

Para se fazer esta análise, os dados obtidos foram então tratados através do software Nvivo, por este ser bastante compatível com a AFI, visando a análise e interpretação dos dados, pois este software permite um processamento sistemático da análise a ser aplicada, garantindo uma abordagem rigorosa e uma inspeção precisa das ações tomadas, sendo este um critério importante para confiabilidade e plausibilidade do estudo (Drisko, 1998).

Ezzy (2002) e Braun e Clarke (2006) exemplificaram alguns passos para interpretar dados no Nvivo. O primeiro autor conduziu uma análise primária. Este processo envolveu uma leitura inicial atenta e codificação inicial das transcrições. As notas foram feitas identificando temas emergentes, usando as perguntas da entrevista e os objetivos principais do estudo (Ex: discursos sobre sexo e relacionamentos) como categorias de código iniciais. Foram também identificados códigos in-vivo ao longo desse processo com base em temas e padrões emergentes nos dados. Esse processo foi então repetido no Nvivo, com os dados classificados em categorias e subcategorias de código. Foi dada especial atenção aos temas e padrões recorrentes nos dados, mas também aos casos que contradiziam, complicavam ou de alguma forma ficavam fora das categorias temáticas dominantes. Isso permitiu explicar a complexidade e as nuances nas experiências das pessoas.

2.2.1. Participantes no estudo

A temática da sexualidade é ainda, de certa forma uma temática sensível em Portugal, já que vivemos durante muitos anos numa sociedade conservadora, vivíamos numa sociedade portuguesa conservadora e rígida em relação à sexualidade. Apesar de atualmente nos depararmos com uma banalização de imagens e textos desta temática, vemos também uma dicotomia entre o público e o privado, pois por um lado temos este discurso público mais aberto em relação à sexualidade, mas por outro temos uma maior facilidade em criticar e controlar a sexualidade dos outros (Aboim, 2013). Perante isto e tendo em conta os objetivos de investigação e abordagem metodológica deste estudo, foi utilizado um tipo de amostragem não probabilística, sendo necessário recorrer à técnica

de amostragem *snowball*, já que este tipo de recolha é vantajoso quando existem dificuldades em alcançar uma determinada população (Ochoa, 2015).

Os dados foram então recolhidos através de 20 entrevistas realizadas a jovens adultos (N=20) do sexo feminino (N=11) e masculino (N=9) com idades compreendidas entre os 22 e os 34 anos inclusive. Os/as participantes tiveram de obedecer aos seguintes requisitos de participação: a) terem idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos inclusive; b) terem experienciado pelo menos uma relação romântica heterossexual, com um mínimo de 6 meses de duração e com a existência de relações sexuais; c) terem consumido conteúdos pornográficos heteronormativos; d) assinarem o consentimento informado.

A nível da caracterização sociodemográfica (Anexo B) dos/as participantes no estudo temos que a idade média é de 25.95 anos. Todos/as tem nacionalidade portuguesa, habitando em diversas zonas de Portugal (3 no Alentejo, 9 no Centro, 2 em Lisboa, 1 na Madeira e 5 no Norte). A nível de escolaridade, todos/as concluíram o 12º ano, sendo que 10 concluíram uma licenciatura e 7 concluíram um mestrado. A respeito do nível socioprofissional, 3 dos/as participantes estão desempregados/as, 6 são estudantes e os/as restantes 11 trabalham em diversas áreas. No que toca à situação conjugal 15 dos/as participantes são solteiros/as e, os/as restantes 5 estão em união de facto. Respetivamente ao relacionamento atual, 15 dos/as participantes encontram-se atualmente num relacionamento. Em relação ao número de filhos apenas uma participante relatou ter dois filhos. A respeito do grau de religiosidade 15 relatam um baixo grau de religiosidade, 3 um grau médio e 2 um grau elevado. Quanto à posição política 2 identificam-se com uma posição política de direita, 10 com uma posição política de centro e 8 com uma posição política de esquerda.

2.2.2. Instrumentos

Para a recolha de dados foi utilizado como instrumento uma entrevista semiestruturada, sendo o seu guião (Anexo C) previamente construído com base na literatura, no objetivo geral e objetivos específicos delineados. Tendo em conta que esta se trata de uma investigação qualitativa, faz sentido a escolha da entrevista como instrumento de recolha de dados, pois esta possibilitou determinar de que forma os/as

entrevistados/as veem o mundo à sua volta em relação ao assunto abordado, bem como a sua opinião e sentimentos em relação ao mesmo, destaca-se então a exploração dos significados atribuídos pelos/as participantes às suas experiências (Malakolunthu, 2007 cit. por Hidal & Alabri, 2013). Em específico, a entrevista semiestruturada torna a abordagem mais fácil e ajuda os/as investigadores/as menos experientes a cumprir os objetivos da entrevista (Minayo, 2010).

Os dados obtidos foram tratados através do software Nvivo. Este apresenta diversas vantagens, facilitando a descoberta de tendências, reconhecimento de temas e a retirada de conclusões, tanto dentro como fora do objetivo geral e objetivos específicos previamente definidos (Hidal & Alabri, 2013). Mais especificamente o software Nvivo permite de uma forma acessível, gerir dados permitindo a sua organização, gerir ideias facilitando o entendimento e conceptualização do objeto em estudo, analisar dados fazendo uso das suas diferentes ferramentas que permitem fazer diversas relações, visualizar resultados dessas possíveis relações ao apresentar gráficos e ainda, comunicar resultados ao utilizar os dados para formular relatórios de transcrição (Bazeley, 2007 cit. por Hidal & Alabri, 2013). Neste estudo utiliza-se o coeficiente de Pearson (análise que é permitida pelo Nvivo) para analisar a relação entre variáveis. O coeficiente de correlação de Pearson assume valores entre -1 e 1 , em que valores abaixo de 0.4 indicam uma correlação fraca ou insignificante, entre 0.4 e 0.7 , indicam uma correlação moderada, entre 0.7 e 0.9 indicam uma correlação forte e acima de 0.9 indicam uma correlação muito forte (Schober, et al., 2018).

2.2.3. Procedimentos de recolha de dados

O primeiro passo foi elaborar um guião de entrevista (Anexo C), logo foram considerados os objetivos específicos do estudo dividindo-se o guião em redor dos mesmos. Cada parte do guião procurou explorar um destes objetivos através de uma série de questões de modo a obter as opiniões, ideias e experiências dos/as entrevistados/as, podendo depois corroborar esta informação com a teoria. Procedendo-se a um *brainstorming* de questões dentro de cada objetivo específico, sendo posteriormente analisadas individualmente e em conjunto de modo a refinar as questões e eliminar repetições. Para isso, tomou-se especial atenção na construção das questões, incluindo: o cuidado em utilizar uma linguagem acessível; evitar questões que pudessem influenciar

as respostas seguintes; fazer perguntas abertas de modo a obter respostas desenvolvidas; não deixar dúvidas em relação à intenção da questão; obrigar uma introspecção do/a entrevistado/a, entre outros. Foi ainda necessário adaptar algumas das questões de forma a serem mais abrangentes, diminuindo a duração da entrevista.

Após a construção e integração das questões nos devidos objetivos específicos, foram realizadas testagens do guião até se obter a versão finalizada com pessoas que correspondiam aos critérios de participação no estudo. Estas testagens visaram analisar a acessibilidade e coerência das questões, o tempo de duração da entrevista, se as respostas permitiam responder aos objetivos e a receção dos futuros participantes à entrevista.

Foi ainda construído o consentimento informado (Anexo D), de modo a dar a conhecer aos/às entrevistados/as o tema, objetivos, responsáveis e metodologia do estudo. O mesmo procura ainda informar sobre o tratamento de dados dos/as entrevistados/as, assegurando a confidencialidade e o anonimato e, pedir autorização para a gravação do áudio da entrevista para posterior transcrição.

Terminado o guião e o consentimento informado foram contactados alguns dos futuros participantes diretamente (Ex: amigos, amigos de amigos) de modo a questionar a sua disponibilidade e interesse em participar no estudo. Este contacto foi feito pessoalmente ou através de diferentes redes sociais, fornecendo uma breve explicação sobre os objetivos do estudo e indicadores de participação. Considerando a temática do estudo sensível, este primeiro contacto resultou em apenas 8 entrevistas, iniciando-se assim um processo de *snowball* (Ochoa, 2015) em que foi pedido aos alvos deste primeiro contacto que falassem com os seus conhecidos, de modo a encontrar interessados em participar no estudo. Este longo processo originou as restantes 12 entrevistas.

As entrevistas foram realizadas individualmente e em dois contextos distintos, o presencial e o online através de aplicações de videoconferência. O online foi o mais comum (N=15) devido não só à situação pandémica do Covid-19, mas também influenciado pelo tema, o distanciamento geográfico, a disponibilidade e o conforto dos/as entrevistados/as. Neste contexto, 6 entrevistas foram feitas através do Zoom, 3 através do Discord e 6 através do Google Meetings. Nos casos das entrevistas presenciais (N=5) foram realizadas em lugares privados e sem ruídos, assegurando-se as condições

necessárias à sua ocorrência, seguindo as recomendações de saúde da Direção-Geral da Saúde devido à situação pandémica do Covid-19 na altura das entrevistas.

A duração média das entrevistas foi de cerca de 50 minutos, com duração máxima de 2 horas e mínima de 40 minutos. Esta variação de tempo pode dever-se ao tipo de relação com o/a entrevistado/a e/ou ao à vontade pessoal de cada entrevistado/a com a temática, nas quais se destacaram três situações distintas. A primeira em que existia algum tipo de contacto prévio ou uma relação de amizade com o/a entrevistado/a, em que facilmente se obteve uma resposta, existindo até casos em que os/as entrevistados/as acabavam por responder a mais que uma pergunta de uma só vez. No segundo caso, a entrevista foi o primeiro contacto com o/a entrevistado/a, sendo requerido mais tempo, orientação e reformulação das questões. Finalmente, o terceiro caso, diferencia-se do segundo no modo que, mesmo com os cuidados anteriores, o desconforto com a temática era mais evidente e, as respostas acabavam por ser mais curtas e distantes.

No final de cada entrevista foi escutado o áudio da mesma e transcrito o seu conteúdo, sendo este destruído logo de seguida. De modo a garantir o anonimato dos participantes, as transcrições foram codificadas com a letra F no caso das entrevistadas e a letra M para os entrevistados. Atribui-se também um número entre 1 e 11 para as mulheres e 1 e 9 para os homens correspondente à ordem das entrevistas (Exemplos de entrevistas – Anexo E).

2.2.4. Procedimentos de análise de dados

De seguida fez-se a leitura compreensiva das entrevistas transcritas, sendo identificados tópicos recorrentes de modo a criar os primeiros códigos e subcódigos no Nvivo. Foram ainda criados códigos correspondentes aos dados sociodemográficos dos/as entrevistados/as e a cada pergunta da entrevista de modo a facilitar a comparação das respostas. Foi então feita a primeira codificação das transcrições, seguida de uma recodificação mais detalhada onde foram sendo criados diversos subcódigos (Anexo F) emergentes dos diferentes aspetos mencionados pelos/as entrevistados/as ao longo das entrevistas.

Terminada a codificação, foram analisados os códigos, foram criados diagramas e tabelas de análise de clusters por similaridade de palavras (Pearson) (Anexo G),

matrizes e nuvens de palavras (Anexo H) e foram relidas as transcrições das entrevistas e o guião de entrevista. Toda esta informação foi utilizada para criar categorias e subcategorias que englobam as principais ideias e opiniões emitidas pelos/as entrevistadas/os e, para criar tabelas de análise temática e categorial dos dados obtidos, apresentadas no seguinte tópico e tabelas de verbalizações dos/as entrevistados (Anexo I).

Finalmente, efetuou-se a compreensão e interpretação do conteúdo das entrevistas através dos dados obtidos, mediante a sua análise reflexiva e crítica, relacionando os resultados obtidos e a fundamentação teórica.

3. Apresentação e Análise de Resultados

Perante os dados obtidos através do Nvivo e múltiplas releituras das entrevistas foram criados quatro temas que englobam as categorias e subcategorias mencionadas, sendo estes utilizados como guia para a apresentação e análise de resultados. Assim, chegou-se às grelhas de análise temática e categorial que vamos poder ver em cada tema, seguidas das interpretações das mesmas.

Tema 1 - Identificação e caracterização dos conteúdos e consumos pornográficos heteronormativos consumidos pelos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino

Subtemas	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo (n)		Critérios
			Mulheres	Homens	
1.1 - Primeiro contacto com conteúdos pornográficos	1. Idade 2. Forma de contacto		1. Idade média (15.6) 2. Contacto por exposição (N=9) Contacto por procura (N=7) Meio utilizado: <ul style="list-style-type: none"> • Sites (N=7) • Tumblr (N=1) • Imagens e anúncios no computador (N=1) 	1. Idade média (12.5) 2. Contacto por exposição (N=7) Contacto por procura (N=5) Meio utilizado: <ul style="list-style-type: none"> • Sites (N=6) • Vídeo jogos (N=2) • Calendários (N=1) • Filmes (N=1) • Piadas (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes ao primeiro contacto do/a entrevistado/a com conteúdos pornográficos
1.2 - Características do consumo de conteúdos pornográficos	1. Regularidade de consumo 2. Meios utilizados para aceder 3. Com quem consome 4. Influências na regularidade de consumo provenientes de consumir		1. Regularidade (13.7 vezes/ano) 2. Meios utilizados: <ul style="list-style-type: none"> • Sites (N=11): <ul style="list-style-type: none"> ○ Pornhub (N=3) ○ Xnxvideos (N=1) • Redes sociais (N=3): <ul style="list-style-type: none"> ○ Tumblr (N=1) ○ Reddit (N=2) 	1. Regularidade (273.9 vezes/ano) 2. Meios utilizados: <ul style="list-style-type: none"> • Sites (N=9): <ul style="list-style-type: none"> ○ Pornhub (N=6) ○ Kink.com (N=1) ○ Xvideos (N=1) ○ Chaturbate (N=1) • Redes sociais (N=2): <ul style="list-style-type: none"> ○ Tumblr (N=1) ○ Reddit (N=1) ○ Twiter (N=1) ○ Instagram (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes às características específicas do consumo de conteúdos pornográficos dos/as entrevistados/as

	<p>sozinho/a ou acompanhado/a</p> <p>5. Motivações para consumir conteúdos pornográficos</p> <p>6. Categorias de conteúdos pornográficos consumidas</p>		<p>3. Consumo individual (N=7) Consumo acompanhado (N=8)</p> <p>4. Regularidade influenciada (N=1) Regularidade não influenciada (N=5)</p> <p>5.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Motivações mudaram (N=3): <ul style="list-style-type: none"> ○ Passado: Estímulo sexual; Presente: Sem motivações para assistir (N=1) ○ Passado: Curiosidade; Presente: Não consome por desconforto (N=1) ○ Passado: Curiosidade e excitação; Presente: Excitação e agradar ao parceiro (N=1) • Motivações mantiveram-se (N=8): <ul style="list-style-type: none"> ○ Estímulo sexual e prazer (N=4) ○ Curiosidade e aprendizagem (N=4) ○ Agradar ao parceiro (N=3) ○ Quebra de rotina (N=2) <p>6. Categorias mudaram (N=3) Categorias mantiveram-se (N=8)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Categorias consumidas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Heterossexuais (N=9) ○ BDSM (N=3) ○ Amadores (N=2) ○ Grupos/orgias (N=2) ○ Dominação/submissão (N=2) ○ Violento (N=1) ○ Anal (N=1) ○ Homossexual (N=3) 	<p>3. Consumo individual (N=9) Consumo acompanhado (N=5)</p> <p>4. Regularidade influenciada (N=4) Regularidade não influenciada (N=1)</p> <p>5.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Motivações mudaram (N=3): <ul style="list-style-type: none"> ○ Passado: Agradar à parceira, curiosidade, exploração, entre outras; Presente: Prazer, partilha e <i>coping</i> do stress (N=1) ○ Passado: Curiosidade; Presente: <i>Coping</i> do stress e prazer (N=1) ○ Passado: Masturbação e prazer; Presente: Curiosidade e preliminares (N=1) • Motivações mantiveram-se (N=6): <ul style="list-style-type: none"> ○ Estímulo sexual e prazer (N=6) ○ <i>Coping</i> (N=3) ○ Curiosidade e aprendizagem (N=2) ○ Quebra de rotina (N=1) ○ Influência de amigos/as (N=1) <p>6. Categorias mudaram (N=2) Categorias mantiveram-se (N=7)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Categorias consumidas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Heterossexuais (N=4) ○ BDSM (N=3) ○ Amadores (N=3) ○ Grupos/orgias (N=4) ○ Dominação/submissão (N=2) ○ Violento (N=1) ○ Anal (N=1) 	
--	---	--	--	---	--

1.3 - Pornografia como fonte de conhecimento	1. Esclarecimento de dúvidas a partir da pornografia 2. Descobertas pessoais a partir da pornografia		<p>1. Dúvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nenhuma (N=7) • Sucesso no esclarecimento de dúvidas (N=3) <ul style="list-style-type: none"> ○ Ver como as relações/interações sexuais funcionavam (N=1) • Sucesso inconclusivo no esclarecimento de dúvidas (N=1) <p>Razões para não usar os conteúdos para esclarecer dúvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Traz mais dúvidas do que dá respostas (N=1) <p>2. Descobertas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nenhuma (N=8) • Não gostar dos conteúdos (N=1) • Formas de prazer/estimulação (N=2) 	<p>1. Dúvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nenhuma (N=4) • Sucesso no esclarecimento de dúvidas (N=3) <ul style="list-style-type: none"> ○ Explora bissexualidade (N=1) ○ Descoberta/confirmação de gostos (N=1) ○ Como é que as raparigas têm relações com múltiplas penetrações (N=1) ○ O que fazer/usar para ajudar a mulher (N=1) • Insucesso no esclarecimento de dúvidas (N=2) <p>Razões para não usar os conteúdos para esclarecer dúvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para isso usa-se o Google (N=1) • Conteúdos não são realistas (N=1) <p>2. Descobertas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nenhuma (N=3) • Descoberta/confirmação de gostos (N=4) • Novas ideias (N=1) • Informação sobre sexo (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes à pornografia como fonte de conhecimento dos/as entrevistados
1.4 - Perceção do/a entrevistado/a relativamente aos conteúdos pornográficos que consome	1. Perceção positiva ou negativa dos conteúdos pornográficos	1.1. Sentimentos/aspetos positivos 1.2. Sentimentos/aspetos negativos	<p>1.1 Sentimentos positivos (N=10):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prazer/excitação/satisfação (N=7) • Aproximação/felicidade do parceiro (N=3) • Bem-estar (N=1) • Divertimento (N=1) • Confiança (N=1) • Aumento do desejo (N=1) 	<p>1.1 Sentimentos positivos (N=8):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prazer/excitação/satisfação (N=9) • Descontração/alívio do stress (N=4) • Divertimento (N=1) • Felicidade (N=1) <p>Aspetos positivos (N=8):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fornece prazer/excitação (N=5) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes aos sentimentos positivos e negativos desencadeados pelos conteúdos

			<ul style="list-style-type: none"> • Curiosidade (N=1) <p>Aspetos positivos (N=10):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fornece prazer/excitação (N=5) • Fantasias representadas (N=3) • Promove aprendizagem/descoberta (N=2) • Serve como quebra na rotina (N=1) <p>1.2</p> <p>Sentimentos negativos (N=7):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Culpa (N=4) • Medo de não agradar ao parceiro (N=2) • Sentimento de inferioridade (N=2) • Desconforto (N=1) • Insegurança (N=1) • Preocupação com as condições precárias e/ou exploratórias dos/as atores e atrizes (N=1) <p>Aspetos negativos (N=10):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Irrealista (N=6) • Propagação de ideias/valores/expectativas desajustados (N=4) • Vídeos mal produzidos (N=2) • Condições precárias e/ou exploratórias dos/as atores e atrizes (N=1) • Falta de afeto (N=1) • Cria inseguranças (N=1) • Feito para o prazer do homem (N=1) • Mulher sempre submissa (N=1) 	<ul style="list-style-type: none"> • Promove aprendizagem/exploração (N=4) • Realiza fantasias (N=1) • Bom para preliminares (N=1) • Conteúdos diversificados (N=1) <p>1.2</p> <p>Sentimentos negativos (N=6):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Medo de a parceira não agradar (N=2) • Inseguranças (N=1) • Culpa (N=1) • Diminuição do apetite sexual (N=1) • Medo de não agradar à parceira (N=1) <p>Aspetos negativos (N=8):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cria expectativas desajustadas (N=6) • Irrealista (N=3) • Difícil encontrar algo bom (N=3) • Condições precárias e/ou exploratórias dos/as atores e atrizes (N=1) • Cria inseguranças (N=1) • Promove aprendizagens desajustadas (N=1) • Mulher sempre submissa (N=1) <ul style="list-style-type: none"> • Falta de afeto (N=1) 	<p>pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as e, os aspetos positivos e negativos que estes identificam nos mesmos</p>	
2. Características dos conteúdos consumidos	2.1. Existência de preliminares	2.1	<p>Relatos sobre preliminares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existência de preliminares (N=5): <ul style="list-style-type: none"> ○ Só existe para homens (N=1) 	2.1	<p>Relatos sobre preliminares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existência de preliminares (N=4): <ul style="list-style-type: none"> ○ Por exemplo sexo oral (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações

		<p>2.2. Presença de métodos de proteção/contraceção</p> <p>2.3. Características físicas e de personalidade das mulheres e dos homens representadas/os</p> <p>2.4. Influências nas categorias consumidas</p> <p>2.5. Existência de dinâmicas de poder entre homens e mulheres</p> <p>2.6. Realismo dos conteúdos pornográficos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de preliminares (N=6) <p>2.2 Relatos sobre métodos de proteção / contraceção:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existência de métodos de proteção / contraceção (N=3): • Ausência de métodos de proteção / contraceção (N=8): <p>2.3 Características atribuídas às mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Características físicas <ul style="list-style-type: none"> ○ Estereotipicamente atraente (N=7) • Características de personalidade <ul style="list-style-type: none"> ○ Submissa (N=4) ○ Disponível para oferecer prazer (N=1) ○ Frágil (N=2) <p>Características atribuídas aos homens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Características físicas <ul style="list-style-type: none"> ○ Estereotipicamente atraente (N=6) ○ Variáveis (N=2) • Características de personalidade <ul style="list-style-type: none"> ○ Dominante (N=5) ○ Agressivo (N=1) ○ Variáveis (N=1) 	<p>○ Por exemplo “amassos” (N=1)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de preliminares (N=5): <ul style="list-style-type: none"> ○ Se tivesse passava á frente (N=1) <p>2.2 Relatos sobre métodos de proteção / contraceção:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existência de métodos de proteção / contraceção (N=1): • Ausência de métodos de proteção / contraceção (N=8): <ul style="list-style-type: none"> ○ Raramente aparece algum método como o preservativo (N=3) ○ Visualmente é mais agradável sem (N=1) <p>2.3 Características atribuídas às mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Características físicas <ul style="list-style-type: none"> ○ Estereotipicamente atraente (N=6) ○ Variáveis (N=3) • Características de personalidade <ul style="list-style-type: none"> ○ Submissa (N=3) ○ Disponível para oferecer prazer (N=2) <p>Características atribuídas aos homens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Características físicas <ul style="list-style-type: none"> ○ Estereotipicamente atraente (N=3) ○ Variáveis (N=5) • Características de personalidade <ul style="list-style-type: none"> ○ Dominante (N=2) ○ Agressivo (N=1) ○ Variáveis (N=1) 	<p>referentes às características dos conteúdos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>
--	--	---	---	---	---

			<p>2.4 Influência para as mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consumir conteúdos sozinho ou acompanhada influencia as categorias consumidas (N=3) • Consumir conteúdos sozinho ou acompanhada não influencia as categorias consumidas (N=4) <p>2.5 Existência de dinâmicas de poder nos conteúdos pornográficos (N=11)</p> <ul style="list-style-type: none"> • De que forma estão presentes: <ul style="list-style-type: none"> ○ O homem tem mais poder (N=7) ○ Foco no prazer do homem (N=2) ○ Mulher submissa (N=2) ○ Mulher objetificada (N=1) ○ É raro existir sexo oral feito à mulher (N=1) ○ Ausência de preliminares (N=1) ○ Foco na humilhação da mulher (N=1) <p>2.6 Caracterização dos conteúdos pornográficos como realistas (N=3):</p> <ul style="list-style-type: none"> • É fisicamente realistas (N=1) <p>Caracterização dos conteúdos pornográficos como irrealistas (N=8):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não consumo por não ser realista (N=1) • Se fosse replicado era tudo a favor do homem (N=1) 	<p>2.4 Influência para os homens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consumir conteúdos sozinho ou acompanhado influencia as categorias consumidas (N=5) • Consumir conteúdos sozinho ou acompanhado não influencia as categorias consumidas (N=1) <p>2.5 Existência de dinâmicas de poder nos conteúdos pornográficos (N=8)</p> <ul style="list-style-type: none"> • De que forma estão presentes: <ul style="list-style-type: none"> ○ Mulher submissa (N=3) ○ Homem dominante (N=3) ○ Mulher subjugada ao homem (N=3) ○ O homem tem mais poder (N=1) <p>Inexistência de dinâmicas de poder nos conteúdos pornográficos (N=1)</p> <p>2.6 Caracterização dos conteúdos pornográficos como realistas (N=5):</p> <ul style="list-style-type: none"> • A pornografia amadora é realista (N=1) • 70% são realistas (N=1) • O que consumo (BDSM) é realista (N=1) <p>Caracterização dos conteúdos pornográficos como irrealistas (N=8):</p> <ul style="list-style-type: none"> • 30% são irrealistas • O <i>hentai</i> por exemplo é completamente fictício (N=1) 	
--	--	--	---	---	--

	<p>3. Opinião sobre os conteúdos pornográficos</p>	<p>3.1. Porque existem ou não preliminares 3.2. Porque são ou não realistas 3.3. Porque existem diferenças entre os homens e as mulheres representados/as na pornografia 3.4. Influência das representações na visão que temos de ambos os géneros 3.5. Influência das representações na sociedade 3.6. Porque existem dinâmicas de poder entre homens e mulheres</p>	<p>3.1 Opinião sobre a existência de preliminares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque existem preliminares: <ul style="list-style-type: none"> ○ Por causa do esforço em procurar os mesmos (N=5) • Porque não existem preliminares: <ul style="list-style-type: none"> ○ Porque a pornografia é criada para homens (N=2) ○ Porque as pessoas não querem ver preliminares (N=2) ○ Porque a pornografia é irrealista (N=1) ○ Porque os preliminares são mais para mulheres (N=1) ○ Porque é retirado o romance (N=1) ○ Porque é a base da indústria (N=1) ○ Porque não existe tempo para preliminares nos conteúdos (N=1) <p>3.2 Opinião sobre o realismo dos conteúdos pornográficos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque são realistas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Porque existem diferenças óbvias entre a realidade e a pornografia (N=1) ○ Por causa do esforço em procurar os mesmos (N=1) • Porque são irrealistas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Porque são feitos para satisfazer fantasias irrealistas (N=3) ○ Porque não existe a perfeição representada na realidade (N=3) ○ Porque são feitos para homens (N=2) 	<p>3.1 Opinião sobre a existência de preliminares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque existem preliminares: <ul style="list-style-type: none"> ○ Por causa do esforço em procurar os mesmos (N=5) • Porque não existem preliminares: <ul style="list-style-type: none"> ○ Porque a pornografia é feita para homens e para estes os preliminares são secundários (N=2) ○ Por causa dos padrões da sociedade (N=1) ○ Porque não são estimulantes (N=1) ○ Porque a pornografia é sexista (N=1) ○ Porque é a base da indústria (N=1) <p>3.2 Opinião sobre o realismo dos conteúdos pornográficos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque são realistas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Por causa do esforço em procurar os mesmos (N=2) ○ Porque existe conexão emocional nos que consumo (amador) (N=1) • Porque são irrealistas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Porque são encenados (N=5) ○ Porque as cenas acontecem só para serem filmadas (N=3) ○ Porque são feitos para homens (N=1) ○ Porque quase tudo é relatado como prazeroso (N=1) 	<p>Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes às opiniões sobre os conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>
--	--	--	--	---	--

			<ul style="list-style-type: none"> ○ Porque não existe afeto (N=1) ○ Porque as performances são exageradas (N=1) <p>3.3 Opinião sobre a existência de diferenças nas representações de homens e mulheres nos conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque existem: <ul style="list-style-type: none"> ○ Porque a pornografia é feita para homens (N=1) ○ Por causa dos papéis de gênero (N=1) ○ Por causa do machismo (N=1) ○ Porque o homem tem mais poder social (N=1) ○ Por causa da descredibilização da mulher (N=1) ○ Porque as mulheres têm menos direitos que os homens (N=1) <p>3.4 Opinião sobre a influência das representações de homens e mulheres na visão que temos de ambos os gêneros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem influência (N=8): <ul style="list-style-type: none"> ○ Criação de estereótipos desajustados (N=3) ○ Expectativas de beleza da mulher (N=1) ○ Expectativas de passividade da mulher (N=1) ○ Expectativa de os homens terem pênis grande (N=1) ○ Expectativa de os homens serem agressivos no sexo (N=1) ○ Expectativa de desempenhos sexuais irrealistas (N=1) 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Porque são feitos para satisfazer fantasias irrealistas (N=1) <p>3.3 Opinião sobre a existência de diferenças nas representações de homens e mulheres nos conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque existem: <ul style="list-style-type: none"> ○ Por causa do patriarquismo (N=1) ○ Por causa dos padrões estereotípicos sociais (N=1) ○ Por causa dos estereótipos das fantasias (N=1) <p>3.4 Opinião sobre a influência das representações de homens e mulheres na visão que temos de ambos os gêneros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem influência (N=8): <ul style="list-style-type: none"> ○ Contribui para a caracterização da mulher como submissa, passiva e obediente e o homem como dominante e agressivo (N=2) ○ Expectativas de beleza da mulher (N=1) ○ Leva a comparações do/a próprio/a e do/a parceiro/a com os/as atores e atrizes pornográficos (N=1) ○ Criação de Expectativas desajustadas em relação aos 	
--	--	--	--	--	--

			<ul style="list-style-type: none"> ○ Mais influente quando as pessoas não têm acesso a outro tipo de informação (N=1) • Não tem influência (N=2): <ul style="list-style-type: none"> ○ A realidade é diferente dos conteúdos e as pessoas sabem disso (N=1) ○ Não tem influência na vida das pessoas (N=1) • Existem outras razões (N=1): <ul style="list-style-type: none"> ○ Não é algo específico da pornografia, está presente na maioria dos meios de comunicação (N=1) <p>3.5 Opinião sobre a influência das representações de homens e mulheres na sociedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem influência (N=8): <ul style="list-style-type: none"> ○ Criação de estereótipos desajustados (N=3) ○ Reforço da ideia de que o homem deve ter o poder social (N=2) ○ Expectativa de desempenhos sexuais irrealistas (N=1) ○ Mais influente quando as pessoas não têm acesso a outro tipo de informação (N=1) ○ Reprodução do que é visto nos vídeos para dar prazer (N=1) • Não tem influência (N=1): <ul style="list-style-type: none"> ○ A realidade é diferente dos conteúdos e as pessoas sabem disso (N=1) 	<p>corpos dos homens e das mulheres (N=1)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não tem influência (N=1): <ul style="list-style-type: none"> ○ São representações da realidade e não a origem (N=1) • Existem outras razões (N=1): <ul style="list-style-type: none"> ○ Relacionado com o capitalismo e a maximização de lucros, as indústrias tiram proveito dos padrões e visões sociais, influenciando o comportamento das pessoas (N=1) <p>3.5 Opinião sobre a influência das representações de homens e mulheres na sociedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem influência (N=8): <ul style="list-style-type: none"> ○ Reforço da ideia que o homem deve ter o poder social (N=2) ○ Pode levar a tendências de comportamentos (N=1) ○ Tendo influências individuais vai ter influências sociais (N=1) ○ Reprodução do que é visto nos vídeos (N=1) • Não tem influência (N=1): <ul style="list-style-type: none"> ○ São representações da realidade e não a origem (N=1) 	
--	--	--	---	--	--

			<ul style="list-style-type: none"> ○ Não tem influência na vida das pessoas (N=1) • Existem outras razões (N=1): <ul style="list-style-type: none"> ○ Não é algo específico da pornografia, está presente na maioria dos meios de comunicação (N=1) <p>3.6 Opinião sobre a existência de dinâmicas de poder nos conteúdos pornográficos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque existem: <ul style="list-style-type: none"> ○ Reflexo da sociedade (N=6) ○ Devido ao machismo/patriarquismo (N=2) ○ Devido às fantasias (N=2) ○ Devido aos papéis de género (N=1) ○ Por os homens serem os principais consumidores (N=1) 	<ul style="list-style-type: none"> • Existem outras razões (N=1): <ul style="list-style-type: none"> ○ Relacionado com o capitalismo e a maximização de lucros, as indústrias tiram proveito dos padrões e visões sociais, influenciando o comportamento das pessoas (N=1) <p>3.6 Opinião sobre a existência de dinâmicas de poder nos conteúdos pornográficos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque existem: <ul style="list-style-type: none"> ○ Homens gostam de dominar (N=4) ○ Reflexo da sociedade (N=4) ○ Porque a pornografia é feita para homens (N=1) • Porque não existem: <ul style="list-style-type: none"> ○ O foco é o prazer da mulher (N=1) 	
--	--	--	---	---	--

Tabela 1 - Análise temática e categorial relativa ao Tema 1

O tema 1 (Identificação e caracterização dos conteúdos e consumos pornográficos heteronormativos consumidos pelos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino) procura identificar os diferentes aspetos dos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as e diferentes aspetos do consumo destes conteúdos.

O subtema 1.1 (Primeiro contacto com conteúdos pornográficos), refere-se ao historial do contacto do/a entrevistado/a com os conteúdos pornográficos, tendo o objetivo de perceber como se iniciou este contacto.

Na categoria 1 (Idade) é observada a idade do/a entrevistado/a quando teve o primeiro contacto com conteúdos pornográficos, obtendo-se que os homens entrevistados começaram a assistir a conteúdos pornográficos mais cedo na sua vida do que as mulheres. Adicionalmente temos ainda informação sobre os meios de acesso do primeiro contacto dos/as entrevistados com os conteúdos pornográficos, detetando-se a predominância do acesso através da Internet tanto para homens como para mulheres.

“Foi aos 21” (F06)

“... com 10/11 anos é que fui exposto a conteúdo explicitamente sexual, pois liguei a tv numa casa duns familiares para ver desenhos animados e estava num canal de filmes para maiores de 18 anos...” (M01)

Na categoria 2 (Forma de contacto) foram analisados os contextos do acesso dos/as entrevistados/as à pornografia na idade em que tiveram o primeiro contacto, vendo-se que de um modo geral há mais entrevistados/as a serem expostos a conteúdos pornográficos do que a procurarem os mesmos, existindo também entrevistados/as que foram expostos e não foram procurar, entrevistados/as que procuraram sem terem sido expostos e entrevistados/as que foram expostos e em seguida foram procurar.

“Nunca procurei mesmo, exposta já é outra conversa, por volta dos 20, com alguns parceiros vi, sinceramente era mais por eles, e não mostravam nada a pensar em mim.” (F01)

“Fui procurar na internet, sites e assim.” (M08)

“Foi aos 12. Tudo porque quando fui exposto, fui logo a seguir procurar.” (M04)

No subtema 1.2 (Características do consumo de conteúdos pornográficos) são analisadas as características relatadas pelos/as entrevistados/as sobre o seu consumo de conteúdos pornográficos.

Começando pela categoria 1 (Regularidade de consumo), nesta é observado com que regularidade os/as entrevistados/as relataram assistir a conteúdos pornográficos. Vemos que em média a regularidade relatada pelos homens é muito superior à regularidade relatada pelas mulheres, destacando-se assim que os homens entrevistados consomem mais conteúdos pornográficos que as mulheres.

“Agora não...” (F02)

“Tenho uma libido bastante elevado, (...) consumo conteúdos de imagens e gifs pornográficas (2 a 3 vezes ao dia) ...” (M01)

Na categoria 2 (Meios utilizados para aceder) procurou-se perceber que recursos são utilizados pelos/as entrevistados para aceder a conteúdos pornográficos, vemos que todos os acessos aos meios mencionados são feitos através da Internet, mais especificamente sites pornográficos e redes sociais, todos os/as entrevistados mencionam sites pornográficos e apenas alguns/mas mencionam as redes sociais, vemos ainda que mais homens do que mulheres especificaram quais os sites utilizados. Perante isto observamos que os meios utilizados por homens e mulheres para aceder a conteúdos pornográficos são semelhantes, no entanto os homens parecem mais confortáveis em partilhar detalhes como os sites que usam.

“Sites pornográficos. Como Xnxvideos ou Porhub.” (F04)

“Sites e Reddit no computador” (F11)

“...o melhor é sites pornográficos ou até mesmo Instagram com as fotos que elas publicam hoje em dia ahah. Mais porque é de graça.” (M06)

“É através dos sites pornográficos, como o PornHub” (M08)

A categoria 3 (Com quem consome), objetiva perceber se os/as entrevistados/as consomem conteúdos pornográficos sozinhos/as e/ou acompanhados/as. A maioria das mulheres referem tanto o consumo individual como o acompanhado. Já os homens, todos referem o consumo individual e mais de metade referem o consumo acompanhado. Sendo assim vemos que as mulheres entrevistadas consomem mais pornografia acompanhadas

do que sozinhas, e os homens consomem mais pornografia sozinhos do que acompanhados.

“Eu não utilizo pornografia (...) Só mesmo com eles como disse, e o conteúdo parecia sempre o mesmo” (F01)

“... Mais individualmente, caso esteja acompanhado é muito raro ver algo com elas...” (M06)

Na categoria 4 (Influências na regularidade de consumo provenientes de consumir sozinho/a ou acompanhado/a) procura-se perceber se o facto de os/as entrevistados/as consumirem conteúdos pornográficos sozinhos/as ou acompanhados/as influencia a regularidade deste consumo. Há menos mulheres a dizer que influencia do que não influencia e há mais homens a dizer que influencia do que não influencia. Isto pode prender-se com o facto de os homens consumirem mais pornografia sozinhos existindo influência quando o fazem acompanhados, por outro lado as mulheres consomem mais pornografia acompanhadas não existindo, portanto, influência.

“Eu não utilizo pornografia, mas em alguns relacionamentos talvez estive 1 vez a cada 2 semanas talvez. Só mesmo com eles como disse...” (F01)

“...costumo ver algumas coisas com o meu namorado. Eu quando estou sozinha não vejo” (F08)

“... sozinho consumo muito mais do que acompanhado” (M04)

“... A regularidade não é influenciada por consumir sozinho ou acompanhado” (M08)

Na categoria 5 (Motivações para consumir conteúdos pornográficos) procura-se perceber quais as motivações dos/as entrevistados/as para consumirem conteúdos pornográficos, bem como se essas motivações se mantiveram ou mudaram. Vemos mais homens e mulheres que relatam ter mantido as suas motivações do que ter alterado. Em relação às motivações vemos algumas diferenças que realçam a vertente de os homens consumirem pornografia por prazer e descontração e as mulheres para agradar aos parceiros masculinos.

“Aprender é a maior, no início curiosidade também. Mantiveram, porque quanto à curiosidade quando o meu parceiro sugere, é isso” (F07)

“No passado era principalmente a excitação de olhar para o conteúdo e alguma curiosidade. Hoje em dia é principalmente para excitação e inspiração para com o meu parceiro” (F09)

“...curiosidade, aprendizagem, prazer, satisfação, alívio de stress. Ao longo do tempo as motivações foram evoluindo desde a curiosidade até à maior influência do prazer e alívio de stress” (M02)

“Curiosidade, estímulo sexual pessoal, procura de excitação ou por estar sozinho. As motivações mantiveram-se com o tempo” (M08)

Por último a categoria 6 (Categorias de conteúdos pornográficos consumidas) visa analisar quais as categorias de conteúdos pornográficos consumidas pelos/as entrevistados/as, bem como se essas categorias sempre foram as mesmas ou mudaram. Vemos que há mais homens e mulheres a manterem as categorias do que a mudar, assim denota-se uma constante nas preferências de conteúdos pornográficos tanto para homens como para mulheres. Em relação às categorias consumidas vemos no geral uma semelhança nas categorias consumidas pelos/as homens e mulheres entrevistados/as.

“Antes eu preferia ver pornografia lésbica ou "amateur", que eram o que mais consumia.” (F02)

“Heterossexuais apenas.” (F05)

“Hétero normalmente, mas já vi alguns que envolviam um pouco de violência / dominação” (M03)

“Hétero o às vezes BDSM. No início mais o geral, da hétero, amadores dentro disso. A partir daí, mais adições, como a do BDSM” (M09)

O subtema 1.3 (Pornografia como fonte de conhecimento), visa perceber se os/as entrevistados utilizam os conteúdos pornográficos como fonte de informação para a sua vida pessoal.

Na categoria 1 (Esclarecimento de dúvidas a partir da pornografia) analisou-se se existe a utilização dos conteúdos pornográficos por parte dos/as entrevistados/as para tentar esclarecer alguma dúvida, se foram bem-sucedidos/as e ainda, nos casos de não o terem feito, qual foi a razão. Vemos que menos de metade dos homens e mais de metade das mulheres dizem nunca ter utilizado os conteúdos pornográficos para esclarecer dúvidas e que mais homens do que mulheres relatam ter utilizado a pornografia para

esclarecer dúvidas, sendo que apenas alguns homens relatam não ter sido bem-sucedidos. Assim vemos uma maior tendência por parte dos homens do que das mulheres em tentar esclarecer dúvidas através dos conteúdos pornográficos, no entanto parecem ter menor taxa de sucesso que as mulheres. Em relação às razões para não utilizar os conteúdos pornográficos para esclarecer dúvidas, estas remetem todas para a ideia de que a pornografia não é o meio mais indicado para esclarecer dúvidas.

“Sim, e fui sim. Ver como funcionavam as coisas mais ou menos” (F06)

“Sim, mas não me lembro do que era especificamente ou se fui ou não bem-sucedida” (F10)

“Talvez, quando mais jovem. Penso não ter sido muito bem-sucedido, pelo facto de a maioria do conteúdo ser pouco representativo da realidade” (M08)

“Sim. E, sim. Como fazer coisas, ou usar coisas para ajudar a mulher” (M09)

Na categoria 2 (Descobertas pessoais a partir da pornografia) foram analisadas as descobertas pessoais feitas pelos/as entrevistados/as através dos conteúdos pornográficos. Alguns homens e a maioria das mulheres relatam nunca ter feito nenhuma descoberta pessoal através dos conteúdos sexuais, denotando-se que os homens apresentaram uma tendência maior em fazer descobertas pessoais através dos conteúdos pornográficos do que as mulheres o que pode estar ligado ao maior consumo por parte destes como tinha já sido referido no subtema 1.2 (Categoria 1).

“Que não me agrada” (F01)

“Claro, diria que quase tudo o que sei sobre sexo vem da pornografia mesmo” (M06)

No subtema 1.4 (Perceção do/a entrevistado/a relativamente aos conteúdos pornográficos que consome) são analisadas algumas características descritas pelos/as entrevistados/as sobre os conteúdos pornográficos que consomem, bem como as suas perceções sobre os mesmos.

Começando pela categoria 1 (Perceção positiva ou negativa dos conteúdos pornográficos), esta visa analisar os aspetos e sentimentos positivos e negativos relatados pelos/as entrevistados/as em relação aos conteúdos pornográficos que consomem.

Faz sentido interpretar as subcategorias 1.1 (Sentimentos/aspetos positivos) e 1.2 (Sentimentos/aspetos negativos) em conjunto. Assim temos que quase todos/as os

homens e as mulheres relatam aspetos negativos e positivos, no entanto mais homens e mulheres referem sentimentos positivos do que negativos. Ao nível dos aspetos e sentimentos positivos, destaca-se a importância dada ao parceiro pelas mulheres ao consumirem conteúdos pornográficos e a utilização da pornografia para aliviar o stress por parte dos homens. Em relação aos aspetos e sentimentos negativos, destaca-se o medo das mulheres em não agradarem aos parceiros devido às expectativas criadas pela pornografia e ao mesmo tempo o medo dos homens em as parceiras não lhes agradarem. De forma geral as mulheres parecem identificar mais aspetos e sentimentos negativos do que os homens e parecem sofrer mais consequências negativas que estes, derivadas da pornografia.

“O outro ficava feliz e eu até ficava feliz com isso (...) o prazer do outro...” (F01)

“um bocado assim de vergonha ou também às vezes um sentimento de culpa, às vezes alguma coisa que ele gostasse e eu não conseguir estar à altura disso...” (F08)

“Alivia o stress...” (M05)

“... Só se for aquela cena do tipo, como vejo pornografia, todas as fudas que eu for dar deviam ser mais ou menos daquele género e às vezes não são...” (M04)

Seguindo para a categoria 2 (Características dos conteúdos consumidos), esta tem como objetivo identificar as características dos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as.

A subcategoria 2.1 (Existência de preliminares) focam-se no relato dos/as entrevistados/as em relação à existência ou ausência de preliminares nos conteúdos pornográficos que estes/as consomem. Assim temos que tanto homens como mulheres relatam mais a ausência do que a existência de preliminares, especificando alguns/mas que é necessário procurar conteúdos específicos para os encontrar, logo segundo os/as entrevistados, os preliminares nos conteúdos pornográficos são escassos e/ou difíceis de encontrar.

“...sei muito bem que no geral não existem praticamente...” (F03)

“Existem, escolho os que têm.” (F10)

“Não.” (M06)

“Sim, por escolha...procura.” (M08)

Na subcategoria 2.2 (Presença de métodos de proteção/contraceção) objetiva-se perceber, segundo os relatos dos/as entrevistados/as, se existe a utilização de métodos de proteção/contraceção nos conteúdos pornográficos consumidos por estes/as. Vemos que quase todas/os as mulheres e homens relatam a ausência de métodos e proteção/contraceção nos conteúdos pornográficos que consomem e ainda que dos/as entrevistados/as que dizem existir, a maioria refere ser só ocasionalmente. Assim, como era esperado, denota-se a ausência de métodos de proteção/contraceção na maioria dos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistado/as.

“Nunca me lembro de ver.” (F01)

“Diria que ocasional.” (F04)

“Maioritariamente não” (M01)

“Às vezes” (M09)

De seguida temos a subcategoria 2.3 (Características físicas e de personalidade das mulheres e dos homens representadas/os), esta visa determinar as diferenças nas representações de homens e mulheres nos conteúdos pornográficos. Para isto é analisado as características físicas e de personalidade atribuídas pelos/as entrevistados/as aos/às homens e mulheres presentes nos conteúdos pornográficos. Perante as características descritas, destaca-se a prioridade dada á beleza do corpo da mulher nos conteúdos pornográficos, já em relação aos corpos masculinos não existe tanto rigor. Das características de personalidade, evidencia-se a característica submissa da mulher e dominante do homem nos conteúdos pornográficos.

“Homens com pénis grande” (F06)

“O corpo é tudo muito estereotipicamente perfeito também, o que não é real” (F08)

“Elas tendem a representar um papel mais submisso e obediente, de oferecer prazer, e acabam por ter uma atitude de estar prontas para tudo e o que quiserem que aconteça, aconteça sem elas terem muita palavra nisso, e tão sempre dispostas a tudo.” (M07)

“...homens apresentam geralmente, uma postura mais dominadora e viril” (M08)

De seguida, na subcategoria 2.4 (Influências nas categorias consumidas), procura-se perceber se o facto de os/as entrevistados/as consumirem conteúdos pornográficos sozinhos/as ou acompanhados/as influencia as categorias pornográficas consumidas.

Existe ligeiramente menos mulheres a dizer que existe influência do que a dizer que não existe e existe mais homens a dizer que existe influência do que a dizer que não existe. Isto prende-se com o facto de os homens consumirem mais pornografia sozinhos existindo influência quando o fazem acompanhados, por outro lado as mulheres consomem mais pornografia acompanhadas não existindo influência.

“o conteúdo parecia sempre o mesmo” (F01)

“mudava o conteúdo dependendo dos gostos de cada um” (F11)

“Se consumir esses conteúdos acompanhado tendo a adaptar os conteúdos” (M02)

“...porque quando era acompanhado era considerado os gostos dela. E eram coisas mais específicas com ela, mas para mim não interessa propriamente, vejo a página principal e escolho o que gosto” (M04)

Na subcategoria 2.5 (Existência de dinâmicas de poder entre homens e mulheres) objetiva-se perceber se os/as entrevistados/as denotam dinâmicas de poder entre os homens e as mulheres presentes nos conteúdos pornográficos que consomem e de que forma estas aparecem. Apenas um entrevistado diz não existir dinâmicas de poder, sendo que todos os restantes entrevistados/as dizem existir, especificando que é o homem que detém mais poder. Assim denotamos a percepção dos entrevistados sobre as dinâmicas de poder nos conteúdos pornográficos que colocam o homem acima da mulher.

“homem é sempre o que comanda nos vídeos, isto é, que a mulher é submissa” (F06)

“Toda a gente sonha em ter a mulher da “pornografia” que toma controlo do prazer dos gajos e faz tudo. Isso é cansativo e sadly representativo da sociedade também” (F11)

“No conteúdo que eu vejo o homem é mais dominante que a mulher, mas eu sei que isso não acontece em 100% dos casos. No que vejo acontece isso (...) o homem tem mais poder” (M04)

“Maior parte deles não. O foco é a mulher ter prazer” (M05)

Por fim a subcategoria 2.6 (Realismo dos conteúdos pornográficos) procura perceber o quão realísticos são os conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as segundo a perspetiva dos/as mesmos/as. Tanto homens como mulheres caracterizaram mais os conteúdos pornográficos que consomem como irrealistas do que

como realistas, destacando-se assim que os conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as são maioritariamente irrealistas.

“É mesmo por achar pouco realista que no geral não consumo basicamente nada” (F03)

“Bastante, pois procuro-os especificamente” (F10)

“Pouco realistas, com exacerbação dos momentos de prazer sexual feminino, discurso e dinâmicas muito encenadas” (M08)

“Depende, às vezes não são atores, mas sim casais, atores que prefiro porque aparenta ter alguma conexão emocional” (M09)

Na categoria 3 (Opinião sobre os conteúdos pornográficos) procura-se analisar, segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as, porque razão é que os conteúdos pornográficos apresentam as características descritas pelos/as entrevistados/as na categoria 2 (Características dos conteúdos consumidos).

Começando pelas subcategorias 3.1 (Porque existem ou não preliminares), esta procura perceber segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as, o porquê da existência ou ausência de preliminares nos conteúdos pornográficos consumidos por estes/as. As razões referidas resultam por um lado na ideia de que existem preliminares, mas é necessário procurar especificamente determinados conteúdos pornográficos e por outro lado, existe uma escassez da representação de preliminares, devendo-se isto, de um modo geral, segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as, à pornografia ser feita para homens, não tendo estes interesses em ver preliminares.

“Porque não é realístico e os preliminares são mais para nós, e muitos não querem saber disso, logo não criam muita com isso de certeza.” (F01)

“Sim, eu procuro.” (F06)

“Sim. Alguns até só preliminares. Tipo sexo oral.” (M04)

“... Porque a pornografia é sexista e feita para homens, para nós os preliminares são secundários, ao contrário das mulheres, certamente também deve existir pornografia mais direcionada a mulheres, mas a normal não.” (M06)

De seguida temos a subcategoria 3.2 (Porque são ou não realistas), esta procura perceber, segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as, o porquê de os conteúdos pornográficos que estes/as consomem serem ou não realistas. As razões referidas resultam

por um lado na ideia de que tanto homens como mulheres dizem existir conteúdos pornográficos realistas, mas é necessário procurá-los especificamente e por outro lado, vemos que as mulheres caracterizam os conteúdos pornográficos como irrealistas principalmente por estes serem feitos para homens, enquanto que os homens o fazem principalmente por estes serem encenados.

“Nada realísticos. Ausência de afetos, performances exageradas e amplificadas. Diria que é para satisfazer as fantasias, as do homem mais, no geral” (F04)

“Bastante, pois procuro-os especificamente” (F10)

“...do que eu consumo sem ser amador não é realista propriamente (...) pois são coisas que acontecem para ser filmadas e não ao contrário, coisas que são filmadas ao acontecerem” (M01)

“70% são realidade (...) amadores” (M05)

Em seguida temos a subcategoria 3.3 (Porque existem diferenças entre os homens e as mulheres representados/as na pornografia) que procura perceber, segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as o porquê de existirem diferenças nas representações de homens e mulheres nos conteúdos pornográficos. Vemos então que tanto homens como mulheres referem aspetos sociais ligados ao sexismo como fatores que influenciam as representações de homens e mulheres nos conteúdos pornográficos.

“Pois lá está, é criada para eles” (F01)

“...por causa dos papéis de género que existem, tanto ao nível físico como de personalidade” (F02)

“...pois lá está é uma questão mais patriarcal que se reflete na pornografia, não sendo a origem da pornografia” (M01)

“...são os estereótipos das fantasias, se pensarmos no geral...” (M09)

Seguidamente temos as subcategorias 3.4 (Influência das representações na visão que temos de ambos os géneros) e 3.5 (Influência das representações na sociedade) que interessam analisar em conjunto. Estas procuram perceber, segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as se as representações dos homens e das mulheres nos conteúdos pornográficos, influenciam a forma como vemos ambos os géneros e se influenciam a sociedade. Tanto para a influência na visão dos géneros como na sociedade há mais homens e mulheres a dizer que existe influência do que a dizer o contrário. Assim,

maioritariamente, homens e mulheres concordaram que as representações dos géneros na pornografia têm influência na visão que temos dos mesmos e na sociedade. Em relação aos/às entrevistados/as que discordam, estes referem que a influência é externa e não interna à pornografia e que as pessoas sabem que os conteúdos são irrealistas. Os/as restantes entrevistados/as identificam as diferenças entre as representações de homens e mulheres nos conteúdos pornográficos, como influentes na forma como vemos ambos os géneros e na sociedade, promovendo aspetos do sexismo, estereótipos e expectativas desajustadas.

“Não, porque a realidade é diferente e sabe-se disso.” (F05)

“Não, na vida em si, humm penso que não.” (F06)

“Há pessoas que criam ideologias, podem ser certas ou erradas, mas depende da pessoa. Há pessoa que às vezes podem estar à espera de que a pessoa tenha um determinado corpo e depois corre mal.” (M05)

“Pode contribuir para divulgar esses pensamentos nas pessoas. Por outro lado, a própria pornografia acaba por ser influenciada por algumas ideias sociais e daí também ter as características que tem.” (M07)

Na subcategoria 3.6 (Porque existem dinâmicas de poder entre homens e mulheres) que tem como objetivo perceber segundo a perspetiva dos/as entrevistados, o porquê de existirem dinâmicas de poder entre homens e mulheres nos conteúdos pornográficos. Sendo que tanto homens como mulheres caracterizam as dinâmicas de poder existentes nos conteúdos pornográficos que consomem como produto de características e estereótipos da sociedade.

“Acontece por causa dos papéis de género” (F02)

“O mesmo está associado à influência da masculinidade sobre as mulheres e como a sociedade vê o funcionamento das relações sexuais” (F10)

“Pois o poder pode ser um fator de excitação sexual, em que o homem detém mais poder” (M02)

“Provavelmente acontece porque o público que mais visualiza pornografia (homens) gosta e ou precisam desse tipo de dinâmica para se satisfazer” (M03)

Tema 2 - Identificação e caracterização de aspetos das relações românticas e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino

Subtemas	Categorias	Unidades de registo (n)		Critérios
		Mulheres	Homens	
2.1 - Aspetos das relações românticas	1. Papel de ambos os géneros nas relações românticas do/a próprio/a	<p>1. Igualdade de papéis dos/as homens e mulheres nas relações românticas (N=8): Papéis atribuídos aos/às homens e mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Equilibrados (N=3) • Amigos/as (N=1) • Companheiros/as (N=1) <p>Desigualdade de papéis dos/as homens e mulheres nas relações românticas (N=2): Papéis atribuídos às mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Submissa (N=1) • Ativa (N=1) <p>Papéis atribuídos aos homens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dominante (N=1) • Menos ativo (N=1) 	<p>1. Igualdade de papéis dos/as homens e mulheres nas relações românticas (N=6): Papéis atribuídos aos/às homens e mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Equilibrados (N=1) • Confidentes (N=1) <p>Desigualdade de papéis dos/as homens e mulheres nas relações românticas (N=2): Papéis atribuídos às mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Responsável pelas tarefas domésticas (N=1) <p>Papéis atribuídos aos homens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participante nas tarefas domésticas (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes aos aspetos das relações românticas dos/as entrevistados/as
2.2 - Aspetos das relações sexuais	1. Utilização de métodos de proteção / contraceção 2. Prática de preliminares e opiniões 3. Papel de ambos os	<p>1. Relatos sobre a utilização de métodos de proteção / contraceção:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utiliza (N=10) • Utilização variável (N=1) <ul style="list-style-type: none"> ○ Quando está numa relação séria com alguém por vezes não usa 	<p>1. Relatos sobre a utilização de métodos de proteção / contraceção:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utiliza (N=5) • Não utiliza (N=2) • Utilização variável (N=2) <ul style="list-style-type: none"> ○ Não usa quando as parceiras usam por exemplo a pílula ○ Só utiliza quando não conhece as parceiras 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes aos aspetos das relações sexuais dos/as entrevistados/as

	<p>géneros nas relações sexuais do/a próprio/a</p>	<p>Métodos de proteção / contraceção utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservativo (N=9) • Pílula (N=7) <p>2.</p> <p>Relatos sobre a prática de preliminares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pratica (N=11) <ul style="list-style-type: none"> ○ Não consegue ter relações sexuais sem preliminares (N=1) • Sempre praticou (N=11) <ul style="list-style-type: none"> ○ Sempre quis, especialmente depois de se compreender (N=1) <p>Opiniões sobre os preliminares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Muito importantes (N=4) • Obrigatórios (N=3) • Necessários (N=2) • Positivos (N=2) • Criam uma atmosfera e clima para não ser logo partir para a ação (N=1) • Sem eles parece que não existe intimidade entre as pessoas (N=1) • São a melhor parte da experiência sexual (N=1) <p>Exemplos de preliminares referidos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contacto físico (N=5) • Estimulação de zonas erógenas (N=4) • Beijos (N=3) • <i>Roleplay</i> (N=2) • Atos para agradecer o parceiro (N=1) 	<p>Métodos de proteção / contraceção utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservativo (N=6) • Pílula (N=4) • Anel vaginal (N=1) • Adesivo anticoncepcional (N=1) <p>2.</p> <p>Relatos sobre a prática de preliminares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pratica (N=8) <ul style="list-style-type: none"> • Sempre praticou (N=6) <ul style="list-style-type: none"> ○ A partir do momento que praticou nunca parou (N=1) • Não pratica (N=1) <ul style="list-style-type: none"> ○ Só quando tem mesmo de ser (N=1) • Nem sempre praticou (N=3) <ul style="list-style-type: none"> ○ Só mais tarde na vida sexual (N=2) <p>Opiniões sobre os preliminares:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Positivos (N=3) • Muito importantes (N=2) • São a melhor parte da experiência sexual (N=1) • Aumentam a diversão e o prazer (N=1) • Recomendáveis (N=1) • Obrigatórios (N=1) • Dispensáveis (N=1) • Desenvolvem a conexão (N=1) <p>Exemplos de preliminares referidos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sexo oral (N=5) • Beijos (N=5) • Estimulação de zonas erógenas (N=4) • Contacto físico (N=4) • <i>Roleplay</i> (N=3) • Brinquedos sexuais (N=3) 	
--	--	--	---	--

		<p>3. Igualdade de papéis dos/as homens e mulheres nas relações sexuais (N=8): Papéis atribuídos aos/às homens e mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Equilibrados (N=3) • Amigos/as (N=1) • Companheiros/as (N=1) <p>Desigualdade de papéis dos/as homens e mulheres nas relações sexuais (N=3): Papéis atribuídos às mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Submissa (N=3) <p>Papéis atribuídos aos homens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dominante e ativo (N=3) 	<ul style="list-style-type: none"> • BDSM (N=1) • <i>Dirty talk</i> (N=1) • Pornografia (N=1) <p>3. Igualdade de papéis dos/as homens e mulheres nas relações sexuais (N=3): Papéis atribuídos aos/às homens e mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Amigos/as (N=1) • Companheiros/as (N=1) • Confidentes (N=1) <p>Desigualdade de papéis dos/as homens e mulheres nas relações sexuais (N=6): Papéis atribuídos às mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Submissa (N=1) • Dominante (N=2) <p>Papéis atribuídos aos homens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dominante e ativo (N=1) 	
--	--	---	--	--

<p>2.3 - Aspectos das relações íntimas</p>	<p>1. Motivações para ser íntimo num relacionamento</p> <p>2. Caracterização de uma relação sexual prazerosa e positiva dentro e fora das relações românticas</p>	<p>1. Motivações mantiveram-se (N=10):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecimento da relação/conexão (N=6) • Prazer/satisfação da própria e do outro (N=5) • Diversão/felicidade (N=4) • Bem-estar (N=1) • Comunicar sentimentos (N=1) • Demonstração de vulnerabilidade (N=1) • Curiosidade (N=1) • Sentimento de exclusividade (N=1) <p>Motivações mudaram (N=1):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecimento da relação/conexão (N=1) • Prazer/satisfação da própria e do outro (N=2) • Diversão/felicidade (N=1) • Aborrecimento (N=1) • Aprendizagem (N=1) <p>2. Opinião não muda dentro e fora das relações românticas (N=6):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bem-estar (N=3) • Confiança (N=2) • Comunicação (N=2) • Respeito (N=1) • Prazer (N=1) • Satisfação (N=1) • Amor (N=1) • Conforto (N=1) • Aspectos do <i>BDSM</i> (N=1) <p>Opinião muda dentro e fora das relações românticas (N=5):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dentro das relações: 	<p>1. Motivações mantiveram-se (N=6):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecimento da relação/conexão (N=5) • Prazer/satisfação do próprio e da outra (N=6) • Diversão/felicidade (N=5) • Validação (N=1) • Ciúmes (N=1) • Sentimento de “obrigação” (N=1) <p>Motivações mudaram (N=3):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecimento da relação/conexão (N=1) • Prazer/satisfação da própria e do outro (N=5) • Diversão/felicidade (N=3) • Descoberta (N=2) • Aprendizagem (N=1) <p>2. Opinião não muda dentro e fora das relações românticas (N=7):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prazer (N=7) • Satisfação (N=1) • Conforto (N=1) • Comunicação (N=1) • Afeto (N=1) • Confiança (N=1) • Improviso (N=1) • Que possa passar logo para a ação evitando preliminares (N=1) <p>Opinião muda dentro e fora das relações românticas (N=2):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dentro das relações: <ul style="list-style-type: none"> ○ Prazer (N=2) 	<p>Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes aos aspectos das relações íntimas dos/as entrevistados/as</p>
--	---	--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> ○ Prazer (N=2) ○ Fortalecimento da relação (N=2) ○ Confiança (N=2) ○ Respeito (N=1) ○ Reciprocidade (N=1) ○ Dedicção (N=1) ○ Bem-estar (N=1) ○ Consentimento (N=1) • Fora das relações: <ul style="list-style-type: none"> ○ Prazer (N=2) ○ Intensidade (N=1) ○ Novidade (N=1) ○ Consentimento (N=1) 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Fluxo natural que não requer esforço adicional (N=1) ○ Carinho (N=1) ○ Afeto (N=1) • Fora das relações: <ul style="list-style-type: none"> ○ Prazer (N=2) ○ Fluxo natural que não requer esforço adicional (N=1) 	
--	--	---	--	--

Tabela 2 - Análise temática e categorial relativa ao Tema 2

O tema 2 (Identificação e caracterização de aspetos das relações românticas e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino) procura identificar os diferentes aspetos das relações românticas e sexuais dos/as entrevistados/as.

No subtema 2.1 (Aspetos das relações românticas) são analisadas algumas características descritas pelos/as entrevistados sobre as suas relações românticas.

A categoria 1 (Papel de ambos os géneros nas relações românticas do/a próprio/a), procura perceber quais os papéis que os/as entrevistados/as atribuem aos homens e mulheres nas suas relações românticas e se existem diferenças entre estes. Vemos que os/as entrevistados/as referem mais aspetos de igualdade do que desigualdade entre homens e mulheres nas suas relações românticas, passando estes pelo equilíbrio, amizade, companheirismo e confiança. Assim a maioria dos/as entrevistados atribuem papéis semelhantes aos/às homens e mulheres nas suas relações românticas.

“... acho que em ambas as situações, regra geral, as mulheres são submissas e os homens são dominantes. Ou melhor, é essa a expectativa e o que acaba mais por acontecer.”
(F02)

“Não considero que haja um papel específico, na relação considero que somos ambos partes iguais e importantes!” (F05)

“Na romântica é mais por gestão de tempo e gostos de tarefas, o que ela não gosta que é limpar, dividimos” (M01)

“Nas relações românticas acho que os papéis acabam por ser bastante equilibrados.”
(M07)

No subtema 2.2 (Aspetos das relações sexuais) são analisadas algumas características descritas pelos/as entrevistados/as sobre as suas relações sexuais.

Começando pela categoria 1 (Utilização de métodos de proteção/contraceção), esta visa perceber se os/as entrevistados/as utilizam ou não métodos de proteção/contraceção nas suas relações sexuais. Temos que todas as mulheres dizem utilizar métodos de proteção/contraceção, com uma mulher a acrescentar que quando está numa relação séria com alguém por vezes não usa. Já dos homens, apesar de existirem mais que dizem utilizar, alguns dizem não utilizar, existindo ainda dois que referem os dois contextos, dependendo de conhecer ou não a parceira ou de a mesma usar contraceção. Assim vemos que maioritariamente os/as entrevistados dizem usar métodos

de proteção/contraceção. Em relação aos métodos utilizados tanto as mulheres como os homens mencionaram mais o preservativo e em segundo lugar a pílula.

“Numa fase inicial sim, tenho de por isso, até perceber o que poderá significar a aproximação. Quando encontrar a pessoa certa, já é diferente.” (F01)

“Sim, preservativos.” (F06)

“Não.” (M02)

“Só quando não as conheço é que utilizo o preservativo.” (M06)

De seguida temos a categoria 2 (Prática de preliminares e opiniões), esta visa analisar a opinião dos/as entrevistados/as sobre os preliminares bem como diversas características sobre a prática destes nas suas vidas sexuais. Temos que a maioria dos/as entrevistados/as diz praticar preliminares. No entanto as mulheres parecem reforçar mais a vertente indispensável dos preliminares, enquanto que os homens os descrevem mais como uma adição positiva, remetendo para à ideia de que estas praticam mais preliminares que os homens. Temos ainda alguns exemplos de preliminares fornecidos pelos/as entrevistados/as denotando-se a tendência dos homens em preferirem mais a penetração/“ação” do que as mulheres que referem preliminares mais romantizados.

“Sem dúvida muito importantes, principalmente para a mulher (...) estímulo do clitoris.” (F01)

“Sempre os pratiquei (...) Gosto de beijos no pescoço e agarrar.” (F10)

“Nem sempre pratiquei, pois no início tinha outras ideias e era mais complicado em termos de experiência, mas a partir do momento em que pratiquei nunca parou.” (M01)

“Faço (...) Deviam fazer todos (...) Tudo o que antecede o sexo principal. Os abraços, beijos, orais.” (M09)

Por fim temos a categoria 3 (Papel de ambos os géneros nas relações sexuais do/a próprio/a) que procura perceber quais os papéis que os/as entrevistados/as atribuem aos homens e mulheres nas suas relações sexuais e se existem diferenças entre estes. Vemos que as mulheres referem mais aspetos de igualdade do que de desigualdade e os homens referem mais aspetos de desigualdade do que igualdade. Assim comparativamente à categoria 1 (Papel de ambos os géneros nas relações românticas do/a próprio/a) do subtema 2.1 (Aspetos das relações românticas), vemos que os/as entrevistados/as

descrevem os papéis do homem e da mulher nas relações sexuais como sendo menos equitativos do que nas relações românticas, destacando-se a vertente dominante dos homens e submissa das mulheres.

“Para simplificar, acho que em ambas as situações, regra geral, as mulheres são submissas e os homens são dominantes. Ou melhor, é essa a expectativa e o que acaba mais por acontecer.” (F02)

“São equilibrados em ambos os tipos.” (F03)

“As sexuais por acaso acabamos por cair em eu ser o mais ativo e dominante e ela passiva e mais submissa.” (M01)

“Normais, ou seja, equitativos e equilibrados” (M02)

No subtema 2.3 (Aspectos das relações íntimas) são analisadas algumas características descritas pelos/as entrevistados que envolvem simultaneamente as suas relações românticas e sexuais.

Na categoria 1 (Motivações para ser íntimo num relacionamento) objetiva-se perceber se as motivações dos/as entrevistados para ter relações sexuais dentro das suas relações românticas se mantiveram ou mudaram, bem como quais são essas motivações. Assim temos que maioria das mulheres e dos homens diz ter mantido as suas motivações. Em relação às motivações em si, não existe grandes diferenças entre as motivações referidas por homens e mulheres, contudo vemos que os/as entrevistados/as que dizem ter mudado as suas motivações, especificam que alguns aspetos como a conexão com o/a parceiro/a aparecem mais tarde nas relações do que por exemplo o prazer.

“Como assim? (Por exemplo, diversão, aborrecimento, fortalecimento da ligação com essa pessoa, cumprimento de necessidades, para satisfação do outro/a, aprendizagem, foreplay) Diria mesmo todas as anteriores. Mudam com o tempo e até conforme o dia a dia” (F04)

“É divertido e sabe bem, e faz-me feliz por poder estar vulnerável com o meu parceiro. As motivações mantiveram-se na mesma.” (F09)

“Diversão e fortalecimento da ligação com a pessoa. Vão evoluindo, pois, na descoberta da relação é mais diversão e novidade e ao longo do tempo, em relação, evolui para fortalecimento da relação.” (M02)

“Diria que há sempre um mix que satisfação mútua com alguma diversão, mas confesso que já o pratiquei por necessidade de cumprir uma certa "obrigação". Diria que sim, mantiveram no geral.” (M03)

Na categoria 2 (Caracterização de uma relação sexual prazerosa e positiva dentro e fora das relações românticas) procura-se explorar se as opiniões dos/as entrevistados/as em relação ao que é uma relação sexual prazerosa e positiva se mantêm dentro e fora das relações românticas, bem como quais são essas opiniões. A maioria dos homens e das mulheres diz que a sua opinião não muda. Em relação às opiniões em si vemos que tanto para homens como mulheres, a diferença do que é uma relação sexual prazerosa e positiva dentro ou fora das relações românticas, se resume a existir aspetos como a confiança, o afeto, o carinho e o fortalecimento do relacionamento dentro das relações.

“É algo em que aumenta a conexão com o companheiro e faz as pessoas sentirem-se ligadas, um bem-estar. Sim, pois se não é um relacionamento romântico, a parte do romance não é principal.” (F05)

“Uma relação sexual onde me sinta à vontade com o meu parceiro, onde sinta amor pela pessoa, com prazer para os dois. Não, porque é sempre preciso isso, de certa forma, na minha opinião.” (F07)

“É quando as coisas fluem naturalmente, quando não é preciso haver esforço adicional para dar e receber prazer. E prazerosa é quando se atinge o orgasmo e se fica satisfeito. Não muda, mas se for numa relação romântica é diferente em relação a uma experiência apenas sexual. Tira-se por exemplo o carinho, afeto e o transmitir quanto se gosta da outra pessoa” (M04)

“Tenho uma experiência prazerosa e positiva quando a relação sexual é intensa, envolve troca de carícias e demonstrações de afeto, quando a minha parceira demonstra obter prazer sexual e afetivo. Eu apenas tenho relações sexuais quando estou num relacionamento romântico, logo, não.” (M08)

Tema 3 - Identificação do impacto do consumo de conteúdos pornográficos heteronormativos nos comportamentos, sentimentos, pensamentos e relacionamentos românticos e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo (n)		Critérios
		Mulheres	Homens	
1. Impacto nas relações românticas	1.1. Papel da pornografia nas relações românticas	<p>1.1 A pornografia desempenha um papel nas relações românticas (N=9):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exploração de práticas sexuais novas (N=3) • Os conteúdos pornográficos podem ajudar as relações (N=1) • Pode servir para reativar o desejo sexual (N=1) • Obter e dar prazer (N=1) • Aproximar o casal (N=1) • Quebrar a rotina (N=1) • Depende das pessoas e das relações (N=1) <p>A pornografia não desempenha nenhum papel nas relações românticas (N=2):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pode desempenhar nas sexuais, não tanto nas românticas (N=1) • Depende das pessoas e das relações (N=1) • Não seria muito bom ter influência (N=1) 	<p>1.1 A pornografia desempenha um papel nas relações românticas (N=9):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exploração de práticas sexuais novas (N=5) • Obter e dar prazer (N=2) • Serve como divertimento (N=1) • Aproximar o casal (N=) • Quebrar a rotina (N=1) • Quebrar tensões (N=1) • Gerar ideias/expectativas deturpada dos papéis de géneros (N=1) • Pode ser usada como preliminares (N=1) • Se for uma pessoa mais nova pode ter influência (N=1) <p>A pornografia não desempenha nenhum papel nas relações românticas (N=1):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se for uma pessoa com experiência não tem influência (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes aos possíveis impactos do consumo de conteúdos pornográficos nas relações românticas dos/as entrevistados
2. Impacto nas relações sexuais	2.1. Influência da pornografia nas relações sexuais 2.2. Transporte do que é visto nos conteúdos pornográficos	<p>2.1 A pornografia influenciou as relações sexuais (N=10):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Melhorou as relações sexuais (N=3) • Deu ideias (N=3) • O parceiro criou Expectativas (N=1) • Pensava que não conseguia ter um orgasmo até perceber que a pornografia era um mau exemplo (N=1) • Criou Expectativas na própria (N=1) 	<p>2.1 A pornografia influenciou as relações sexuais (N=9):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deu ideias (N=4) • Melhorou as relações sexuais (N=3) • Esclareceu dúvidas (N=2) • Criou desilusão perante a perfeição exposta (N=2) • Criou à vontade em experimentar coisas novas (N=1) • Aumentou a curiosidade (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes aos possíveis impactos do consumo de

	<p>para as relações sexuais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Deu conhecimentos (N=1) • Apimentou a relação (N=1) • Criou atmosfera (N=1) • Aumentou a aproximação com o parceiro (N=1) • Criou sentimentos de obrigação em estar disponível (N=1) <p>A pornografia não influenciou as relações sexuais (N=1):</p> <p>2.2 Já transportou o que viu na pornografia para as relações sexuais (N=7):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagens (N=4) • Formas de oferecer e obter prazer (N=3) • Novas posições sexuais (N=2) • Melhoramento das relações sexuais (N=1) • Criar ambiente/<i>mood</i> <p>Nunca transportou o que viu na pornografia para as relações sexuais (N=4):</p>	<p>A pornografia não influenciou as relações sexuais (N=1):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando uma pessoa é mais adulta não influencia, com a experiência já se consegue filtrar as coisas <p>2.2 Já transportou o que viu na pornografia para as relações sexuais (N=9):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagens (N=7) • Novas ideias (N=6) • Novas posições sexuais (N=3) • Preferências sexuais (N=2) 	<p>conteúdos pornográficos nas relações sexuais dos/as entrevistados</p>
--	---------------------------------	--	--	--

Tabela 3 - Análise temática e categorial relativa ao Tema 3

No tema 3 (Identificação do impacto do consumo de conteúdos pornográficos heteronormativos nos comportamentos, sentimentos, pensamentos e relacionamentos românticos e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino) procura-se perceber o impacto do consumo de conteúdos pornográficos por parte dos/as entrevistados/as em duas vertentes distintas.

Na categoria 1 (Impacto nas relações românticas) é analisado o impacto do consumo de conteúdos pornográficos por parte dos/as entrevistados/as nas suas relações românticas, para isto é interpretada a subcategoria 1.1 (Papel da pornografia nas relações românticas) que procura perceber se segundo a opinião dos/as entrevistados/as, os conteúdos pornográficos desempenham algum papel nas relações românticas e qual é esse papel. A maioria das mulheres e todos os homens dizem que sim e algumas/uns mulheres e homens dizem que não, existindo também algumas/uns mulheres e homens que referem ambos dependendo das pessoas, da idade das mesmas e das relações. Assim indicia-se a ideia de que a pornografia pode ser usada nas relações, sendo que na perspectiva dos/as entrevistados, este seria maioritariamente um aspeto positivo.

“No geral sim. Pessoalmente poderia, se ambos ou todos estiverem de acordo com isso.”
(F02)

“Não, não era muito bom também.” (F11)

“Eu acho que na maior parte das pessoas não, se for uma pessoa mais nova, às vezes pode influenciar, mas quando já começam a ter experiência acho que não.” (M05)

“... para mim, sim na aprendizagem que também vai melhorar a romântica, certo...”
(M09)

Na categoria 2 (Impacto nas relações sexuais) é analisado o impacto do consumo de conteúdos pornográficos por parte dos/as entrevistados/as nas suas relações sexuais.

A subcategoria 2.1 (Influência da pornografia nas relações sexuais) procura perceber se segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as, o consumo de conteúdos pornográficos influenciou as suas relações sexuais e de que forma. A maioria das mulheres e todos os homens dizem que sim, existindo um homem que diz ambos pois teve influência no início das relações, mas depois deixou de ter. Em relação à forma de influência, denota-se que a pornografia serve como fonte de informação para a maioria dos/as entrevistados/as.

“Não” (F03)

“O conteúdo pornográfico permitiu-me descobrir certas coisas de que gosto (relacionadas com a Bondage/BDSM) que no início não me ocorreu. Isto permitiu-me usá-lo para melhorar a minha relação sexual.” (F09)

“... influenciou, acho que melhorou essas experiências. Acho que ajudou a dar mais vontade de experimentar certas coisas. Aumentou a curiosidade.” (M04)

“Quando uma pessoa é mais adulta não, porque já tem experiência e já consegue filtrar as coisas e é diferente.” (M05)

A subcategoria 2.2 (Transporte do que é visto nos conteúdos pornográficos para as relações sexuais) procura perceber se os/as entrevistados já transportaram o que veem nos conteúdos pornográficos para as suas relações sexuais e de que forma. A maioria das mulheres e todos os homens dizem que sim e algumas mulheres dizem que não. Evidenciando-se a influência da pornografia nas relações sexuais dos/as entrevistados/as. Em relação à forma de influência, denota-se mais uma vez que a pornografia serve como fonte de informação sexual para a maioria dos/as entrevistados, contribuindo para as descobertas sobre o/a próprio/a.

“Tentaram, mas como era tudo foco do prazer do homem, sem os tais preliminares, não ajudou nada, assim também fui colocando limites, para ser o conhecimento de nós pessoas e não do que se faz na pornografia.” (F01)

“Não diretamente, não. É mais algo que auxilia o ambiente e assim.” (F08)

“... A utilização de técnicas ou objetos para estímulos diferentes.” (F04)

“... ajudou com algumas ideias, ativas, posições e instrumentos” (M09)

Tema 4 - Averiguação se o possível impacto do consumo dos conteúdos pornográficos heteronormativos, tem um efeito de replicação e/ou solidificação das atitudes sexistas nas diferentes vertentes individuais e sociais, comparando o sexo feminino com o masculino

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo (n)		Critérios
		Mulheres	Homens	
1. Impacto individual	1.1. Influência do consumo precoce por parte dos/as jovens nas suas futuras relações românticas 1.2. Influência do consumo precoce por parte dos/as jovens nas suas futuras relações sexuais	<p>1.1 O consumo precoce tem influência nas relações românticas (N=10):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criação de expectativas irrealistas (N=4) • Diminuição da preocupação e respeito pelo/a outro/a (N=1) • Enfraquecimento das capacidades de comunicação (N=1) • Sexualização do/a outro/a (N=1) • Competição com os pares (N=1) • Propagação da ideia de que a mulher deve ser submissa (N=1) • Aprendizagens sobre prazer (N=1) • Criação de inseguranças (N=1) • Influências no comportamento de homens e mulheres (N=1) • Confusão sobre a identidade do/a próprio/a (N=1) <p>O consumo precoce não tem influência nas relações românticas (N=1):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não tem influência porque isso é controlado (N=1) <p>1.2 O consumo precoce tem influência nas relações sexuais (N=10):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ideias erradas do que é o ato sexual (N=3) • Criação de expectativas irrealistas (N=2) • Aprendizagens sobre prazer e sexualidade (N=2) • Diminuição da preocupação e respeito pelo/a outro/a (N=1) 	<p>1.1 O consumo precoce tem influência nas relações românticas (N=8):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tentativas de reproduzir o que vêem (N=3) • Aprendizagens sobre as relações (N=3) • Criação de ilusões (N=2) • Propagação de ideias deturpadas (N=2) • Diminuição da atração entre homens e mulheres (N=1) • Pode levar a abusos de poder por parte dos homens (N=1) <p>1.2 O consumo precoce tem influência nas relações sexuais (N=9):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tentativas de reproduzir o que vêem (N=5) • Aprendizagens sobre as relações (N=3) • Relações sexuais mais precoces (N=1) • Criação de ilusões (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes ao impacto individual dos conteúdos pornográficos segundo os/as entrevistados/as

		<ul style="list-style-type: none"> • Enfraquecimento das capacidades de comunicação (N=1) • Sexualização do/a outro/a (N=1) • Competição com os pares (N=1) • Propagação da ideia que a mulher deve ser submissa (N=1) • Diminuição da utilização de contraceptivos (N=1) • Tentativas de reproduzir o que vêm prejudicando as relações (N=1) • Criação de inseguranças (N=1) • Início da vida sexual mais precoce (N=1) • Confusão sobre a identidade do/a próprio/a (N=1) <p>O consumo precoce não tem influência nas relações sexuais (N=1):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não tem influência porque isso é controlado (N=1) 	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição da atração entre homens e mulheres (N=1) • Pode levar a abusos de poder por parte dos homens (N=1) • Exploração da sexualidade (N=1) • Propagação de ideias deturpadas (N=1) • Maior experiência sexual (N=1) 	
2. Impacto social	<p>2.1. Influência do consumo na forma como homens e mulheres interagem entre si</p> <p>2.2. Experiências pessoais que mostrem a influência do consumo na forma como homens e mulheres interagem</p> <p>2.3. Relação do consumo</p>	<p>2.1 O consumo de pornografia influencia como homens e mulheres interagem entre si (N=11):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer com que os homens tratem as mulheres como objetos sexuais (N=3) • Criação de ideias do que deve acontecer numa relação (N=1) • Desenvolvimento de dificuldades nas relações (N=1) • Propagação de mitos (N=1) • Leva a maus comportamentos dos homens para com as mulheres (N=1) • Leva a tentativas de os homens tentarem dominar as mulheres (N=1) • Passagem do que se vê na pornografia para as relações (N=1) • Fazer a mulher pensar que tem menos poder que o homem (N=1) • Expectativa de as mulheres serem submissas (N=1) 	<p>2.1 O consumo de pornografia influencia como homens e mulheres interagem entre si (N=9):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Propagação da ideia de que os homens são dominantes e as mulheres são submissas e inferiores (N=3) • Tentativas de reproduzir o que vêm na pornografia (N=2) • Leva a atitudes negativas para com a mulher (N=1) • Prejudica as relações (N=1) • Diminuição da atração entre homens e mulheres (N=1) • Abuso de poder por parte dos homens (N=1) • Promoção do sexismo (N=1) • Tentativa de os homens exercerem poder sobre as mulheres (N=1) • Possibilidade de transporte de dinâmicas sem consentimento (N=1) 	Foram agrupadas nesta categoria todas as verbalizações referentes ao possível impacto social dos conteúdos pornográficos segundo os/as entrevistados/as

	<p>com o sexismo 2.4. O que é o sexismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pressão nos homens e nas mulheres em corresponderem a determinados aspetos (N=1) <p>O consumo de pornografia não influencia como homens e mulheres interagem entre si (N=1):</p> <ul style="list-style-type: none"> • As pessoas distinguem o que é real do que não é (N=1) <p>2.2 Exemplos que mostrem a influência:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionamento com um rapaz que via muita pornografia e agia como se a parceira não existisse e o que dizia era insignificante (N=1) • Ser agredida na cara não consensualmente por um parceiro que admitiu ter visto esse comportamento na pornografia e ter achado excitante (N=1) • Amigos que têm atitudes negativas para com as mulheres (N=1) • Relatos de amigas que dizem ter parceiros que fazem apenas o que vêem nos vídeos (N=1) <p>2.3 Existe relação entre o consumo e o sexismo (N=7)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de outras fontes de informação (N=2) • Pornografia <i>mainstream</i> é sexista, estereotipada e machista (N=2) • Existe cada vez menos preocupação e respeito pelas outras pessoas (N=1) • A pornografia é prejudicial para as mulheres (N=1) • A pornografia cria Expectativas sobre as mulheres (N=1) • Na maioria dos vídeos a mulher é submissa (N=1) • Pornografia propaga o sexismo (N=1) 	<p>2.2 Exemplos que mostrem a influência:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Maneira como os amigos falam das mulheres (N=1) • Usar as palavras “<i>pussy</i>” e “<i>bitch</i>” como insultos (N=1) • Ambiente relacional académico, o que se falava e fazia (N=1) • Criticar as mulheres que vêm no Instagram e Facebook (N=1) • Conversas de balneário sobre a pornografia e o Instagram (N=1) • Homens a criticar a vida sexual das mulheres (N=1) • Comentários estúpidos em grupos de homens (N=1) <p>2.3 Existe relação entre o consumo e o sexismo (N=7)</p> <ul style="list-style-type: none"> • A pornografia mostra mulheres passivas e objetificadas (N=3) • A pornografia mostra homens controladores e ativos (N=3) • A pornografia mostra dinâmicas sexistas, propagando o sexismo (N=3) • A pornografia pode criar a ideia de que um sexo é inferior ao outro (N=2) • O foco é o prazer dos homens (N=1) 	
--	---	--	---	--

		<ul style="list-style-type: none"> • As massas gostam de pornografia em que a mulher é subjugada ao homem (N=1) <p>Não existe relação entre o consumo e o sexismo (N=6)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existe pornografia que não propaga qualquer tipo de ideia errada (N=1) • O sexismo não tem origem na pornografia (N=1) • As pessoas podem assistir a pornografia por diferentes motivos (N=1) • Existem demasiadas variáveis para dizer que a pornografia esta ligada ao sexismo (N=1) • Existe muita diversidade de pornografia, cada um vê o que quer, logo não está necessariamente ligada ao sexismo (N=1) <p>2.4 Definição de sexismo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desrespeito, desigualdade e discriminação entre sexos (N=10) • Discriminação e preconceito sobre as mulheres (N=1) • Superioridade do homem sobre a mulher (N=1) 	<ul style="list-style-type: none"> • O consumo de pornografia leva a uma tendência sexista (N=1) <p>Não existe relação entre o consumo e o sexismo (N=2)</p> <ul style="list-style-type: none"> • O consumo de pornografia deve-se a outros fatores, não ao sexismo (N=2) <p>2.4 Definição de sexismo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desrespeito, desigualdade e discriminação entre sexos (N=7) • Afeta principalmente as mulheres (N=3) • Caracterizar as mulheres como menos competentes (N=1) • Atualmente parece a ideia de que as mulheres devem estar acima dos homens (N=1) • Usar coisas sexuais para na média para atrair o público alvo (homens) (N=1) 	
--	--	--	--	--

Tabela 4 - Análise temática e categorial relativa ao Tema 4

No tema 4 (Averiguação se o possível impacto do consumo dos conteúdos pornográficos heteronormativos, tem um efeito de replicação e ou solidificação das atitudes sexistas nas diferentes vertentes individuais e sociais, comparando o sexo feminino com o masculino) procurou-se analisar, segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as o impacto do consumo de conteúdos pornográficos.

Na categoria 1 (Impacto individual) analisa-se segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as o impacto do consumo de conteúdos pornográficos ao nível individual.

As subcategorias 1.1 (Influência do consumo precoce por parte dos/as jovens nas suas futuras relações românticas) e 1.2 (Influência do consumo precoce por parte dos/as jovens nas suas futuras relações sexuais) fazem sentido ser analisadas em conjunto. Estas visam analisar na perspectiva dos/as entrevistados/as se o consumo precoce de conteúdos pornográficos por parte dos jovens impacta as suas futuras relações românticas e sexuais. Vemos que a maioria das mulheres e dos homens diz existir impacto, existindo apenas uma mulher que diz que não justificando que isso é controlado. Em relação à forma de influência, tanto homens como mulheres tendencialmente dizem que esta influência é maioritariamente negativa.

“Não deverá ter, pois isso é controlado.” (F05)

“Confusão sobre o que é a sua individualidade e o que é socialmente praticável, que os afeta em tudo.” (F11)

“..., mas quanto toca especificamente a relações sexuais e românticas já me sinto diferente, pois, não necessariamente influencia, mas sim reforço, mesmo por exemplo não existir um bom sex ed, existirem estigmas e não no geral o à vontade entre pais e filhos, talvez assim crianças, adolescentes tiram mais da pornografia e colocam de certa forma em prática, consciente ou não do que observam.” (M01)

“...aprendizagem sobre relações românticas, no entanto a pornografia muitas vezes também inclui aspetos de uma relação entre um homem e uma mulher ou entre mulheres ou homens, aspetos mais relacionais e não tão sexuais, podem também transparecer...” (M07)

Na categoria 2 (Impacto social) analisa-se segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as o impacto do consumo de conteúdos pornográficos ao nível social.

Começando pela subcategoria 2.1 (Influência do consumo na forma como homens e mulheres interagem entre si), esta visa analisar a opinião dos/as entrevistados/as em relação à influência do consumo de conteúdos pornográficos na forma como homens e mulheres interagem entre si e de que forma. Todos/as os/as entrevistados/as dizem existir influência, existindo ainda uma entrevistada que diz também poder não existir pois as pessoas distinguem o que é real do que não é. Em relação à forma de influência, tanto os exemplos das mulheres como dos homens parecem remeter para a ideia de que os conteúdos pornográficos contribuem para a propagação de aspetos do sexismo como a desigualdades de género, influenciando a forma como homens e mulheres interagem entre si.

“Penso que não influencie muito, podem aprender x ou y e querer demonstrá-lo, mas para além daí, distinguem do que é real e não.” (F06)

“Penso que pode influenciar a forma como olham para a mulher, na medida em que esperam que tenham os mesmos padrões corporais que as atrizes pornográficas e esperam que sejam submissas.” (F09)

“... Eu acho que influência, porque há muita gente que vê e depois tenta reproduzir e ou a mulher não aceita determinados comportamentos do homem, ou o homem abusa nos comportamentos. Abusa no sentido de que está a invadir o espaço da mulher e pode não estar a tratar como ela acha que é normal, abuso de poder talvez.” (M04)

Na subcategoria 2.2 (Experiências pessoais que mostrem a influência do consumo na forma como homens e mulheres interagem) são analisados exemplos da vida dos/as entrevistados/as que estejam relacionados com o tópico abordado na subcategoria anterior. Foram múltiplos os exemplos dados pelos/as entrevistados/as, demonstrando-se fácil para os mesmos relacionar determinadas atitudes das pessoas em seu redor com aspetos demonstrados nos conteúdos pornográficos.

“Tive uma experiência bastante negativa de um rapaz que me bateu na cara durante o ato sexual, sem me pedir o consentimento. Quando o confrontei ele chegou a admitir que tinha visto num vídeo de pornografia e pensou que era excitante” (F02)

“Se calhar assim no grupo de amigos que às vezes tem assim uma atitude, mais broncos com as mulheres e às vezes tem alguns comentários que possam ser com esse desnível de poder.” (F08)

“...é muito frequente termos homens a criticar a vida sexual das mulheres, dizer que os homens é que devem controlar as coisas. A criticarem preferências sexuais das mulheres. Sempre que demonstrar uma atitude mais dominante, de mostrar poder são criticadas por isso, que não correspondem às normas que os homens procuram, e as mulheres em si, que a sociedade procura, melhor dizendo.” (M07)

Em seguida temos a subcategoria 2.3 (Relação do consumo com o sexismo), esta procura perceber, segundo a perspectiva dos/as entrevistados/as, se o consumo de conteúdos pornográficos se relaciona com o sexismo e de que forma. Mais de metade das mulheres e a maioria dos homens diz existir uma relação entre o consumo de pornografia e o sexismo, existindo menos de metade das mulheres e alguns homens que dizem que não e ainda, algumas mulheres que referem ambos. Em relação às formas deste relacionamento vemos que a maioria dos/as entrevistados/as referem exemplos que demonstram o relacionamento dos conteúdos pornográficos com o sexismo, no entanto existem também entrevistados/as que atribuem o sexismo a fatores externos e não à pornografia.

“Para mim isso é uma realidade, repito, na minha opinião cada vez menos preocupação e respeito pela outra pessoa, porque não existem outras fontes para compreender como é mesmo.” (F01)

“Depende muito do tipo de pornografia que é consumido, lá está. O mainstream pode ser mau e ser realmente sexista, estereotipado e machista. Uma pornografia mais consciente e bem feita e pensada, pode não ter nada de errado nem transmitir qualquer tipo de ideia errada.” (F03)

“Não acho que se relacione com discriminação (...). O consumo de pornografia deve-se a outros fatores, não necessariamente é o que influencia.” (M02)

“... de uma forma geral, a pornografia, atribuindo predominantemente posições de domínio ao género masculino e de maior submissão ao género feminino, espelha a forma como estes estereótipos se enraizam na sociedade e contribui para a sua perpetuação.” (M08)

Finalmente, na subcategoria 2.4 (O que é o sexismo) procura-se perceber o que os/as entrevistados/as consideram ser o sexismo, vemos que todos os aspetos referidos pelos/as entrevistados/as vão ao encontro da definição de sexismo, demonstrando-se que a maioria dos/as entrevistados/as tem conhecimento do que é o sexismo, à exceção de um

homem que diz que o sexismo está relacionado com o diálogo social dos últimos tempos que quer pôr a mulher como superior.

“Para mim, o sexismo é quase que a superioridade do homem face a mulher, e as consequências disso. No entanto, definição mesmo seria a discriminação de alguém pelo seu sexo e ou género” (F03)

“O sexismo é a existência de desigualdades e discriminação para com o sexo oposto.” (F04)

“Será a existência de desigualdades, a discriminação para com o outro sexo.” (M03)

“Homens e mulheres devem ser iguais, não as mulheres superiores aos homens como a sociedade tem vindo a tentar transmitir nos últimos tempos.” (M06)

4. Discussão Global

Perante os resultados e discussão dos temas abordados, interessa agora desenvolver os objetivos do estudo, procuramos então dar respostas aos mesmos começando pelos três objetivos específicos e terminando no objetivo geral.

Relativamente aos conteúdos sexuais pornográficos heteronormativos consumidos, verificamos não existirem diferenças significativas nas categorias consumidas entre os homens e as mulheres entrevistados/as, e ainda que maioritariamente não existiu alterações nas mesmas, o que é surpreendente visto que os homens tendem a preferir mais conteúdos pornográficos *hardcore* do que as mulheres e estas tendem a preferir mais conteúdos *softcore* do que os homens (Hald, 2006). Contudo, isto pode ser explicado pelo facto das entrevistadas consumirem maioritariamente conteúdos pornográficos com os parceiros ou mesmo apenas com estes.

Sabemos que consomem maioritariamente conteúdos heterossexuais, dos quais a maioria apresenta ausência de preliminares, sendo isto atribuído à pornografia ser feita para homens, acrescentando que para encontrar preliminares é preciso existir um esforço na procura, isto é especialmente negativo para as mulheres visto que estas, mais do que os homens, reportam gostar mais de preliminares comparativamente às restantes partes do sexo (Denney, et al., 1984). Os conteúdos apresentam ainda ausência de métodos de

proteção/contraceção, o que foi também demonstrado por Bridges e colegas (2010), que ao analisarem cenas pornográficas observaram a sua inexistência.

Existe também uma maior correlação entre a pornografia e opiniões negativas do que entre a pornografia e opiniões positivas (Anexo G), sendo que ao nível dos aspetos e sentimentos positivos, tanto homens como mulheres referem mais o prazer, no entanto, as mulheres referem mais a aproximação com o parceiro do que os homens. Tal pode dever-se ao facto de as mulheres consumirem mais pornografia com os parceiros do que os homens (Hald, 2006), podendo existir uma ligação mais imediata entre a pornografia e a aproximação e felicidade do parceiro. Os homens referem mais o alívio de *stress* do que as mulheres, o que pode dever-se ao facto dos homens usarem mais frequentemente a pornografia sozinhos durante a masturbação do que as mulheres (Hald, 2006). Ao nível dos aspetos e sentimentos negativos, tanto homens como mulheres referem mais o irrealismo da pornografia e a propagação de inseguranças e expectativas desajustadas, no entanto, as mulheres falam mais do medo de não agradar aos parceiros devido às expectativas criadas pela pornografia, enquanto que os homens falam mais do medo de as parceiras não lhes agradarem devido a essas mesmas expectativas, estando isto ligado à diminuição da autoestima derivada do consumo de pornografia (Groß et al., 2011; Tylka, 2015), o que por um lado pode levar as mulheres a sentirem este efeito pois a pornografia “apresenta as mulheres como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens” (Rich, 2012, p.26, cit. por Carvalho & Leda, 2016) e por outro lado, levar à desilusão dos homens quando as mulheres não correspondem a este padrão.

As respostas dos/as entrevistados/as mostram que os conteúdos pornográficos são caracterizados maioritariamente como irrealistas, sendo que segundo as mulheres isto se deve a estes serem feitos para homens, enquanto que os homens dizem principalmente que se deve aos conteúdos serem encenados, demonstrando uma perfeição impossível. Adicionalmente alguns/mas entrevistados/as dizem que encontrar conteúdos realistas requer esforço de procura, o que está em concordância com Wright e Štulhofer (2019) que referem que a pornografia contém práticas que em maioria dos casos são irrealistas. Vemos ainda uma forte correlação entre a pornografia e estereótipos (Anexo G), com os/as entrevistados/as a referir que os conteúdos contêm estereótipos de género ao atribuírem representações diferentes aos homens e mulheres presentes nos conteúdos, sendo a origem destas atribuída a diferentes aspetos sociais ligados ao sexismo,

apresentando-se que a pornografia reforça e reproduz alguns estereótipos de género (Foucault, 2005, cit. por Carvalho & Leda, 2016).

Os/as entrevistados/as mencionam ainda que os conteúdos que consomem, maioritariamente apresentam dinâmicas de poder em que a mulher aparece como submissa e frágil e o homem como dominante e agressivo, sendo dada prioridade ao prazer masculino e à imagem feminina, sendo a origem destas características mais uma vez atribuída a diferentes aspetos sociais ligados ao sexismo. Complementarmente a maioria dos/as entrevistados/as diz existir uma relação entre o consumo de conteúdos pornográficos e o sexismo, existindo uma forte correlação entre a pornografia e o sexismo (Anexo G). Em concordância, a literatura diz que a pornografia representa uma hierarquia que coloca a mulher numa posição submissa com a função de satisfazer o homem (Carvalho & Leda, 2016), glorifica a violência e o sexismo (Martellozzo et al., 2016) e relaciona-se com o aumento destes (Garos et al., 2004). Este resultado é suportado por uma adequada caracterização do sexismo por parte dos/as entrevistados, que o descreveram como o desrespeito, desigualdade e discriminação entre sexos, afetando principalmente as mulheres, indo estes aspetos ao encontro da definição de sexismo, sendo este o conjunto de crenças, atitudes, políticas e práticas sociais que visam favorecer um género prejudicando o outro (Becker & Sibley, 2016; Cortese, 2015), atuando como uma divisão entre géneros, atribuindo papéis e privilégios onde, maioritariamente, as mulheres saem prejudicadas, recebendo menos privilégios, considerando-se assim o sexismo como um mecanismo de rebaixamento destas (Forbes et al., 2007). Sendo assim, podemos considerar que os conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as evidenciam um elevado grau de sexismo.

Relativamente às características do consumo de conteúdos pornográficos por parte dos/as entrevistados/as, os homens relatam consumir mais e ter começado a consumir mais cedo do que as mulheres, sendo isto congruente com o que tinha sido já demonstrado por Epdata (2021); relatam ainda que consomem mais pornografia que as mulheres, tanto em tempo como em frequência o que está em concordância com a literatura (Hald, 2006). O primeiro contacto com a pornografia foi maioritariamente por exposição para ambos. Esta exposição advém da presença inquestionável da pornografia na nossa sociedade

(Groves et al., 2011; Popović, 2011) e devido à familiaridade dos jovens com a tecnologia móvel (Epdata, 2021).

Tanto homens como mulheres consomem conteúdos pornográficos através da Internet, utilizando sites pornográficos e redes sociais, o que era esperado pois sabemos que a pornografia está a um toque de distância na internet (Groves et al., 2011; Popović, 2011), tendo esta simplicidade aumentado o seu consumo (Blais-Lecours et al., 2016). As mulheres consomem mais conteúdos acompanhadas dos que os homens e, os homens consomem mais conteúdos sozinhos do que as mulheres, sendo isto congruente com a literatura que refere que as mulheres assistem a pornografia com os parceiros mais frequentemente que os homens e vice-versa (Hald, 2006). Isto resulta uma maior necessidade por parte dos homens comparativamente às mulheres, em adaptar os conteúdos quando consomem acompanhados, influenciando também a regularidade deste consumo, podendo isto estar também relacionado com as diferentes preferências pornográficas entre homens e mulheres (Hald, 2006). Adicionalmente as motivações para consumir conteúdos pornográficos tendencialmente mantêm-se, tanto para os homens como para as mulheres entrevistados/as, com os homens maioritariamente a consumir pornografia por prazer e descontração e as mulheres para agradar os parceiros masculinos. Podendo isto mais uma vez dever-se às mulheres consumirem mais pornografia com os parceiros (Hald, 2006), podendo assim existir uma ligação entre a pornografia e a felicidade do parceiro e aos homens consumirem mais pornografia durante a atividade sexual por conta própria (Hald, 2006), existindo uma maior ligação ao prazer e descontração.

Em relação às relações dos/as entrevistados/as, vemos que tanto homens como mulheres relatam motivações semelhantes para ser íntimo num relacionamento romântico, referindo principalmente o fortalecimento da relação/conexão com o/a parceiro/a, o prazer e satisfação e a diversão e felicidade, sendo estas constantes. Estas motivações são compatíveis com o estudo de Meston e Buss (2007) que identificaram 237 motivações para ter relações sexuais, das quais o prazer, a aproximação com o/a parceiro/a e a diversão aparecem dentro das dez razões mais referidas. Adicionalmente, os/as entrevistados ao caracterizar uma relação sexual prazerosa e positiva, mencionam aspetos como prazer, bem-estar, confiança, comunicação e aproximação com o/a parceiro/a, acrescentando que tendencialmente mantêm a sua opinião independentemente

de estarem ou não numa relação romântica com o/a parceiro/a sexual, contudo, alguns/mas referem que dentro das relações românticas se destaca a confiança, o afeto, o carinho e o fortalecimento do relacionamento. Igualmente Garcia (2018), articula que os relacionamentos casuais são marcados por uma falta de compromisso e envolvimento emocional, já nos relacionamentos românticos incluem aspetos como a confiança (Fletcher et al., 1999) e a intimidade física e emocional (Sternberg, 1997).

Relativamente ao impacto do consumo de conteúdos pornográficos nas relações românticas e sexuais dos entrevistados/as, verificamos que, no geral, dizem que a pornografia não é a melhor fonte de informação. Tal está em concordância com a literatura, pois Martellozzo e colegas (2016) mencionam que a pornografia pode ser totalmente irreal e frequentemente glorificar a violência, sexismo ou racismo. Porém, quase metade dos/as entrevistados/as refere já ter utilizado a pornografia para esclarecer dúvidas, sendo isto mais prevalente nos homens, o que pode estar simplesmente ligado ao facto de estes consumirem mais pornografia que as mulheres (Hald, 2006); no entanto, parecem ser menos bem-sucedidos do que estas. Vemos também que a maioria dos homens diz já ter feito descobertas pessoais a partir da pornografia e a maioria das mulheres não. Adicionalmente, as descobertas relatadas são por exemplo gostos pessoais, posições sexuais, preferências sexuais e novas formas de prazer. Por fim vemos que a maioria dos/as entrevistados/as dizem já ter transportado aspetos da pornografia para as suas relações, como formas de oferecer e obter prazer e novas ideias. Logo, apesar de os/as entrevistados/as não considerarem a pornografia como uma boa fonte de informação, denota-se a sua utilização como fonte de informação, estando isto de acordo com o estudo de Elder e colegas (2015) que articulam que a pornografia serve como a primeira fonte de informação sexual, contribuindo para a aprendizagem de práticas sexuais.

Adicionalmente os/as entrevistados/as reconhecem que o consumo de conteúdos pornográficos tem um forte impacto nas relações românticas e sexuais. Tal é suportado pela correlação entre a pornografia e essas relações (Anexo G) e pela literatura que refere também o impacto do consumo de conteúdos pornográficos nas relações (Elder et al, 2015; Grov et al., 2011; Popović, 2011; Tylka, 2015). Vemos que a maioria dos/as entrevistados/as diz que a pornografia pode desempenhar um papel nas relações românticas e que já teve influência nas suas relações sexuais, tendo efeitos positivos como

explorar novas práticas sexuais, aproximar o casal, quebrar a rotina, melhorar as relações sexuais, dar ideias, entre outras. Contudo é também referido que a pornografia cria inseguranças, com algumas mulheres a referir o medo de não agradarem aos parceiros e alguns homens a referir o medo das parceiras não lhes agradarem, o que vai ao encontro com Jansma e colegas (1997) que referem que a pornografia leva a avaliações mais duras em relação aos parceiros da vida real. Para além disso o efeito do consumo de pornografia nas relações foi já amplamente referido na literatura por exemplo por Popović (2011) que demonstrou que a pornografia promove a evolução do diálogo e da intimidade nas relações românticas, Dekeseredy e Hall-Sanchez (2016) que mostraram uma relação entre o consumo de pornografia e atos de violência contra mulheres e Grov et al. (2011) e Tylka (2015) que referiram que a pornografia leva à diminuição da autoestima dos consumidores, criando atritos dentro das relações, originados por comparações e exigências.

Recorrendo a exemplos concretos da influência dos conteúdos pornográficos nas relações dos/as entrevistados/as e como vimos anteriormente, estes/as relatam a inexistência de métodos de proteção e contraceção nos conteúdos pornográficos. Porém, neste caso, parece que os/as entrevistados/as nas suas relações não reproduzem os exemplos do conteúdo que consomem, pois, vemos que mencionam maioritariamente utilizar métodos de proteção/contraceção, o que pode variar dependendo de conhecerem ou não os/as parceiros/as e se os/as mesmos/as usam algum método de proteção/contraceção o que está em concordância com a literatura que refere que os jovens que confiam nos/nas seus/suas parceiros/as sexuais falham em reconhecer o risco de uma relação sexual desprotegida (Longfield, et al., 2002), vendo-se ainda que no geral, o método mais utilizado pelos/as entrevistados/as é o preservativo seguido da pílula, o que mais uma vez se relaciona com a maior preocupação com a proteção sexual nos relacionamentos casuais, existindo maior uso do preservativo, contudo, quando passam a relações vistas como mais sérias passam a utilizar principalmente a pílula como método de contraceção (Amaro et al., 2020). Adicionalmente, apesar dos conteúdos pornográficos não apresentarem preliminares como foi referido anteriormente, vemos que a maioria dos/as entrevistados/as diz praticá-los e caracterizam-nos como positivos; contudo, as mulheres parecem dar-lhes mais importância do que os homens, o que não é surpreendente visto que as mulheres, mais do que os homens, reportam gostar mais de

preliminares comparativamente às restantes partes do sexo (Denney, et al., 1984). Relativamente aos exemplos de preliminares, os homens parecem descrever ações mais semelhantes à penetração, estando isto de acordo com o estudo de Denney e colegas (1984) que demonstraram que os homens mais do que as mulheres preferem a penetração a outras partes das relações sexuais. Estes dois exemplos parecem evidenciar que os/as entrevistados/as, pelo menos a este nível, fazem uma diferenciação entre a realidade das suas relações e o foco dos conteúdos pornográficos.

Outro aspeto onde podemos também avaliar o impacto do consumo de conteúdos pornográficos prende-se com o que foi referido anteriormente, que os conteúdos pornográficos apresentam dinâmicas de poder em que, maioritariamente a mulher aparece como submissa e o homem como dominante. Assim em concordância, os/as entrevistados/as atribuem desigualdade de papéis de género nas suas relações sexuais, sendo a mulher descrita como submissa e o homem como dominante. Isto vai ao encontro do que é dito por Pinto e colegas (2010), que caracterizam a pornografia como promotora de hierarquias de poder entre mulheres e homens e por Rich (2012, p.26, cit. por Carvalho & Leda, 2016), que argumentam que a pornografia “apresenta as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade. Vemos, porém, que os/as entrevistados/as atribuem tendencialmente papéis de géneros equitativos nas suas relações românticas, o que contradiz a ideologia tradicional que caracterizam a mulher como passiva, com o papel de esposa, dona de casa e mãe e o homem como ativo, com o papel tomar decisões e prover proteção à mulher, e por outro lado, suporta a ideologia igualitária que refere que as funções e papéis dos homens e das mulheres são os mesmos, sendo diferenciados por fatores sociais e culturais (Moya et al., 2006). Assim, evidencia-se uma diferenciação entre a realidade e os conteúdos pornográficos no caso das relações românticas, no entanto confirma-se a semelhança entre a realidade e os conteúdos pornográficos no caso das relações sexuais.

Vemos então que o consumo de pornografia tem impacto nas relações dos/as entrevistados/as, influenciando alguns dos seus comportamentos, sentimentos e pensamentos, tal como referiram Donnerstein e colegas em 1987 (cit. por Bridges et al, 2010), que demonstraram também que a pornografia heteronormativa tem uma influência negativa em pensamentos, atitudes e comportamentos dos consumidores.

Relativamente à replicação e solidificação de atitudes sexistas através do consumo de conteúdos pornográficos, vemos que os/as entrevistados/as dizem que as representações de homens e mulheres nos conteúdos pornográficos, influenciam a sociedade e a visão que temos dos géneros, que conseqüentemente, vai influenciar a forma como homens e mulheres interagem entre si. Especificam ainda que isto promove a superioridade do homem sobre a mulher, reforça estereótipos irrealistas, promove o machismo, propaga aspetos do sexismo e da desigualdade entre géneros e cria pressão sobre os homens e mulheres em obedecer aos padrões desejados. Estas justificações demonstram o que foi arguido por Pinto e colegas (2010), que caracterizaram a pornografia como uma prisão que segue normas de género rígidas perante as práticas sexuais, fixando identidades e colocando tendencialmente a mulher numa posição submissa (Carvalho & Leda, 2016).

Os/As entrevistados/as consideram o consumo de conteúdos pornográficos como tendo um impacto maioritariamente negativo, especialmente quando consumido em idades precoces, afetando principalmente as futuras relações sexuais, ao levar a tentativas de recriar as representações da pornografia, propagar ideias deturpadas e promover dinâmicas desequilibradas, em que o homem detém o poder sobre a mulher. Acrescentando que este desequilíbrio reforça os estereótipos de papéis de género, que passa ou pode passar para as relações românticas e sociais. Todos estes fatores foram já evidenciados por pesquisas anteriores, visto que a pornografia parece ser a primeira fonte de informação sexual (Elder et al., 2015), que 45% dos adolescentes que consumiam pornografia o faziam em parte para aprender sobre sexo (British Board of Film Classification, 2020), que um quarto dos jovens caracterizam a pornografia como a fonte mais útil para aprender a ter sexo (Rothman et al., 2021) e que mais da metade dos rapazes e mais de um terço das raparigas relatavam que a pornografia era uma representação realista do sexo (Martellozzo et al., 2016).

Este impacto é demonstrado através dos diversos exemplos dados pelos/as entrevistados relativos a algumas das suas experiências pessoais (Ex: “...um rapaz que me bateu na cara durante o ato sexual, sem me pedir o consentimento (...) tinha visto num vídeo de pornografia e pensou que era excitante” (F02))

Retrata-se o impacto nas relações sexuais, demonstrando que o consumo de pornografia se pode relacionar com comportamentos sexuais agressivos (Hald & Malamuth, 2015) e a violência contra a mulher (DeKeseredy, 2015) (Ex: “...estive com um rapaz que consumia muita pornografia e simplesmente eu não existia, existia sim a ficção. O que eu sentia ou pensava era simplesmente insignificante” (F01)).

Retrata-se o impacto no relacionamento romântico na sua íntegra, pois como anteriormente estudado, a pornografia influencia também negativamente as relações românticas (Elder et al., 2015; Grov et al., 2011; Popović, 2011; Tylka, 2015) (Ex: “...conversas com amigos em jogos, de como se fala das mulheres, de palavras usadas para insultar “pussy” ou “bitch” (M01); “...a malta lá começa a ver vídeos pornográficos (...) mostram raparigas no Instagram, no Facebook e comentam: “Esta gaja gosta é de levar com ele”, “Ela não sabe o que é que eu sou”” (M04); “... Sempre que demonstram uma atitude mais dominante, de mostrar poder são criticadas por isso, que não correspondem às normas que (...) a sociedade procura...” (M07))

Retrata-se a influência dos consumos de conteúdos pornográficos, como um dos componentes que pode reforçar uma sociedade sexista e, tudo o que esta pode implicar, pois, seja esta mais do tipo hostil ou benevolente, utilizar palavras representativas do “sexo mais fraco” como insultos, fazer comentários sociais que propagam o estatuto de superioridade do homem face à mulher ou ainda, julgar as mulheres que apresentam características tradicionalmente e estereotipicamente atribuídas aos homens, são atitudes que podemos caracterizar como sexistas, atitudes estas que segundo os/as entrevistados/as servem para solidificar e replicar padrões sociais sexistas, sendo portanto a pornografia heteronormativa um dos contributos para a reprodução e reforço de estereótipos de género numa sociedade já sexista (Foucault, 2005, cit. por Carvalho & Leda, 2016).

Podemos então dizer que existe alguma dissonância de como os/as entrevistados/as se sentem e pensam, para como a maioria reporta comportar-se. Mais especificamente vemos por exemplo que estes/as referem maioritariamente que consumir conteúdos pornográficos em idades precoces vai influenciar as futuras relações românticas e sexuais, que consumir conteúdos pornográficos influencia a forma como homens e mulheres interagem entre si e ainda, muitos/as deles referem exemplos das suas vidas que mostram estas influências. Adicionalmente atribuem características sexistas aos conteúdos pornográficos, referindo que os mesmos criam inseguranças e reforçam estereótipos irrealistas. Ao mesmo tempo que dizem ter utilizado a pornografia para tirar

dúvidas ou fazer descobertas pessoais, dizem já terem transportado o que veem nos conteúdos pornográficos para as suas relações. Contudo, quando questionados/as sobre os seus comportamentos e as características das suas relações sexuais e românticas, parecem fornecer informação mais distante das suas opiniões, como por exemplo, maioritariamente referem igualdade de género nas suas relações românticas, apesar de isto não se verificar nas suas relações sexuais e, quando falam dos impactos negativos do consumo de pornografia, referem-no maioritariamente fora do contexto pessoal. Assim, quando as suas opiniões não especificam o/a próprio/a, estão de acordo com os aspetos, características e sentimentos referidos sobre a pornografia, sendo transmitidos para as relações dos outros, mas quando falam de eles/elas próprios/as, as suas opiniões já são mais distantes dos aspetos, características e sentimentos mais negativos referidos sobre a pornografia.

O fenómeno referido anteriormente não é surpreendente tendo em conta a existência de um viés pessoal e de deseabilidade social quando falamos de nós mesmos. Este viés derivado da deseabilidade social representa uma tentativa dos/as entrevistados/as, neste caso, de causarem uma impressão favorável (Almiro, 2017; Paulhus, 1991). Assim existem aspetos sexistas nas várias vertentes relacionais e, mais uma vez incluindo a pornografia heteronormativa como um dos componentes que influencia a replicações e ou solidificação dos mesmos.

5. Limitações

Os resultados obtidos neste estudo demonstram que o impacto do consumo de conteúdos pornográficos nas relações é um tema complexo, sendo que a pornografia é apenas um dos muitos fatores que contribuem para a propagação do sexismo e da desigualdade de género, não sendo esta necessariamente a origem destes problemas, existindo toda uma dinâmica social por de trás das origens e implicações desses mesmos problemas.

Considerando as interpretações de resultados descritas neste estudo, demonstra-se importante ter em conta as limitações do mesmo. A primeira está relacionada com a elaboração do guião de entrevista, pois a sexualidade é ainda um tema sensível e as

peessoas tendem a manter temas como as preferências pornográficas em privado, assim, rapidamente se evidenciou a dificuldade em elaborar questões que não fossem invasivas o suficiente para impedir uma resposta honesta por parte dos/as entrevistados/as, mas que, ao mesmo tempo, permitissem obter a informação necessária para responder aos objetivos do estudo. O tema em questão impôs ainda outras dificuldades como a resistência de alguns/mas dos/as entrevistados/as em elaborar as suas respostas, resultando em certos casos com respostas curtas contendo pouca informação. Também o foco de algumas questões em aspetos ligados ao género poderá ter gerado respostas baseadas em fatores como a deseabilidade social, que leva os/as entrevistados/as a procurar oferecer uma resposta aceitável socialmente, podendo a mesma não refletir a verdadeira opinião dos/as mesmos/as. Adicionalmente, outro fator importante é o facto da entrevistadora ser mulher, podendo isto levar principalmente os homens a reprimir as suas respostas e/ou adaptarem o que dizem.

É também importante ter em conta que as entrevistas foram feitas no contexto da pandemia COVID-19, numa altura em que era recomendado o distanciamento físico. Assim grande parte das entrevistas foram feitas com recurso a meios digitais, mais especificamente através de videochamadas. Este método apesar de facilitar o contacto com pessoas de diferentes zonas do país, dificulta um aspeto importante neste tipo de estudos, que tem a ver com os comportamentos não verbais dos/as entrevistados/as. Também nos questionamos se este contexto pode ter tido influência no consumo de conteúdos pornográficos por parte dos/as entrevistados/as, bem como nas suas relações, pois Eleuteri e colegas (2022) referem que durante a quarentena houve um aumento no consumo de pornografia e influências nas relações devido por exemplo ao stress. Isto deveria ser explorado no futuro comparando as possíveis diferenças nos consumos e nas relações.

As limitações referidas anteriormente estão todas relacionadas com a recolha de dados, no entanto surgem ainda outras dificuldades, nomeadamente na interpretação de resultados. Primeiramente evidencia-se a subjetividade da investigadora inerente à pesquisa qualitativa e análise fenomenológica interpretativa, resultando numa impossibilidade de neutralidade, podendo isto influenciar a interpretação dos dados obtidos. Também a técnica de amostragem *snowball* pode apresentar-se como uma

limitação, pois esta implica que a entrevistadora teve contacto prévio a este estudo com alguns/mas entrevistados/as, o que pode ter influências nas suas respostas.

Por fim, também a falta de literatura de psicologia sobre o tema se apresentou como um desafio, não existindo uma grande base de suporte para a delineação do estudo, especialmente quando toca a verificação de concordâncias ou não com a literatura de aspetos mais específicos.

6. Sugestões para estudos futuros

Procura-se que este estudo seja uma ponte de partida e inspiração para estudos futuros deste tema e para mudanças nesta problemática. É importante ter em conta que poderá ser pertinente fazer estudos semelhantes em que participem também os/as parceiros/as das pessoas entrevistadas, de modo a fornecer uma perspetiva mais completa do impacto do consumo nas relações. Também incluindo entrevistados/as mais jovens de modo a obter relatos de pessoas que estão a começar o seu contacto com os conteúdos pornográficos, o que pode facilitar a compreensão de como esses conteúdos são interpretados, e que implicações poderá isso ter nas futuras relações.

Por fim prevê-se que não exista uma solução simples para resolver os impactos negativos dos conteúdos pornográficos nas relações, sendo que é difícil perceber em que setor a intervenção seria melhor aplicada. Alguns pontos de partida poderiam ser a responsabilização da indústria pornográfica pelos conteúdos que produzem, criando-se legislações que suportem a produção de conteúdo pornográfico ético e inclusivo, restringindo assim o restante. E sobretudo o acesso a uma educação sexual compreensiva e inclusiva, possibilitando o desenvolvimento de um discurso mais aberto sobre a sexualidade com os jovens, que inclua a pornografia, os seus aspetos positivos e negativos e, a sensibilização das pessoas em geral, visto que o seu consumo precoce é cada vez maior. No entanto compreende-se que a solução passará provavelmente por uma intervenção em todos os setores, pois como já mencionámos o problema engloba muito mais do que a indústria pornográfica e, uma intervenção multifacetada seria a que poderia gerar mais mudanças.

7. Referências

- Aboim, S. (2013). *A sexualidade dos portugueses*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Alarcón, R., Iglesia, J., Casado, N., & Montejo, A. (2019). Online porn addiction: What we know and what we don't: A systematic review. *Journal of Clinical Medicine*, 8(1), 91. <https://doi:10.3390/jcm8010091>
- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a deseabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3), 253-386. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Alves, M. P., Amâncio, L., & Alferes, V. R. (2008). Género e representações sociais: Duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política. *Psicologia*, 22(2), 139-160. <https://doi:10.17575/rpsicol.v22i2.351>
- Amaro, H. D., Alvarez, M. J., & Ferreira, J. A. (2020). Estudo exploratório das perceções de estudantes universitários sobre proteção sexual. *Revista E-Psi*, 9(1), 39-54. <https://revistaepsi.com/artigo/2020-ano9-volume1-artigo3/>
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- American Psychological Association. (2015). *APA dictionary of psychology* (2nd ed.). American Psychological Association.
- Aron, A., Fisher, H. E., & Strong, G. (2006). Romantic Love. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (1ª ed., pp. 595–614). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/cbo9780511606632.033>
- Bandura, A. (2001). Social cognitive theory of mass communication. *Media Psychology*, 3(3), 265-299. http://dx.doi.org/10.1207/S1532785XMEP0303_03
- Bárbara, M. L. (1999, November 23). *Origem da palavra pornografia*. Ciberdúvidas da língua portuguesa. Retirado Agosto 13, 2021, de <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/origem-da-palavra-pornografia/4370>
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Baron, L. (1990). Pornography and gender equality: An empirical analysis. *Journal of Sex Research*, 27(3), 363-380. <https://doi.org/10.1080/00224499009551566>

- Barreto, M., & Ellemers, N. (2005). The perils of political correctness: Men's and women's responses to old-fashioned and modern sexist views. *Social Psychology Quarterly*, 68(1), 75-88. <https://doi:10.1177/019027250506800106>
- Basow, S. A. (2010). Changes in psychology of women and psychology of gender textbooks (1975–2010). *Sex Roles*, 62(3-4), 151–152. <https://doi:10.1007/s11199-010-9744-z>
- Baumel, C. P., Silva, P. O., Guerra, V. M., Garcia, A., & Trindade, Z. A. (2019). Atitudes de jovens frente à pornografia e suas consequências. *Psico-USF*, 24(1), 131-144. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240111>
- Beauvoir, S. (2019). *O segundo sexo: Fatos e mitos* (S. Milliet, Trad.; 4ª edição, Vol 1). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado 1970)
- Becker, J.C., & Sibley, C.G. (2016). Sexism. In T. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 315-336). Psychology Press.
- Berlant, L., & Warner, M. (2002). Sexo en Público. In R. M. Jiménez (Ed.), *Sexualidades transgresoras: Una antología de estudios queer* (pp. 229–257). Icaria Editorial.
- Besnier, N. (2015). Pornography and gender. In P. Whelehan, & A. Bolin (Eds.), *The international encyclopedia of human sexuality* (pp. 931-935). Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118896877.wbiehs356>
- Blais-Lecours, S., Vaillancourt-Morel, M.-P., Sabourin, S., & Godbout, N. (2016). Cyberpornography: Time use, perceived addiction, sexual functioning, and sexual satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19(11), 649-655. <https://doi:10.1089/cyber.2016.0364>
- Bonomi, A. E., Nemeth, J. M., Altenburger, L. E., Anderson, M. L., Snyder, A., & Dotto, I. (2014). Fiction or not? Fifty shades is associated with health risks in adolescent and young adult females. *Journal of Women's Health*, 23(9), 720-728. <https://doi:10.1089/jwh.2014.4782>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/147808870>
- Bridges, A. J., Wosnitzer, R., Scharrer, E., Sun, C., & Liberman, R. (2010). Aggression and sexual behavior in best-selling pornography videos: A content analysis update. *Violence against Women*, 16(10), 1065-1085. <https://doi.org/10.1177/1077801210382866>

- British Board of Film Classification. (2020). *Young people, pornography & age-verification*. Revealing Reality. <https://www.revealingreality.co.uk/2021/07/15/young-people-pornography-age-verification/>
- Brown, C. C., Durtschi, J. A., Carroll, J. S., & Willoughby, B. J. (2017). Understanding and predicting classes of college students who use pornography. *Computers in Human Behavior*, 66, 114-121. <https://doi:10.1016/j.chb.2016.09.008>
- Byers, E. S., & Shaughnessy, K. (2014). Attitudes toward online sexual activities. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 8(1), 10. <https://doi:10.5817/CP2014-1-10>
- Carvalho, M. & Leda, L. (2016, September 5-9). *Mulher no pornô: Uma representação da heteronormatividade* [Apresentação]. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo.
- Carvalho, P. C., & Goldhar, T. G. (2012). A mediação como instrumento de contenção da violência doméstica. *Revista da Esmese*, 17, 101-110.
- Castro, R., & Lins, S. (2020). Género, significados e consumo de pornografia em Portugal: Um estudo misto. *New Trends in Qualitative Research*, 3, 162-174. <https://doi.org/10.36367/ntqr.3.2020.162-174>
- Ceccarelli, P. R. (2011). A pornografia e o Ocidente. *Revista (In)visível*, 1, 25-34.
- Chen, Z., Fiske, S. T., & Lee, T. L. (2009). Ambivalent sexism and power-related gender-role ideology in marriage. *Sex Roles*, 60(11-12), 765-778. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9585-9>
- Chi, X., Yu, L., & Winter, S. (2012) Prevalence and correlates of sexual behaviors among university students: A study in Hefei, China. *BMC Public Health*, 12(972). <https://doi:10.1186/1471-2458-12-972>
- Comissão de Ética da Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2019). *Pareceres da comissão de ética da OPP* (1ª edição). Ordem dos Psicólogos Portugueses. <https://www.ordemdospsicol>
- Cooper, A. (1998). Sexuality and the Internet: Surfing into the new millennium. *CyberPsychology & Behavior*, 1(2), 187-193. <https://doi:10.1089/cpb.1998.1.187>
- Cooper, A., Morahan-Martin, J., Mathy, R. M., & Maheu, M. (2002). Toward an increased understanding of user demographics in online sexual activities. *Journal*

- of Sex and Marital Therapy*, 28(2), 105-129.
<https://doi:10.1080/00926230252851861>.
- Cortese, A. J. (2015). *Provocateur: Images of women and minorities in advertising*. Rowman & Littlefield.
- Costa, R. G., Silvera, C. M., & Madeira, M. Z. (2012, November 14-17). *Relações de gênero e poder: Tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina* [Apresentação]. 17º Encontro nacional da rede feminista e norte e nordeste de estudos e pesquisa sobre a mulher e relações de gênero.
<http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>
- Cowan, G., & Campbell, R. R. (1994). Racism and sexism in interracial pornography: A content analysis. *Psychology of Women Quarterly*, 18(3), 323-338.
<https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1994.tb00459.x>
- D'Abreu, L. C. (2013). Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra as mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 592-601.
<https://doi.org/10.1590/s0102-71822013000300013>
- Deaux, K. & LaFrance, M. (1998). Gender. In D. T., Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds), *The handbook of social psychology* (4th ed., pp. 788-827). McGraw-Hill.
- DeKeseredy, W. (2015). Critical criminological understandings of adult pornography and woman abuse: New progressive directions in research and theory. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, 4(4), 4-21.
<https://doi:10.5204/ijcjsd.v4i4.184>
- DeKeseredy, W. S., & Hall-Sanchez, A. (2016). Adult pornography and violence against women in the heartland: Results from a rural southeast Ohio study. *Violence Against Women*, 23(7), 830–849. <https://doi.org/10.1177%2F1077801216648795>
- Denney, N. W., Field, J. K., & Quadagno, D. (1984). Sex differences in sexual needs and desires. *Archives of Sexual Behavior*, 13(3), 233–245.
<https://doi.org/10.1007/bf01541650>
- Drisko, J. (1998). Using qualitative data analysis software. *Computers in Human Services*, 15(1), 1-19. <https://doi.org/10.1300/J407v15n01>
- Dworkin, A. (1985). *Against the male flood: Censorship, pornography, and equality*. (N.p.).

- Elder, W. B., Morrow, S. L., & Brooks, G. R. (2015). Sexual self-schemas of gay men: A qualitative investigation. *The Counseling Psychologist, 43*(7), 942-969. <https://doi:10.1177/0011000015606222>
- Eleuteri, S., Alessi, F., Petrucci, F., & Saladino, V. (2022). The global impact of the COVID-19 pandemic on individuals' and couples' sexuality. *Frontiers in Psychology, 12*(798260). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.798260>
- Epdata. (2021, dezembro 9). El consumo de pornografía en la juventud española, en datos y gráficos. Epdata. Retirado julho 8, 2022 de <https://www.epdata.es/datos/consumo-pornografia-jovenes-datos-graficos/385>
- Ezzy, D. (2002). *Qualitative analysis: Practice and innovation*. Routledge.
- Fernández-Antelo, I., Gordillo, I. C., & Parra, G. M. (2020). Synergy between acceptance of violence and sexist attitudes as a dating violence risk factor. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*(14), 5209. <https://doi.org/10.3390/ijerph17145209>
- Fisher, H. E., Aron, A., Brown, L. L. (2006). Romantic love: a mammalian brain system for mate choice. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, 361*(1476), 2173–2186. <https://doi.org/doi:10.1098/rstb.2006.1938>
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., Thomas, G., & Giles, L. (1999). Ideals in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*(1), 72–89. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.76.1.72>
- Forbes, G. B., Collinsworth, L. L., Jobe, R. L., Braun, K. D., & Wise, L. M. (2007). Sexism, hostility toward women, and endorsement of beauty ideals and practices: Are beauty ideals associated with oppressive beliefs? *Sex Roles, 56*(5-6), 265–273. <https://doi:10.1007/s11199-006-9161-5>
- Forbes, G. B., Jobe, R. L., White, K. B., Bloesch, E., & Adams-Curtis, L. E. (2005). Perceptions of dating violence following a sexual or nonsexual betrayal of trust: Effects of gender, sexism, acceptance of rape myths, and vengeance motivation. *Sex Roles, 52*, 165-173. <https://doi.org/10.1007/s11199-005-1292-6>
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Edições Graal.
- Fraser, M. T., & Gondim, S. M. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia, 14*(28), 139-152. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>

- Friedman, M. (2015). Unpacking MILF: Exploring motherhood, sexuality and feminism. *Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture and Social Justice*, 36(2).
- Garcia, M. S. (2018). *Exploração da diversidade de relacionamentos sexuais casuais e suas características* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório ULisboa. <http://hdl.handle.net/10451/36746>
- Garos, S., Beggan, J. K., Kluck, A., & Easton, A. (2004). Sexism and pornography use: Toward explaining past (null) results. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 16(1), 69-96. http://dx.doi.org/10.1300/J056v16n01_05
- Geis, F. L., Brown, V., Jennings, J., & Porter, N. (1984). TV commercials as achievement scripts for women. *Sex roles*, 10(7-8), 513-525. <https://doi:10.1007/bf00287260>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *Beyond Prejudice*, 70–88. <https://doi.org/10.1017/cbo9781139022736.005>
- Goh, J. X. & Hall, J. A. (2015). Nonverbal and verbal expressions of men’s sexism in mixedgender interactions. *Sex Roles*, 72(5-6), 252–261. <https://doi.org/10.1007/s11199-015-0451-7>
- Gomes, A., Fernandes, A., Ribeiro, R., & Cardoso, J. (2018a). Ciberpornografia e atitudes sexuais em estudantes universitários: Estudo exploratório. In I. Leal, S. V. Humboldt, C. Ramos, A. Ferreira-Valente, & J. L. P. Ribeiro (Eds.), *12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde – Actas* (pp. 33-42). Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Gomes, A., Fernandes, A., Ribeiro, R., Cardoso, J., & Ramos, C. (2018b). Perceived addiction to online pornography and sexual attitudes in Portuguese college students. *Journal of Sexual Medicine*, 15(3), 390 - 390. <https://doi:10.1016/j.jsxm.2018.04.586>
- Gómez, C. M., Larrán, J. M., & Peña, F. J. (2016). Gender differences between faculty members in higher education: A literature review of selected higher education journals. *Educational Research Review*, 18, 58-69. <https://doi:10.1016/j.edurev.2016.03.001>

- Grov, C., Gillespie, B. J., Royce, T., & Lever, J. (2011). Perceived consequences of casual online sexual activities on heterosexual relationships: A U.S. online survey. *Archives of Sexual Behavior*, 40(2), 429-439. <https://doi:10.1007/s10508-010-9598-z>
- Hald, G. M. (2006). Gender Differences in Pornography Consumption among Young Heterosexual Danish Adults. *Archives of Sexual Behavior*, 35(5), 577–585. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9064-0>
- Hald, G. M., & Malamuth, N. N. (2015). Experimental effects of exposure to pornography: The moderating effect of personality and mediating effect of sexual arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 44(1), 99-109. <https://doi:10.1007/s10508-014-0291-5>
- Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2013). When relationships do not live up to benevolent ideals: Women’s benevolent sexism and sensitivity to relationship problems. *European Journal of Social Psychology*, 43(3), 212–223. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1939>
- Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2016). Sexism in intimate contexts: How romantic relationships help explain the origins, functions, and consequences of sexist attitudes. Em C. G. Sibley & F. K. Barlow (Eds.), *The cambridge handbook of the psychology of prejudice* (pp. 321–343). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316161579.014>
- Harrison, C., Jones, R. S., & Huws, J. C. (2012). “We’re people who don’t touch”: Exploring clinical psychologists’ perspectives on their use of touch in therapy. *Counselling Psychology Quarterly*, 25(3), 277 – 287. <https://doi.org/10.1080/09515070.2012.671595>
- Hébert, A. & Weaver, A. (2014). An examination of personality characteristics associated with BDSM orientations. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 23(2), 106-115.
- Héritier, F. (1999). *Two sisters and their mother: The anthropology of incest*. Zone Books.
- Hidal, A. H., & Alabri, S. S. (2013). Using NVivo for data analysis in qualitative research. *International Interdisciplinary Journal of Education*, 2(2). http://www.iijoe.org/v2/IIJOE_06_02_0

- Hoffmeister, A., Carvalho, L. M., e Marin, A. (2019). Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento. *Revista Subjetividades*, 19(3), 1- 14. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e9529>
- Honneth, A. (2015). *Direito da liberdade*. Martins Fontes.
- Hunnicut, G. (2009). Varieties of Patriarchy and Violence Against Women: Resurrecting “Patriarchy” as a Theoretical Tool. *Violence Against Women*, 15(5), 553-573. <https://doi.org/10.1177/1077801208331246>
- Jansma, L. L., Linz, D. G., Mulac, A., & Imrich, D. J. (1997). Men’s interactions with women after viewing sexually explicit films: Does degradation make a difference? *Communications Monographs*, 64(1), 1-24. <https://doi.org/10.1080/03637759709376402>
- Kilianski, S. E., & Rudman, L. A. (1998). Wanting it both ways: Do women approve of benevolent sexism? *Sex Roles*, 39(5-6), 333–352. <https://doi.org/10.1023/A:1018814924402>
- Kitzinger, C. (2005). Heteronormativity in action: Reproducing the heterosexual nuclear Family in after-hours medical calls. *Social Problems*, 52(4), 477–498.
- Laurin, D. (2019). Subscription intimacy: Amateurism, authenticity and emotional labour in direct-to-consumer gay pornography. *About Gender: Interenational Journal of Gender Studies*, 8(16). <https://doi.org/10.15167/2279-5057/AG2019.8.16.1114>
- Lee, T. L., Fiske, S. T., Glick, P., & Chen, Z. (2010). Ambivalent sexism in close relationships: (Hostile) power and (benevolent) romance shape relationship ideals. *Sex Roles*, 62(7–8), 583–601. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9770-x>
- Lerner, G. (1986). *The creation of patriarchy*. Oxford University Press.
- Mackinnon, C. A. (1989). *Toward a feminist theory of the state*. Harvard University Press.
- Marshall, C., & Rossman, G. (2016). *Designing qualitative research*. Sage.
- Martellozzo, E., Monaghan, A., Adler, J. R., Davidson, J., Leyva, R., Davidson, J., & Horvath, M. A. (2016). “I wasn’t sure it was normal to watch it”: A quantitative and qualitative examination of the impact of online pornography on the values, attitudes, beliefs and behaviours of children and young people. NSPCC. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.3382393>

- McKee, A. (2005). The objectification of women in mainstream pornographic videos in Australia. *Journal of Sex Research*, 42(4), 277-290. <https://doi.org/10.1080/00224490509552283>
- McKee, A., Byron, P., Litsou, K., & Ingham, R. (2019). An interdisciplinary definition of pornography: Results from a global delphi panel. *Archives of Sexual Behavior*, 49, 1085–1091. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01554-4>
- McNulty, J. K., & Karney, B. R. (2004). Positive expectations in the early years of marriage: Should couples expect the best or brace for the worst? *Journal of Personality and Social Psychology*, 86(5), 729–743. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.86.5.729>
- McTavish, D. G., & Pirro, E. B. (1990). Contextual content analysis. *Quality & Quantity*, 24(3), 245-265. <https://doi.org/10.1007/BF00139259>
- Meeker, C. (2013). “Learning the ropes”: An exploration of BDSM stigma, identity disclosure, and workplace socialization. Em M. S. Plakhotnik & S. M. Nielsen (Eds.), *Proceedings of the 12th Annual South Florida Education Research Conference* (pp. 134-141). Miami, Florida International University.
- Merriam-Webster. (n.d.). Misogyny. Em *Merriam-Webster.com dictionary*. Retirado Julho 8, 2022, de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/misogyny#note-1>
- Meston, C. M., & Buss, D. M. (2007). Why humans have sex. *Archives of Sexual Behavior*, 36(4), 477–507. <https://doi.org/10.1007/s10508-007-9175-2>
- Minayo, M. C. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (12ª edição). Hucitec.
- Money, J., & Ehrhardt, A. A. (1972). *Man & woman, boy & girl: The differentiation and dimorphism of gender identity from conception to maturity*. Johns Hopkins University.
- Monk-Turner, E., & Purcell, H. C. (1999). Sexual violence in pornography: How prevalent is it? *Gender Issues*, 17(2), 58-67. <https://doi:10.1007/s12147-999-0015-7>
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.

- Morgan, E. M. (2011). Associations between young adults' use of sexually explicit materials and their sexual preferences, behaviors, and satisfaction. *Journal of Sex Research*, 48(6), 520-530. <https://doi.org/10.1080/00224499.2010.543960>
- Moya, M., Expósito, F., & Padilla, J. L. (2006). Revisión de las propiedades psicométricas de las versiones larga y reducida de la Escala sobre Ideología de Género. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(3), 709-727. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33760312>
- Muehlenhard, C. L., & Peterson, Z. D. (2011). Distinguishing between sex and gender: History, current conceptualizations, and implications. *Sex Roles*, 64(11-12), 791–803. <https://doi:10.1007/s11199-011-9932-5>
- Muller, H. L., Oliveira, L. M., & Bonfim, C. R. (2021). Pornografia: Influências e consequências na vivência da sexualidade. Em Wellington, J. J., & Souza, I. P. (Eds.). *Ciências humanas, sociais e suas tecnologias: Percepções teóricas e aplicações* (pp. 359-368). Uniedusul. https://www.uniedusul.com.br/publicacao/ciencias-humanas-sociais-e-suas-tecnologias-percepcoes-teoricas-e-aplicacoes/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=ciencias-humanas-sociais-e-suas-tecnologias-percepcoes-teoricas-e-aplicacoes
- Ochoa, C. (2015, novembro 11). *Amostragem não probabilística: Amostra por bola de neve*. Netquest. <https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/amostra-bola-de-neve>
- Olmstead, S. B., Negash, S., Pasley, K., & Fincham, F. D. (2013). Emerging adults' expectations for pornography use in the context of future committed romantic relationships: A qualitative study. *Archives of Sexual Behavior*, 42(4), 625-635. <https://doi:10.1007/s10508-012-9986-7>
- Ortmann, D. M. & Sprott, R. A. (2013). *Sexual outsiders: Understanding BDSM sexualities and communities*. Rowman & Littlefield Publishers.
- Overall, N. C., Sibley, C. G., & Tan, R. (2011). The costs and benefits of sexism: Resistance to influence during relationship conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(2), 271–290. <https://doi.org/10.1037/a0022727>
- Paasonen, S. (2011). *Carnal resonance: Affect and online pornography*. MIT Press.
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. Em J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social*

- psychological attitudes* (pp. 17-59). Academic Press.
<https://doi.org/10.1016/B978-0-12-590241-0.50006-X>
- Pessoa, V. S., Mendes, L. A., Athayde, R. A., & Souza F. J. (2013). Atitudes e problemas socioambientais. In R. T. Cruz, & E. E. Gusmão (Eds.). *Psicologia: conceitos, técnicas e pesquisas* (Vol. 2, pp. 57-88). Editora CRV.
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2011). The influence of sexually explicit Internet material on sexual risk behavior: A comparison of adolescents and adults. *Journal of Health Communication: International Perspectives*, 16(7), 750–765.
<https://doi.org/10.1080/10810730.2011.551996>.
- Pinto, P., Nogueira, M. C., & Oliveira, J. M. (2010). Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: Estéticas e ideologias da sexualização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 23(2), 374-383.
- Plakoyiannaki, E., Mathioudaki, K., Dimitratos, P., & Zotos, Y. (2008). Images of women in online advertisements of global products: does sexism exist? *Journal of Business Ethics*, 83(1), 101-112. <https://doi:10.1007/s10551-007-9651-6>
- Popović, M. (2011). Pornography Use and Closeness with Others in Men. *Archives of Sexual Behavior*, 40(2), 449–456. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9648-6>
- Pornhub Insights. (2019, December 11). *The 2019 year in review*. Pornhub.
<https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>
- Prince, S. (1990). Power and pain: Content analysis and the ideology of pornography. *Journal of Film and Video*, 42(2), 31-41. <https://www.jstor.org/stable/20687896>
- Público. (2019, April 4). *Pornhub: Portugal é um dos 40 países que mais vêem pornografia*. Público. <https://www.publico.pt/2019/04/03/p3/noticia/portugal-40-paises-ve-pornografia-1867936>
- Radke, H. R., Hornsey, M. J., & Barlow, F. K. (2016). Barriers to women engaging in collective action to overcome sexism. *American Psychologist*, 71(9), 863-874.
<https://doi.org/10.1037/a0040345>
- Reiss, I. L. (1964). The scaling of premarital sexual permissiveness. *Journal of Marriage and the Family*, 26(2), 188- 198. <https://doi.org/10.2307/349726>
- Rose, D. E. (2012). The definition of pornography and avoiding normative silliness: A commentary adjunct to Rea’s definition. *Philosophy Study*, 2(8), 547–559.

- Rothman, E. F., Beckmeyer, J. J., Herbenick, D., Fu, T. C., Dodge, B., & Fortenberry, J. D. (2021). The prevalence of using pornography for information about how to have sex: Findings from a nationally representative survey of U.S. adolescents and young adults. *Archives of sexual behavior*, *50*, 629–646. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01877-7>
- Rubin, G. (1975). The traffic in women: Notes on the “political economy” of sex. In R. R. Reiter (Ed.), *Toward an anthropology of women* (pp. 157–210). Monthly Review Press.
- Saffioti, H. I. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Editora Fundação Perseu Abramo.
- Sales, B. (n.d.). *Anime: O que é o desenho japonês e significado de Otaku*. Segredos do Mundo. Retirado Julho 8, 2022, de <https://segredosdomundo.r7.com/o-que-e-um-anime-e-o-que-significa-otaku/>
- Schober, P., Boer, C., & Schwarte, L. A. (2018). Correlation coefficients: Appropriate use and interpretation. *Anesthesia & Analgesia*, *126*(5), 1763–1768. <https://doi.org/10.1213/ane.0000000000002864>
- Şenormanci, Ö., Konkan, R., Güçlü, O., & Şenormanci, G. (2014). Two cases of excessive internet use with comorbid family relationship problems. *Archives of Neuropsychiatry* *51*(3), 280–282. <https://doi:10.4274/npa.y6939>
- Significados (n.d.). *Anime*. Significados. Retirado Julho 8, 2022, de <https://www.significados.com.br/anime/>
- Similarweb. (2021). *Top websites ranking*. Retirado Abril 4, 2021 de <https://www.similarweb.com/top-websites/>
- Smith, J. A., Flowers, P., & Larkin, M. (2009). *Interpretative phenomenological analysis: theory, method and research*. Sage.
- Sousa, B. B., & Cardoso, A. S. (2020). Gestão de marketing e o sexismo na comunicação: O papel da liderança. *Psicologia em Estudo*, *25*, 44779. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44779>
- Staley, C., & Prause, N. (2013). Erotica viewing effects on intimate relationships and self/partner evaluations. *Archives of Sexual Behavior*, *42*(4), 615–624. <https://doi:10.1007/s10508-012-0034-4>

- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313–335. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199705\)27:3<313::AID-EJSP824>3.0.CO;2-4](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3<313::AID-EJSP824>3.0.CO;2-4)
- Strange But True. (2017, February 19). *How big is the porn industry?* Medium. <https://medium.com/@TheSBT/how-big-is-the-porn-industry-fbc1ac78091b>
- Swim, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S., & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Oldfashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(2), 199-214. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.2.199>
- Tarrant, S. (2016). *The pornography industry: What everyone needs to know*. Oxford University Press.
- Teles, M. A., & Melo, M. (2002). *O que é violência contra a mulher*. Brasiliense.
- Tombolato, M. A., & Santos, M. A. (2020). Análise fenomenológica interpretativa (AFI): Fundamentos básicos e aplicações em pesquisa. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(3), 293-304. <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26n3.5>
- Træen, B., & Daneback, K. (2013). The use of pornography and sexual behaviour among Norwegian men and women of differing sexual orientation. *Sexologies*, 22(2), 69-74. <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2012.03.002>
- Træen, B., Spitznogle, K., & Beverfjord, A. (2004). Attitudes and use of pornography in the Norwegian population 2002. *The Journal of Sex Research*, 41(2), 193-200. <https://doi:10.1080/00224490409552227>
- Tylka, T. L. (2015). No harm in looking, right? Men’s pornography consumption, body image, and well-being. *Psychology of Men & Masculinity*, 16(1), 97-107. <https://doi:10.1037/a0035774>
- Tylka, T. L., & Diest, A. M. (2015). You looking at her “hot” body may not be “cool” for me: Integrating male partners’ pornography use into objectification theory for women. *Psychology of Women Quarterly*, 39(1), 67-84. <https://doi:10.1177/0361684314521784>
- Unger, R. K. (1979). Toward a redefinition of sex and gender. *American Psychologist*, 34(11), 1085–1094. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.11.1085>
- Vera-Gray, F., McGlynn, C., Kureshi, I., & Butterby, K. (2021). Sexual violence as a sexual script in mainstream online pornography. *The British Journal of Criminology*, 61(5), 1243-1260. <https://doi.org/10.1093/bjc/azab035>

- Vieira, K. F., Nóbrega, R. P., Arruda, M. V., & Veiga, P. M. (2016). Representação social das relações sexuais: Um estudo transgeracional entre mulheres. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(2), 329-340. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001752013>
- Walby, S. (1989). Theorising patriarchy. *Sociology*, 23(2), 213-234. <https://doi.org/10.1177/0038038589023002004>
- Weeks, J. (2011). *The Languages of sexuality*. Routledge.
- Williams, L. (1999). *Hardcore: Power, pleasure, and the "frenzy of the visible"*. University of California Press.
- Wolf, N. (1992). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rocco.
- Wright, P. J., & Randall, A. K. (2012). Internet pornography exposure and risky sexual behaviour among adult males in the United States. *Computers in Human Behavior*, 28(4), 1410–1416. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.03.003>
- Wright, P. J., & Štulhofer, A. (2019). Adolescent pornography use and the dynamics of perceived pornography realism: Does seeing more make it more realistic? *Computers in Human Behavior*, 95, 37-37. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.01.024>
- Yang, N., & Linz, D. (1990). Movie ratings and the content of adult videos: The sexviolence ratio. *Journal of Communication*, 40(2), 28-42. <https://doi:10.1111/j.1460-2466.1990.tb02260.x>
- Zaikman, Y., & Marks, M. J. (2016). Promoting theory-based perspectives in sexual double standard research. *Sex Roles*, 76(7-8), 407-420. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0677-z>

8. Anexos

Anexo A - Glossário

Relações românticas: Geralmente implica um indivíduo apaixonado, este apresenta-se emocionalmente dependente, alterando a sua rotina e prioridades de modo a permanecer perto da pessoa amada, ou para a impressionar. Apresenta também, desejo sexual e possessividade em relação a essa pessoa, bem como pensamentos iniciais intrusivos e obsessivos. Estes sentimentos ligam-se a sensações subjetivas, alterações psicológicas, mudanças de comportamento e necessidade de união (Fisher et al., 2006).

Amor: Demonstração recíproca de confiança e da entrega no seio de um casal (Honneth, 2015). Sendo demonstrado que o amor romântico pode trazer alegria e/ou tristeza, revelando-se como um fator bastante relevante para a qualidade de vida dos indivíduos, podendo levar os mesmos a apresentar depressões e a adotar comportamentos de perseguição, suicídio e homicídio (Aron et al., 2006).

Intimidade: Sentimento de proximidade, entendimento, felicidade, respeito, conexão, apoio emocional, valorização, e união que o indivíduo sente quando se encontra num relacionamento (Sternberg, 1997).

Heteronormatividade: Manutenção da heterossexualidade como uma forma de pensamento sobre o comportamento de todos os indivíduos, em particular do sistema de crenças subjacente que institucionaliza a heterossexualidade e, assim, estabelece uma invisibilidade de diversidade sexual (Berlant & Warner, 2002). Conjunto de práticas culturais, legais e institucionais que mantêm as suposições normativas de que existem apenas dois géneros, que o género é reflexo do sexo biológico, e que apenas a atração entre indivíduos de géneros opostos é natural e aceitável (Kitzinger 2005).

Misoginia: Refere-se especificamente ao ódio contra as mulheres. Distingue-se do sexismo, que denota discriminação baseada no sexo e comportamentos, condições ou atitudes que promovem estereótipos de papéis sociais baseados no sexo" (Merriam-Webster, n.d.)

Patriarquia: Sistema social no qual os homens dominam, pode também referir-se especificamente ao domínio sobre as mulheres. Pode estender-se por uma variedade de manifestações nas quais os homens têm privilégios sociais que

causam exploração e/ou opressão, por meio do domínio masculino da autoridade moral e controle da propriedade (Walby, 1989; Lerner, 1986; Hunnicutt, 2009)

Machismo: O machismo pode ser caracterizado como o poder de opressão que os homens exercem sobre as mulheres. Este encontra-se enraizado na nossa cultura e história desde os primórdios da humanidade, sendo ainda reproduzido socialmente, impedindo diretamente o avanço do feminismo em múltiplos contextos, sejam estes sociais, políticos ou económicos (Beauvoir, 1970/2019).

Feminismo: O feminismo, apesar de múltiplas transformações ao longo do tempo, pode caracterizar-se pela busca de igualdade de género. Existindo um viés social que determinou funções para cada um dos géneros, detendo geralmente o homem certos privilégios em comparação às mulheres. Representa adicionalmente uma teoria que de forma crítica analisa o mundo e a situação das mulheres no contexto geral, confrontando o sistema de dominação e propondo transformações sociais. Como o controlo sobre o próprio corpo, a proteção e prevenção contra violência, o questionamento dos padrões sociais machistas, entre outros (Beauvoir, 1970/2019).

MILF: É a abreviação para *mother I'd like to fuck*, em português “mãe com quem eu gostaria de fazer sexo”. Estas, na pornografia normalmente têm traços semelhantes de já serem “mulheres maduras”, com experiência sexual prévia, tomando mais a iniciativa da atividade sexual e com corpos envelhecidos, no entanto ainda dentro dos estereótipos de beleza sociais, ou como costumam ser caracterizados “corpos bem conservados” (Friedman, 2015).

Step brother / Step sister / Step mother: São termos parentescos que estão associados a fantasias relacionadas com incesto (Héritier, 1999).

Hentai: A palavra japonesa *anime* significa animação. Animações com traços de desenho muito específicos influenciados por aspetos culturais (Sales, n.d.). O *Hentai* é um tipo de anime erótico e ou pornográfico. (Significados, n.d.).

BDSM: Podemos caracterizar BDSM como múltiplas práticas sexuais consentidas, que requerem negociação prévia, o estabelecimento de uma *safe-word*, ou em português a palavra de segurança, cuja coloca término a todas as atividades, para

a segurança de todos/as os/as envolvidos. Adicionalmente, *Aftercare* ou em português o cuidado após a sessão de BDSM, que pode variar desde uma conversa até ao cuidado de lesões. A sigla significa *bondage* (Ex: Restrição do movimento com: cordas, correntes, entre outras), disciplina, dominação e submissão, sadismo e masoquismo. Estas práticas, para serem executadas na comunidade BDSM, seguem rigorosamente os princípios de sanidade mental/saúde, segurança e consentimento. Sem os anteriores não se trata de BDSM, mas pode-se tratar sim de algum tipo de abuso (Ortmann & Sprott, 2013). Nestas existem dinâmicas de troca de poder que envolve estimulação física e/ou psicológica sexual ou não, mutuamente satisfatória, podendo ou não incluir o sadismo e o masoquismo de forma a infligir e ou a sentir dor (Meeker, 2013; Hébert & Weaver, 2015). Nas trocas de poder existe sempre uma pessoa mais dominante, ou o/a Dom/Domme detentora de mais controlo e, uma pessoa mais submissa, ou o/a Sub, que permite e se deixa manipular pelo/a outro/a. Apesar de existirem pessoas que se identifiquem com ambos, trocando de papéis, denominados/as por Switchers (Weeks, 2011). Adicionalmente, é importante mencionar que de acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (APA, 2013), o diagnóstico de perturbação de sadismo ou masoquismo sexual só é aplicável caso seja mencionado mal-estar tendo em conta esses impulsos, existindo prejuízo na concretização de outros objetivos. De outra forma, estas pessoas podem ter simplesmente um interesse sexual sadista e ou masoquista (Weeks, 2011).

Pornografia amadora: Por definição, o conteúdo amador descreve uma intenção de fazer pornografia não por lucro, mas sim por gosto, sendo frequentemente referente a um estilo visual. Aparece em oposição à pornografia “profissional”, apresentando frequentemente um trabalho de câmara instável, má iluminação, baixa qualidade de imagem e atores/atrizes sem treino (Laurin, 2019). Assim procura aumentar um senso de “verdade” e autenticidade (Paasonen, 2011).

Anexo B - Dados sociodemográficos

	Sexo	
	Feminino (N=11; 55%)	Masculino (N=9; 45%)
Níveis socioprofissionais	Desempregado/a (N=1; 5%)	Desempregado/a (N=2; 10%)
	Empregado/a (N=7; 35%)	Empregado/a (N=4; 20%)
	Estudante (N=3; 15%)	Estudante (N=3; 15%)
Relacionamento atual	Não (N=2; 10%)	Não (N=3; 15%)
	2 anos (N=2; 10%)	1 mês (N=1; 5%)
	3 anos (N=1; 5%)	3 anos (N=1; 5%)
	3.5 anos (N=1; 5%)	4 anos (N=1; 5%)
	5 anos (N=2; 10%)	5.5 anos (N=1; 5%)
	6 anos (N=3; 15%)	6 anos (N=1; 5%)
		7 anos (N=1; 5%)
Grau de religiosidade (1-12)	1-4 (N=6; %)	
	5-8 (N=3; %)	1-4 (N=9; %)
	9-12 (N=2; %)	1.89 (média)
	4.36 (média)	
Posição política (1-12)	1-4 (N=1; %)	1-4 (N=1; %)
	5-8 (N=7; %)	5-8 (N=3; %)
	9-12 (N=3; %)	9-12 (N=5; %)
	6.91 (média)	7.56 (média)

* 1 corresponde a uma posição política de extrema direita/ grau de religiosidade menor e 12 corresponde a uma posição política de extrema esquerda/ grau de religiosidade maior

Sujeito	Idade	Nacionalidade	Conselho abitual de residência	Nível de escolaridade	Ocupação profissional	Estado civil	Grau de religiosidade (1-12)	Posição política (1-12)	Relacionamento Atual	Nº de filhos
F1	32	Portuguesa	Porto de mós	12º ano	Operária fabril	União de facto	6	6	5 anos	0
F2	26	Portuguesa	Évora	Licenciatura	Estudante	Solteira	1	12	Não	0
F3	23	Portuguesa	Évora	Licenciatura	Operadora de loja	Solteira	1	10	6 anos	0
F4	34	Portuguesa	Leiria	Mestrado	Nutricionista	Solteira	7	5	6 anos	0
F5	25	Portuguesa	Fátima	12º ano	Restauração	Casada	9	5	6 anos	2
F6	23	Portuguesa	Alcobaça	Mestrado	Contabilista	Solteira	4	1	Não	0
F7	22	Portuguesa	Marinha Grande	Licenciatura	Enfermeira	Solteira	9	6	5 anos	0
F8	23	Portuguesa	Leiria	Licenciatura	Estudante	União de facto	7	7	2 anos	0
F9	25	Portuguesa	Vila Nova de Gaia	Licenciatura	Estudante	Solteira	1	8	3.5 anos	0
F10	24	Portuguesa	Gondomar	Licenciatura	Enfermagem	Solteira	2	6	2 anos	0
F11	24	Portuguesa	Porto	Mestrado	Desempregada	Solteira	1	10	3 anos	0

Sujeito	Idade	Nacionalidade	Conselho abitual de residência	Nível de escolaridade	Ocupação profissional	Estado civil	Grau de religiosidade (1-12)	Posição política (1-12)	Relacionamento Atual	Nº de filhos
M1	25	Portuguesa	Vila Nova de Gaia	Mestrado	Estudante	Solteiro	1	10	3 anos	0
M2	34	Portuguesa	Leiria	Mestrado	Diretor Executivo	Solteiro	4	5	6 anos	0
M3	34	Portuguesa	Amadora	Licenciatura	Empresário	União de facto	3	7	4 anos	0
M4	24	Portuguesa	Leiria	Licenciatura	Estágio profissional	Solteiro	4	10	Não	0
M5	23	Portuguesa	Marinha Grande	Licenciatura	Engenheiro informático	Solteiro	1	6	1 mês	0
M6	24	Portuguesa	Lisboa	Mestrado	Estudante	Solteiro	1	3	Não	0
M7	24	Portuguesa	Évora	12º ano	Desempregado	União de facto	1	9	5.5 anos	0
M8	25	Portuguesa	Vila Nova de Gaia	Mestrado	Estudante	Solteiro	1	9	Não	0
M9	25	Portuguesa	Madeira	Licenciatura	Desempregado	Solteiro	1	9	7 anos	0

Anexo C - Guião da Entrevista

Temas / Objetivos	Questões
<p>Tema A:</p> <p>Legitimar a entrevista.</p> <p>Justificar o tema e a entrevista.</p> <p>Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a.</p>	<p>Apresentação da entrevistadora.</p> <p>Informar o/a entrevistado/a sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tema; • Objetivos do estudo; • Responsáveis; • Metodologia; • Apresentação/divulgação dos dados. <p>Informar o/a entrevistado/a dos principais objetivos da entrevista.</p> <p>Assegurar a confidencialidade e o anonimato.</p> <p>Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.</p>
<p>Tema B:</p> <p>Identificar e caracterizar os conteúdos pornográficos heteronormativos consumidos pelos/as participantes e seu grau de sexismo, comparando o sexo feminino com o masculino</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que se recorde, qual foi a idade a que foi exposto/a e/ou procurou pela primeira vez conteúdo pornográfico? 2. Poderia partilhar comigo com que regularidade consome pornografia? Fá-lo individualmente ou acompanhado? Essa regularidade é influenciada alguma vez por consumir o conteúdo individualmente ou acompanhado/a? Caso consuma esses conteúdos acompanhado/a, os mesmos variam aquando individualmente consumidos? 3. Existem diversas motivações para consumir conteúdo pornográfico. Poderia partilhar comigo algumas das suas motivações? Essas motivações mudaram com o tempo ou mantiveram-se? 4. Que tipo(s) de sentimentos positivos e ou negativos lhe traz ou trouxeram os conteúdos pornográficos? 5. Se tivesse que nomear alguns aspetos positivos e negativos da pornografia que consome, o que diria? 6. Que meios utiliza para aceder aos conteúdos pornográficos? 7. Já utilizou a pornografia para esclarecer alguma dúvida? Se sim, foi bem-sucedido/a? 8. Já fez alguma descoberta pessoal ao consumir conteúdos pornográficos? Se sim, poderia partilhar comigo? 9. Poderia partilhar comigo que categoria(s) e ou género(s) de conteúdos pornográficos prefere ou preferia consumir? Esse(s) corresponde(m) ao(s) que mais consome ou consumia? 10. Nos conteúdos que visualiza, existem preliminares? Se não, porque acha que não existem? 11. Na pornografia que visualiza, observa o uso de algum método de proteção e ou contraceção, como o preservativo?

	<p>12. Quão realísticos diria que são os conteúdos pornográficos que costuma consumir? Porquê?</p> <p>13. Se tivesse de atribuir características genéricas físicas e de personalidade às mulheres e homens do conteúdo que visualiza, quais seriam? (Se a resposta for diferente) Na sua opinião, porque que é que se verificam essas diferenças?</p> <p>14. Acha que estas representações influenciam a visão que temos de ambos os géneros? E, será que essas representações influenciam a nossa sociedade de alguma forma?</p>
<p>Tema C:</p> <p>Identificar e caracterizar aspetos das relações românticas e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino</p>	<p>15. Existem diversas motivações para ser íntimo num relacionamento, poderia partilhar comigo algumas das suas? Essas motivações mudaram com o tempo ou mantiveram-se?</p> <p>16. O que é para si uma experiência sexual prazerosa e positiva? E essa opinião muda quando está ou não num relacionamento romântico?</p> <p>17. Nas suas relações costuma utilizar algum método de contraceção e/ou proteção como o preservativo?</p> <p>18. Qual é a sua opinião relativamente aos preliminares? Praticos na sua vida relacional? Sempre praticou? Poderia partilhar comigo alguns?</p> <p>19. Normalmente, quais os papéis do/a homem/mulher na(s) sua(s) relação(ões) romântica(s)? E na(s) sexual(ais)?</p>
<p>Tema D:</p> <p>Identificar o impacto do consumo de conteúdos pornográficos heteronormativos nos comportamentos, sentimentos, pensamentos e relacionamentos românticos e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino</p>	<p>20. Acha que a pornografia desempenha algum papel nas relações românticas?</p> <p>21. Acha que o visionamento de conteúdos pornográficos influenciou as suas experiências sexuais? Se sim, de que forma?</p> <p>22. Transporta ou já transportou o que vê na pornografia para as suas reações sexuais? Se sim, de que forma?</p> <p>23. Denota dinâmicas de poder entre homens e mulheres nos conteúdos pornográficos que visualiza? De que forma? Se sim, de um modo geral quem detém mais poder? Porque acha que isso acontece?</p>
<p>Tema E:</p> <p>Averiguar se o possível impacto do consumo dos conteúdos pornográficos heteronormativos, tem um efeito de replicação e ou solidificação das atitudes sexistas nas diferentes vertentes individuais e sociais, comparando o sexo feminino com o masculino</p>	<p>24. O que pensa relativamente à forma como a visualização de conteúdos pornográficos pode ou não influenciar como os homens interagem com as mulheres e vice-versa? Pode partilhar alguma experiência pessoal ou de alguém que conheça que tenha demonstrado isso?</p> <p>25. Cada vez mais cedo os jovens têm acesso a conteúdos pornográficos, facilitado pelo avanço da tecnologia. Que influência poderá isto ter ou não nas futuras relações românticas? E sexuais? De que forma?</p> <p>26. Algumas pessoas são da opinião que o consumo de pornografia se relaciona com o sexismo. Qual é a sua opinião relativamente a este aspeto? O que é para si o sexismo?</p>
<p>Tema F:</p>	<p>Dados Sociodemográficos - Caracterização do/a entrevistado/a</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sexo • Idade

Caracterização sociodemográfica do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none">• Nacionalidade• Concelho habitual de residência• Nível de escolaridade• Níveis socioprofissionais• Situação conjugal• Grau de religiosidade (1-12)• Posição política (1-12)
---	--

Anexo D - Consentimento Informado

Caro/a Participante

Este estudo decorre no âmbito do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora e é conduzido por mim, Joana Salvador, sob a orientação da Professora Doutora Madalena Melo. Pedimos que leia este texto com especial atenção, que coloque qualquer questão que entender e, que participe neste estudo apenas se concordar com a informação presente neste documento.

É importante que entenda o objetivo deste estudo e que compreenda os aspetos da participação no mesmo. O nosso objetivo é compreender de que forma e em que aspetos o consumo da pornografia se reproduz nas relações românticas heterossexuais e nas relações sexuais que nelas ocorrem. No contexto deste estudo, a pornografia é definida como todo o conteúdo que exponha explicitamente algum tipo de atividade sexual realizada entre homem/ns e mulher/es, tendo como objetivo a excitação erótica e proporcionar prazer.


Para concretizar este estudo, elaborámos uma entrevista semiestruturada, com questões que pretendem conhecer as suas experiências e opiniões sobre esta temática. Solicitamos que responda, de forma sincera, às questões que vamos colocar, realçando que não fazemos qualquer juízo de valor e que não existem respostas certas ou erradas, especialmente tendo em conta a diversificada e complexa experiência humana e a variedade de vivências de cada pessoa. Pedimos também autorização para a gravação áudio da entrevista, com o único propósito de posterior transcrição, de modo a analisar com precisão o seu conteúdo. A gravação será imediatamente destruída após a transcrição.

São requisitos para a participação: a) ter experienciado pelos menos uma relação romântica heterossexual, com um mínimo de 6 meses de duração e com a existência de relações sexuais; b) ter consumido conteúdos pornográficos; c) ter idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos; d) assinar o consentimento informado.

Espera-se que este estudo permita aprofundar o entendimento da influência da pornografia nas relações românticas e sexuais.

A sua participação é totalmente voluntária, sendo que pode desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo caso sinta algum tipo de desconforto que a/o leve a optar por essa decisão. Acrescenta-se que este estudo obedece ao Regulamento Geral da Proteção de Dados e também aos princípios específicos referentes à investigação em Psicologia, estabelecidos pelo Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Deste modo, qualquer informação recolhida será tratada de forma completamente anónima e confidencial, sendo utilizada unicamente para fins desta investigação, garantindo-se assim o sigilo total de qualquer informação pessoal e, a destruição posterior de dados já não necessários à investigação.

Agradecemos, desde já, a sua participação!

Assinatura da investigadora _____ 

Tendo em conta tudo o que foi referido acima, declaro que estou de acordo com esta informação, que tomei conhecimento do objetivo deste estudo, dos aspetos referentes à minha participação, aceitando assim participar nesta investigação.

Data: / /

Assinatura do/a Entrevistado/a _____

Anexo E - Exemplos de entrevistas

Entrevista feita a uma mulher:

Entrevistadora: Começamos por explicitar que o conteúdo pornográfico que observamos pode não estar relacionado com a nossa orientação, identificação e ou expressão sexual. Desde já, agradecemos!

Entrevistadora: Que se recorde, qual foi a idade a que foi exposta e/ou procurou pela primeira vez conteúdo pornográfico?

Entrevistada: Aos 17 anos procurei.

Entrevistadora: Poderia partilhar comigo com que regularidade consome pornografia?

Entrevistada: Talvez duas ou três vezes por mês que costumo ver algumas coisas com o meu namorado.

Entrevistadora: Essa regularidade é influenciada alguma vez por consumir o conteúdo individualmente ou acompanhado/a?

Entrevistada: Eu quando estou sozinha não vejo.

Entrevistadora: Existem diversas motivações para consumir conteúdo pornográfico. Poderia partilhar comigo algumas das suas motivações?

Entrevistada: É um bocadinho para explorar coisas novas e também para apimentar às vezes um bocadinho a relação.

Entrevistadora: E essas motivações mudaram com o tempo ou mantiveram-se?

Entrevistada: Não, acho que foi sempre uma constante, depois acho também que foi uma coisa assim que ele me puxou um bocadito mais, porque ele também gosta assim um bocadito mais dessas coisas.

Entrevistadora: Que tipo(s) de sentimentos positivos e ou negativos lhe traz ou trouxeram os conteúdos pornográficos?

Entrevistada: Negativos talvez, um bocado assim de vergonha ou também às vezes um sentimento de culpa, às vezes alguma coisa que ele gostasse e eu não conseguir estar à altura disso. Apesar de também sabemos que nesse contexto, que muitas coisas não se expõem assim muito para a realidade. Em relação aos positivos, trouxe-nos mais satisfação, às vezes mais desejo por que conseguíamos ter noção de coisas que podíamos fazer para satisfazer um ao outro, acho que também nos aproximou mais nesse campo.

Entrevistadora: Se tivesse que nomear alguns aspetos positivos e negativos da pornografia que consome, o que diria?

Entrevistada: Negativos... às vezes tá descontextualizado da realidade, às vezes também é como retrata uma mulher, na posição submissa em relação ao homem, que só o homem é que tira prazer daquilo, que é tudo mais para o homem, que às vezes tem lá

coisas que se nota que aquilo é desconfortável para a mulher, nas posições que está, vemos como é que é possível. Acho que está muito mais feito para o que o homem quer, do que para a posição feminina. Já os positivos, podem ser a satisfação que pode trazer às pessoas, uma quebra de rotina e um apimentar e aproximação numa relação.

Entrevistadora: Que meios utiliza para aceder aos conteúdos pornográficos?

Entrevistada: É muito mais de sites, no computador.

Entrevistadora: Já utilizou a pornografia para esclarecer alguma dúvida? Se sim, foi bem-sucedida?

Entrevistada: Não, essas coisas nunca foram para isso. Eu acho que isso ainda traz mais dúvidas do que dá respostas.

Entrevistadora: Já fez alguma descoberta pessoal ao consumir conteúdos pornográficos? Se sim, poderia partilhar comigo?

Entrevistada: Se calhar, já começamos a usar mais adereços que possam estimular outras sensações, não ser só o mesmo tipo de relação sexual.

Entrevistadora: Poderia partilhar comigo que categoria(s) e ou género(s) de conteúdos pornográficos prefere ou preferia consumir?

Entrevistada: Geralmente é heterossexual e também já vimos assim alguma coisa de BDSM e de dominação.

Entrevistadora: Nessa parte da dominação qual é a pessoa, já que é heterossexual, que costuma estar nessa parte mais dominante?

Entrevistada: Normalmente é o homem, mas eu nesse aspeto tou sempre em equilíbrio com ele.

Entrevistadora: Nos conteúdos que visualiza, existem preliminares?

Entrevistada: Não, não é muito frequente.

Entrevistadora: Porque acha que isso acontece?

Entrevistada: Se calhar torna as coisas mais mecânicas, naquele momento as pessoas tentam criar aquela esfera antes da relação. Eu acho que eles tiram essa parte mais romantizada, normalmente é muito mais só puro e duro, como se diz.

Entrevistadora: Mas porque não colocam essa parte romântica que falou?

Entrevistada: Não sei, se calhar também já é uma coisa da indústria, como as coisas funcionam.

Entrevistadora: Na pornografia que visualiza, observa o uso de algum método de proteção e ou contraceção, como o preservativo?

Entrevistada: Não sei dizer se todas as vezes, mas já apareceu.

Entrevistadora: Quão realísticos diria que são os conteúdos pornográficos que costuma consumir? E porquê?

Entrevistada: Não muito, mas não quer dizer não possa ter alguma coisa que as pessoas possam transferir. Mas dependendo da relação que elas tenham, o que faça sentido. Mas não acho que seja uma coisa que devam representar à letra como está e como é mostrado. Porque se não, tornava tudo muito a favor só de um de nós...dos homens...

Entrevistadora: Se tivesse de atribuir características genéricas físicas (Ex: forma do corpo...) e de personalidade (Ex: inteligente...) às mulheres e homens do conteúdo que visualiza, quais seriam? E caso existam essas diferenças, porque que é que acha se verificam?

Entrevistada: Mulheres mais submissas porque acho que também tem muito a ver com a sociedade em que vivemos, em que o homem teve sempre numa posição de mais poder. E a mulher também é muito mais descredibilizada ainda, quando estamos a falar de sexo parece que a mulher ainda tem de lutar mais para ter os seus direitos, parece que as mulheres não podem ter acesso às mesmas coisas que o homem gosta, nem ter acesso às mesmas coisas mesmo. Não estão no mesmo nível. Tem muito a ver com questões de cultura. O corpo é tudo muito estereotipicamente perfeito também, o que não é real.

Entrevistadora: Acha que estas representações influenciam a visão que temos de ambos os géneros? E, será que essas representações influenciam a nossa sociedade de alguma forma?

Entrevistada: Sim, eu acho que sim, e ainda mais quando as pessoas não têm acesso a outro tipo de informação ou não se tentam esclarecer mais. Cada vez mais os jovens têm acesso, podem mais facilmente ir procurar, do que falar com as pessoas mais velhas, tentarem ter esse tipo de conhecimento e saberem mais. Pode sempre acontecer, pois não existe aprendizagem e assim é tudo mais influenciável, pois nesses conteúdos e na sociedade o homem é o que tem mais poder.

Entrevistadora: Existem diversas motivações para ser íntimo num relacionamento, poderia partilhar comigo algumas das suas?

Entrevistada: Sim, é mais o apimentar, para ter novas sensações e aumentar a intimidade entre nós.

Entrevistadora: O que é para si uma experiência sexual prazerosa e positiva?

Entrevistada: Primeiro tem de ser algo com que esteja confortável e tem que ser com alguém que para mim faça sentido, tem de haver respeito e confiança na relação, essas coisas, eu acho que é muito disso.

Entrevistadora: Acha que essa opinião sua muda quando está ou não num relacionamento?

Entrevistada: Não, isso para mim é geral.

Entrevistadora: Nas suas relações costuma utilizar algum método de contraceção e/ou proteção como o preservativo?

Entrevistada: Sim, a pílula. Eu uso a pílula apenas, mas no início também usávamos o preservativo.

Entrevistadora: Qual é a sua opinião relativamente aos preliminares?

Entrevistada: Eu acho que são uma coisa positiva, uma coisa que deve sempre haver, para criar aquela atmosfera e estar no clima, para não ser uma coisa que, pronto, estamos aqui é logo partir para a ação, parece que é muito impessoal, parece que não há aquela intimidade entre as pessoas, parece que não existe mais nada.

Entrevistadora: Pratica-os na sua vida relacional?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Sempre praticou?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Pode partilhar algum exemplo?

Entrevistada: Já chegamos a fazer um jantar, já cheguei a fazer tipo *roleplay*, a vestir umas coisas que ele gosta.

Entrevistadora: Normalmente, quais os papéis do/a homem/mulher na(s) sua(s) relação(ões) romântica(s)?

Entrevistada: Eu acho que não existe propriamente um papel. Os dois estão em pé de igualdade, os dois podem fazer as mesmas coisas, acho que não tem que haver um que faça mais umas coisas e o outro outras. Também acho dependendo das características das pessoas, há sempre um que toma mais iniciativa ou determinado tipo de coisa, mas acho que não há assim nenhum papel definido.

Entrevistadora: E nas relações sexuais?

Entrevistada: Não, eu acho que nisso somos bastante equilibrados, no início se calhar ele era mais proativo, mas agora já estamos mais equilibrados.

Entrevistadora: Acha que a pornografia desempenha algum papel nas relações românticas?

Entrevistada: Se calhar é mais a nível da parte sexual do que romântica, mas sim, tem sempre alguma influência, nem que seja como eu disse para experimentar coisas novas, ter novas sensações. Mas é mesmo só nessa parte sexual, porque a nível do romantismo e emoções acho que não tem muita influência.

Entrevistadora: Acha que o visionamento de conteúdos pornográficos influenciou as suas experiências sexuais? Se sim, de que forma?

Entrevistada: Isso é o que disse, porque sim influencia porque apimenta, ajuda até a criar uma atmosfera às vezes, e aumenta a nossa proximidade um do outro.

Entrevistadora: Transporta ou já transportou o que vê na pornografia para as suas reações sexuais? Se sim, de que forma?

Entrevistada: Não diretamente, não. É mais algo que auxilia o ambiente e assim.

Entrevistadora: Denota dinâmicas de poder entre homens e mulheres nos conteúdos pornográficos que visualiza? Se sim, de um modo geral quem detém mais poder?

Entrevistada: Sim, como já referi, é normalmente o homem que detém mais poder e a mulher não.

Entrevistadora: E porque acha que isso acontece?

Entrevistada: É algo, lá está, social vem de nós sociedade infelizmente com esse problema ainda, vai se influenciar umas coisas às outras e vice-versa.

Entrevistadora: O que pensa relativamente à forma como a visualização de conteúdos pornográficos pode ou não influenciar como os homens interagem com as mulheres e vice-versa?

Entrevistada: Como vemos mais a mulher na posição submissa e mais o homem com poder, pode dar ao homem a ideia de que a mulher está ali à disposição para tudo e que ele pode e faz, ele é que manda, que ela só serve para o satisfazer a ele, e isso pode se calhar transpor para comportamentos mais agressivos sexualmente no homem, pode ser algo que tenha alguma influência nisso. Se calhar também mesmo em relação à mulher, pode sentir por isso que é menos empoderada que o homem, se calhar que não tem tanta validade em determinado tipo de coisas, para se colocar em determinado tipo de coisas que a sociedade coloca logo um entrave, é logo intitulada de nomes feios só porque está a viver de forma livre a sua sexualidade e acaba por ser mais marginalizada que os homens.

Entrevistadora: Conhece alguma experiência que mostre essa influência? Que tenha sido transporte para a vida real?

Entrevistada: Se calhar assim no grupo de amigos que às vezes tem assim uma atitude, mais broncos com as mulheres e às vezes tem alguns comentários que possam ser com esse desnível de poder.

Entrevistadora: Cada vez mais cedo os jovens têm acesso a conteúdos pornográficos, facilitado pelo avanço da tecnologia. Que influência poderá isto ter ou não nas futuras relações românticas? E sexuais?

Entrevistada: Cria ideias erradas do que é o homem e a mulher, e se calhar influencia muito aquilo que eles querem ter numa relação, numa relação, e o que acham que deve ser uma relação romântica e sexual, por aí. E ainda mais, se só tiverem acesso a essa informação, se não procurarem esclarecer-se de outras formas. Isso acaba por ser um bocado mais assim, porque a sociedade, ela própria não fornece aos jovens outra forma de informação, então eles acham que é aí que eles devem procurar a informação, porque não a recebem de outro lado.

Entrevistadora: Algumas pessoas são da opinião que o consumo de pornografia se relaciona com o sexismo. Qual é a sua opinião relativamente a este aspeto?

Entrevistada: Na minha opinião acho que não tem de ser necessariamente assim, eu acho que as pessoas podem consumir pornografia por vários motivos, por tarem em relação, para procurar coisas novas, às vezes também gostar de outras sensações. Não quer dizer que não haja pessoas que por essa razão, já que isto tá aqui demonstrado, uma aprendizagem para isso. Depois também há pessoas, se calhar um bocado também do seu contexto de vida que tem, se já pensam isso, depois também perpetuam ainda mais, por tarem a ver aquela coisa.

Entrevistadora: O que é para si o sexismo?

Entrevistada: Para mim o sexismo é nós termos determinadas características associadas aos comportamentos de uma pessoa, ou julgá-la só pelo sexo que ela tem, se olharmos para a pessoa em função daquele sexo, ela tem que ser assim, pensar assim, agira assim, e sempre que ela faz alguma coisa contra isso que isso já é mau. É constantemente estar a separar homens e mulheres cada um para o seu lado.

Entrevistadora: Gostaria de agradecer a participação e indicar que em caso de dúvidas relativamente à saúde sexual e reprodutiva podem ligar gratuitamente, confidencialmente e anonimamente para a sexualidade em linha através do seguinte contacto: 800 222 003, entre as 11 horas da manhã às 19 da tarde em dias úteis e, aos sábados entre as 10 da manhã e as 17 da tarde. E ainda em caso de curiosidades e questões também a respeito da sexualidade podem consultar o Pornhub Sexual Wellness Center.

Entrevista feita a um homem:

Entrevistadora: Começamos por explicitar que o conteúdo pornográfico que observamos pode não estar relacionado com a nossa orientação, identificação e ou expressão sexual. Peço que responda pela ordem que as questões estão colocadas, intuitivamente e o mais desenvolvido possível. Mais uma vez agradecemos!

Entrevistadora: Que se recorde, qual foi a idade a que foi exposto e/ou procurou pela primeira vez conteúdo pornográfico?

Entrevistado: Deveria ter uns 12 anos, provavelmente.

Entrevistadora: Que foi exposto ou que visualizou?

Entrevistado: Que fui exposto, comecei a visualizar se calhar aos 15.

Entrevistadora: Não se recorda a maneira que foi exposto por exemplo?

Entrevistado: Foi através de uns calendários que continham imagens pornográficas.

Entrevistadora: Poderia partilhar comigo com que regularidade consome pornografia?

Entrevistado: Algumas vezes por mês. Duas ou três vezes por mês.

Entrevistadora: E fá-lo individualmente ou acompanhado?

Entrevistado: Acompanhado.

Entrevistadora: E essa regularidade é influenciada por consumir o conteúdo individualmente ou acompanhado?

Entrevistado: Sim, porque eu normalmente só vejo acompanhado.

Entrevistadora: Por alguma razão já agora?

Entrevistado: Simplesmente vejo acompanhado, a razão é que eu sozinho não vejo atualmente.

Entrevistadora: E sem ser atualmente?

Entrevistado: Quando comecei a consumir era sempre sozinho.

Entrevistadora: Então quando está em relações só consome acompanhado, nunca sozinho?

Entrevistado: Às vezes.

Entrevistadora: Esses conteúdos são diferentes quando consumidos individualmente ou sozinho?

Entrevistado: Quando comecei a ver acompanhado, teve algumas alterações.

Entrevistadora: Quais são as diferenças no conteúdo?

Entrevistado: As categorias. Normalmente sozinho via coisas mais estereotípicas tipo sexo anal e pequenas histórias, acompanhado vejo mais coisas relacionados BDSM por exemplo.

Entrevistadora: Existem diversas motivações para consumir conteúdo pornográfico. Poderia partilhar comigo algumas das suas motivações?

Entrevistado: Prazer, extinção, *foreplay*, preliminares, curiosidade às vezes.

Entrevistadora: Essas suas motivações mudaram com o tempo ou mantiveram-se?

Entrevistado: Mudaram, dantes eu via mais só para prazer e masturbação. Agora às vezes é curiosidade ou preliminares.

Entrevistadora: Que tipo(s) de sentimentos positivos e ou negativos lhe traz ou trouxeram os conteúdos pornográficos?

Entrevistado: Positivos, excitação, às vezes brincadeira quando é com outra pessoa, felicidade, brincar. Negativos, talvez às vezes algum medo ou insegurança, embora eu não tenha nenhuma consciência de isso ter acontecido, mas provavelmente deve ter acontecido.

Entrevistadora: Deve ter? Porque é que diz isso?

Entrevistado: Porque o que vemos não retrata muito a realidade e acabamos por transmitir algumas coisas que se podem refletir em inseguranças ou medos.

Entrevistadora: Mas você sentia alguma insegurança ou medo?

Entrevistado: Não, acho que não.

Entrevistadora: Então não associa nenhum sentimento negativo ao conteúdo que viu?

Entrevistado: Não. Por isso é que estou a dizer que dantes pode ter tido, mas sinceramente eu não tenho nenhuma ideia que tenha tido, mas também tenho a consciência que provavelmente é capaz de ter tido.

Entrevistadora: E esses medos ou inseguranças seriam em relação a quê?

Entrevistado: Por exemplo, antes de começar a ter relações sexuais de as coisas correm mal, de não correr como estava no conteúdo. Enquanto que atualmente também tenho noção que não reflete uma relação realista. Portanto acabo por não ter esses sentimentos.

Entrevistadora: Se tivesse que nomear alguns aspetos positivos e negativos da pornografia que consome, o que diria?

Entrevistado: Positivo, por exemplo o uso em preliminares, é uma coisa boa para desenvolver a relação sexual e ser íntimo com o parceiro. Negativos, o facto de muitas vezes não refletir a realidade, acho que esse é um aspeto negativo.

Entrevistadora: Em que sentido, poderia explicitar?

Entrevistado: Pode criar expectativas irrealistas. Muitos aspetos são irrealistas, por exemplo os senários que se criam ou a prontidão dos participantes, ou às vezes as reações do que é ou não prazeroso pode ser mal transmitido ou a ausência de proteção, coisas desse género acho que são todos aspetos negativos.

Entrevistadora: Que meios utiliza para aceder aos conteúdos pornográficos?

Entrevistado: Computador e telemóvel.

Entrevistadora: E especificamente, por exemplo se vê por sites, por *GIFs*, canais de *streaming*?

Entrevistado: Normalmente por sites pornográficos que contêm vídeos pornográficos. Agora não tanto, mas também já cheguei a utilizar sites de *streaming*.

Entrevistadora: E tem algum nome específico desses sites? Dos canais pornográficos que utilizava e utiliza?

Entrevistado: Sites por exemplo o Pornhub, às vezes Xvídeos. E de *streaming* o Chaturbate.

Entrevistadora: Já utilizou a pornografia para esclarecer alguma dúvida? Se sim, foi bem-sucedido/a?

Entrevistado: Acho que não. Não me parece.

Entrevistadora: Já agora conhece alguém que tenha utilizado para isso?

Entrevistado: Não me lembro de nenhum exemplo.

Entrevistadora: Já fez alguma descoberta pessoal ao consumir conteúdos pornográficos? Se sim, poderia partilhar comigo?

Entrevistado: Já, por exemplo as minhas preferências a nível de preferências sexuais, algumas descobri a partir de assistir a pornografia.

Entrevistadora: Poderia partilhar comigo algumas das suas descobertas pessoais?

Entrevistado: Por exemplo o facto de gostar de sexo anal e gostar também de dinâmicas de poder, acho que isso pode ter vindo do facto de ver pornografia. Por assistir e ver que gostava.

Entrevistadora: Poderia partilhar comigo que categoria(s) e ou género(s) de conteúdos pornográficos prefere ou preferia consumir?

Entrevistado: Normalmente o que eu prefiro consumir tem a ver com dinâmicas de poder, BDSM e coisas do género, também sexo anal e vídeos que tenham um bocado de história antes. Por exemplo, á muitos vídeos por exemplo de *stepsister* e *stepmom*, que normalmente tem um bocado de história antes, às vezes os vídeos de BDSM também acabam por ter um bocado de história. Não gosto muito de vídeos que sejam só sexo basicamente. Também *hentai*, muitas vezes também tem uma história por completo, muitas vezes uma seria de *hentai* é literalmente uma história com cenas de sexo.

Entrevistadora: Fala muito desse aspeto da história com sexo, nesse caso o que seria então sexo para si?

Entrevistado: O sexo para mim é a interação entre duas pessoas em que exista algum tipo de prazer envolvido, em que estejam a tentar fornecer prazer uma à outra, ou a elas próprias com a presença de outra pessoa, em que acha prazer sexual. Por exemplo estimulação genital de alguma forma. Seja a própria pessoa a estimular-se ou a estimular outra pessoa, a estimularem-se um ao outro. Desde que haja duas pessoas ou mais e haja estimulação e prazer.

Entrevistadora: E a história seria?

Entrevistado: A história pode ser conversa, ou o cenário ou as condições que levam ao sexo em si.

Entrevistadora: Como por exemplo um *roleplay*? Ou pode não envolver um *roleplay*?

Entrevistado: Não, pode não envolver um *roleplay*, pode ser se uma pessoa tiver a ser ela própria, não é necessariamente um *roleplay*.

Entrevistadora: E esses conteúdos correspondem aos que mais consome ou consumia?

Entrevistado: Corresponde ao que mais consumo? Dentro das categorias sim, mas em relação à história, como vejo pornografia com a minha parceira normalmente não vemos coisas com tanta história.

Entrevistadora: Então vêm coisas que consideraria apenas sexo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: E dantes?

Entrevistado: Dantes via coisas com mais história.

Entrevistadora: E acha que isso é porquê?

Entrevistado: Normalmente como estamos a interagir um com o outro e a pornografia acaba mais por ser um preliminar, a história acaba por ser nos próprios, a nossa interação.

Entrevistadora: Nos conteúdos que visualiza, existem preliminares?

Entrevistado: Alguns, nem todos.

Entrevistadora: Porque acha que em alguns não existem preliminares?

Entrevistado: Acho que na pornografia os preliminares são um bocado limitados ao sexo oral. Porque é que não existe? Escolha do realizador, talvez.

Entrevistadora: Na pornografia que visualiza, observa o uso de algum método de proteção e ou contraceção, como o preservativo?

Entrevistado: Muito raramente. Às vezes alguns vídeos contêm o uso do preservativo, mas é muito raro.

Entrevistadora: Quão realistas diria que são os conteúdos pornográficos que costuma consumir? Porquê?

Entrevistado: Eu acho que os que vejo atualmente podem ser mais realistas, por exemplo dentro dos vídeos de BDSM e assim, mas mesmo assim acabam por nunca representar algo totalmente realista. Dantes, tendo em conta mais a parte das histórias e assim, acabam por ser muito irrealistas, mesmo por exemplo *hentai* é mesmo totalmente irrealista, claro. Mas mesmos os vídeos com história, são histórias irrealistas.

Entrevistadora: Por exemplo nesse caso do BDSM são mais realistas, porquê?

Entrevistado: Normalmente representam uma interação entre as pessoas envolvidas um bocadinho mais realista, por exemplo do que é que é prazeroso o que é que não é. Enquanto se formos para a pornografia normal, quase tudo é prazeroso ou relatam tudo com sendo prazeroso. Ou as interações entre os atores acabam por ser artificiais e acabam por não ter espaço num contexto real.

Entrevistadora: Nesse caso em que não são realistas porque acha que não existe essa translação para a realidade?

Entrevistado: Porque simplesmente são senários que são completamente fabricados.

Entrevistadora: E porquê? Porque é que haveria de existir esses senários fabricados?

Entrevistado: Talvez por um lado para tornar a pornografia mais propícia a ser vista, por que se a pornografia se limitasse a refletir uma visão 100% natural, não havia muito interesse em ver, havia muito espaço vazio e coisas que poderiam não interessar no momento. E por outro lado também é para criar aquela fantasia que as pessoas procuram, às vezes acabam por ver pornografia para ter alguma coisa que nunca vai acontecer na realidade, se calhar pode ser isso que acaba por tornar a pornografia atrativa.

Entrevistadora: Se tivesse de atribuir características genéricas físicas e de personalidade às mulheres e homens do conteúdo que visualiza, quais seriam?

Entrevistado: As mulheres por norma, no geral dos vídeos, embora haja um bocado de tudo hoje em dia na pornografia, qualquer pessoa consegue encontrar basicamente tudo o que quer. Mas por norma na maior parte do conteúdo pornográfico, a mulher é estereotipicamente atraente, dentro dos padrões mais normais de atração na sociedade, e é tendencialmente mais submissa, representa mais o papel de oferecer prazer. Enquanto que o homem eu acho que fisicamente também exista a prevalência de homens mais estereotipicamente atraentes, homens musculados e assim, não é tão prevalente como nas mulheres, ou seja, vê-se muitos atores pornográficos masculinos que não correspondem necessariamente aos padrões, mais normais de atratividade da nossa sociedade, a nível de personalidade são mais dominantes, muitas vezes são agressivos, e controladores, e normalmente a sena acaba por ser focada no prazer deles.

Entrevistadora: E em relação às mulheres, em termos de personalidade, o que retiraria do conteúdo que visualiza ou visualizou?

Entrevistado: Elas tendem a representar um papel mais submisso e obediente, de oferecer prazer, e acabam por ter uma atitude de estar prontas para tudo e o que quiserem que aconteça acontece sem elas terem muita palavra nisso, e são sempre dispostas a tudo.

Entrevistadora: Acha que estas representações influenciam a visão que temos de ambos os géneros? E, será que essas representações influenciam a nossa sociedade de alguma forma?

Entrevistado: Acho que é um fator que pode contribuir para a nossa visão social dos géneros.

Entrevistadora: De que forma?

Entrevistado: Esta representação que tínhamos falado da mulher mais submissa, o homem mais dominante, o homem agressivo, a mulher mais passiva, a aceitar o que lhe dizem e fazer o que lhe mandam. Pode contribuir para divulgar esses pensamentos nas pessoas. Por outro lado, a própria pornografia acaba por ser influenciada por algumas ideias sociais e daí também ter as características que tem.

Entrevistadora: Existem diversas motivações para ser íntimo num relacionamento, poderia partilhar comigo algumas das suas?

Entrevistado: Prazer, para desenvolver a relação, para se divertir.

Entrevistadora: Desenvolver a relação em que sentido?

Entrevistado: Conectar mais as pessoas envolvidas, por exemplo.

Entrevistadora: Mas especificamente em relação à sua relação.

Entrevistado: Prazer, diversão, conexão, entretenimento.

Entrevistadora: E essas motivações, sente que mudaram com o tempo?

Entrevistado: Mantiveram-se.

Entrevistadora: O que é para si uma experiência sexual prazerosa e positiva?

Entrevistado: É uma experiência sexual em que ambas as partes envolvidas, sejam elas quantas forem, durante e após o processo se sintam bem com o que aconteceu, ou se não se sentirem bem, que sejam capazes de falar sobre isso, explicar e resolver a situação. E que se sintam satisfeitos.

Entrevistadora: Quando fala de sentirem-se bem, o que quer dizer?

Entrevistado: Ser consensual, não terem sido violados os creres ou os direitos ou as vontades de ninguém.

Entrevistadora: E que tenham tido prazer?

Entrevistado: Sim, não necessariamente prazer físico, ou não necessariamente das duas partes, mas que no final se sintam satisfeitos com o que aconteceu.

Entrevistadora: Essa opinião muda ou não quando está num relacionamento romântico?

Entrevistado: Acho que não.

Entrevistadora: Nas suas relações costuma utilizar algum método de contraceção e/ou proteção como o preservativo?

Entrevistado: A minha parceira usa o adesivo contracetivo e às vezes também utilizamos o preservativo, não necessariamente por contraceção, embora às vezes também possa ser, mas mais às vezes por conforto ou lubrificação.

Entrevistadora: Qual é a sua opinião relativamente aos preliminares?

Entrevistado: Acho que são positivos. São bons para entrar no ato sexual, deixar as pessoas preparadas, e desenvolver a conexão das pessoas.

Entrevistadora: Preparadas a que nível?

Entrevistado: A nível físico e mental.

Entrevistadora: E pratica-os na sua vida relacional?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: E sempre praticou?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Poderia partilhar comigo alguns dos seus preliminares?

Entrevistado: Sexo oral, pornografia como já tínhamos falado, brinquedos sexuais, *roleplay*.

Entrevistadora: Normalmente, quais os papéis do/a homem/mulher na(s) sua(s) relação(ões) romântica(s)?

Entrevistado: Nas relações românticas acho que o papéis acabam por ser bastante equilibrados.

Entrevistadora: O que entende por papéis quando fala de equilíbrio?

Entrevistado: Papéis tem a ver com as "funções" de cada pessoa, ou o que é esperado de cada pessoa, ou como cada pessoa age. Então nesse caso acho que ambas as pessoas acabam por ter as mesmas expectativas um do outro.

Entrevistadora: E agora em relação às relações sexuais?

Entrevistado: Acho que variam muito porque alguma parte das minhas relações sexuais envolvem uma transferência de poder, em que uma pessoa acaba por ter mais poder que a outra. Uma pessoa pode ter mais poder agora e menos depois. Ter mais controlo do que está a acontecer ou ter menos controlo.

Entrevistadora: Acha que a pornografia desempenha algum papel nas relações românticas?

Entrevistado: Eu acho que a pornografia pode ser uma ferramenta muito útil para as relações românticas. No geral, eu acho que cada vez menos as pessoas numa relação romântica tendem a manter a pornografia afastada da mesma. Ou seja, no contexto da relação, acaba por não existir a utilização da pornografia e acabam por utilizar a pornografia mais individualmente. Apesar de estarem numa relação, usam fora do contexto da relação. Mas acho que é uma coisa que pode ser utilizada dentro das relações e acho que é importante, e pode ser útil utilizá-la nas relações.

Entrevistadora: Portanto, especificando, o papel que desempenha nas relações seria?

Entrevistado: Pode ser muita coisa, pode ser prazer, pode ser partilha de conhecimentos, partilha de gostos, partilha de interesses, pode ser preliminar.

Entrevistadora: Mas isto na relação romântica. Ou seja, na parte mais romântica e não tanto sexual. Consideraria o mesmo papel?

Entrevistado: Também o que vemos na pornografia pode se traduzir em outros aspetos das relações que não sejam necessariamente sexo, como vemos por exemplo as dinâmicas de poder que podem se refletir em outros aspetos da vida relacional romântica.

Entrevistadora: Acha que o visionamento de conteúdos pornográficos influenciou as suas experiências sexuais?

Entrevistado: Acho que sim.

Entrevistadora: De que forma?

Entrevistado: Como já tinha dito, visualizar conteúdos pornográficos ajudou-me a perceber o que eu gostava e não gostava, o que transparece para a minha relação e para a minha partilha de gostos com a outra pessoa, e que a outra pessoa partilha comigo, o que acaba por transparecer para a vida sexual, e a utilização da pornografia em si no contexto sexual.

Entrevistadora: Não tem nenhum aspeto negativo relacionado a essa influência?

Entrevistado: Acho que não tenho nenhum aspeto em que a pornografia tenha influenciado negativamente as minhas relações.

Entrevistadora: Transporta ou já transportou o que vê na pornografia para as suas reações sexuais? Se sim, de que forma?

Entrevistado: Sim, como eu já tinha dito, muitos gostos foram descobertos a partir da pornografia, então, tento transportar aquilo que eu gosto para as minhas relações, procurando como é obvio o meu prazer sexual e o da outra pessoa. Portanto o que vemos acaba por refletir o que nós queremos fazer, queremos experimentar e por aí fora.

Entrevistadora: Denota dinâmicas de poder entre homens e mulheres nos conteúdos pornográficos que visualiza?

Entrevistado: Sim, quando estou a ver conteúdos relacionados com BDSM, como é obvio, existe uma dinâmica de poder, faz parte do BDSM em si. Mas fora, noutra tipo de conteúdos acabam por ter essa dinâmica de poder, muitas vezes mais subliminar, em que o normalmente o homem tem mais poder e a mulher tem menos poder.

Entrevistadora: Porque diria que isso acontece, mesmo fora do BDSM em si? Essa dinâmica de poder subliminar.

Entrevistado: Acho que tem a ver com fatores sociais que demonstram a diferença de poder entre homens e mulheres, isso traduz-se também no conteúdo sexual da pornografia.

Entrevistadora: O que pensa relativamente à forma como a visualização de conteúdos pornográficos pode ou não influenciar como os homens interagem com as mulheres e vice-versa?

Entrevistado: Visto que os conteúdos pornográficos e as representações dos homens e mulheres nos mesmos, podem influenciar a maneira como os homens e mulheres

interagem entre si, muitas vezes de forma paralela ao que vêm na pornografia, por exemplo a nível da dinâmica de poderes e também na vida sexual, o que vêm na pornografia pode se transmitir para a vida sexual das pessoas.

Entrevistadora: Está a falar de interação a nível relacional, não consideraria que poderia existir ou não influencia a outros níveis?

Entrevistado: Acho que pode influenciar também a que os homens socialmente procurem ter mais poder sobre as mulheres com que interagem, e que as mulheres acabem por ter uma abordagem mais submissa e mais passiva.

Entrevistadora: Devido ao conteúdo?

Entrevistado: Sendo o conteúdo um dos fatores que pode propulsionar essas diferenças. Não necessariamente sendo o mesmo a causa dessas diferenças, mas sendo mais um fator que relata essas diferenças e ajuda a continuar essas ideias.

Entrevistadora: Poderia partilhar comigo alguma experiência pessoal ou de alguém que conheça que tenha demonstrado essa influência como a mulher ou o homem atuam.

Entrevistado: Temos muitos exemplos, agora de repente não me lembro de nenhum específico, mas é muito frequente termos homens a criticar a vida sexual das mulheres, dizer que os homens é que devem controlar as coisas. A criticarem preferências sexuais das mulheres. Sempre que demonstrar uma atitude mais dominante, de mostrar poder são criticadas por isso, que não correspondem às normas que os homens procuram, e as mulheres em si, que a sociedade procura, melhor dizendo.

Entrevistadora: E algum exemplo que tenha visto essa ligação direta, dos conteúdos pornográficos terem influenciado a interação de um homem com uma mulher?

Entrevistado: Acho que não tenho nenhum exemplo que seja uma influência direta da pornografia no comportamento de alguém. Não me lembro de nenhum exemplo.

Entrevistadora: Cada vez mais cedo os jovens têm acesso a conteúdos pornográficos, facilitado pelo avanço da tecnologia. Que influência poderá isto ter ou não nas futuras relações românticas?

Entrevistado: Quanto mais jovem for a pessoa, tendencialmente menos ideias tem já formadas sobre as coisas, então se começar a existir pornografia muito cedo pode influenciar grandemente, por exemplo diretamente como a pessoa se vai comportar dentro das suas relações sexuais. Porque também um jovem acaba por não ter também outras ideias, acaba por ainda não ter tido tempo de desenvolver as próprias ideias do que acha, então o que vê acaba por ser o que fica.

Entrevistadora: Falou nas relações sexuais, e em relação às relações românticas?

Entrevistado: Nas românticas, já existem muitos mais exemplos se calhar fora da pornografia para os jovens que estão rodeados por relações românticas, já tem mais acesso visual, receber informação sobre relações românticas, então se calhar a influência, provavelmente não seria tão elevada nas relações sexuais. Ou seja, a pornografia não iria representar uma maioria da aprendizagem sobre relações

românticas, no entanto a pornografia muitas vezes também inclui aspetos de uma relação entre um homem e uma mulher ou entre mulheres ou homens, aspetos mais relacionais e não tão sexuais, podem também transparecer, é que normalmente como já tínhamos dito, que o homem acaba por ser mais dominante e a mulher mais submissa, isso pode transparecer também através da pornografia para os jovens. Agora se isso é positivo ou negativo vai depender também do que eles estão a ver, tendencialmente, eu diria que é negativo porque a pornografia tradicionalmente traduz padrões irrealistas e dinâmicas que não são muito saudáveis, e também por outro lado, existe o fator que as pessoas ou a sociedade não estão dispostas a explicar aos jovens essas características da pornografia, o contexto da pornografia, que é irrealista e tudo mais, então esses aspetos negativos acho que se podem transparecer. Acho que também seria positivo os jovens terem mais interesse pela própria vida sexual e se calhar explorar os interesses sexuais, o que poderia ser positivo, poderia também por exemplo, facilitar o discurso sexual entre os jovens e as pessoas em geral, e ser mais, menos um tabu falar de sexo que acho que era uma coisa positiva.

Entrevistadora: Algumas pessoas são da opinião que o consumo de pornografia se relaciona com o sexismo. Qual é a sua opinião relativamente a este aspeto?

Entrevistado: Eu considero a pornografia altamente sexista, pelo menos no geral, porque como já disse, existem sempre exceções às regras, mas uma grande percentagem acaba por representar uma dinâmica sexista, portanto tendo em conta que também já dissemos que a pornografia pode influenciar as pessoas, a maneira como pensam e como se comportam, acho que poderia também propagar esse sexismo presente nela.

Entrevistadora: Tendo em conta essa sua opinião no assunto, o que é para si o sexismo?

Entrevistado: O sexismo é a diferença de poder e direitos entre homens e mulheres que tendencialmente prejudica as mulheres em relação aos homens.

Entrevistadora: Gostaria de agradecer a participação e indicar que em caso de dúvidas relativamente à saúde sexual e reprodutiva podem ligar gratuitamente, confidencialmente e anonimamente para a sexualidade em linha através do seguinte contacto: 800 222 003, entre as 11 horas da manhã às 19 da tarde em dias úteis e, aos sábados entre as 10 da manhã e as 17 da tarde. E ainda em caso de curiosidades e questões também a respeito da sexualidade podem consultar o Pornhub Sexual Wellness Center.

Anexo F - Códigos Nvivo

Nome	Descrição	Arquivos	Referências
Tema Geral	Referências relativas aos temas gerais: Sexismo; Relações; Heteronormatividade; Pornografia; Estereótipos. Referências referentes ao objetivo principal da entrevista: O estudo pretende compreender de que forma e em que aspetos o sexismo se perpetua por meio da pornografia heteronormativa nas relações românticas.	20	3759
• Estereótipos	Referências sobre estereótipos	16	62
• Heteronormatividade	Referências sobre heteronormatividade	0	0
• Pornografia	Referências sobre pornografia	20	508
• Relações	Referências sobre relações	20	256
• Sexismo	Referências sobre sexismo	20	109
• Tema Específico	Referências relativas aos diversos temas específicos	20	2824
○ Critério de Caracterização Sociodemográfica	Referências referentes ao que foi dito segundo as características sociodemográficas dos/as participantes	20	200
▪ Critério de Estado de Relacionamento	Referências relativas ao que foi dito segundo o estado de relacionamento dos/as participantes na altura das entrevistas	20	20
▫ Não presente num relacionamento	Referências referentes ao que foi dito por participantes não presentes num relacionamento	5	5
▫ Presente num relacionamento	Referências referentes ao que foi dito por participantes presentes num relacionamento	15	15
▪ Critério de Faixa Etária	Referências relativas ao que foi dito segundo as faixas etárias dos/as participantes	20	20
▫ 20 - 24 anos inclusive	Referências referentes ao que foi dito por participantes dos 20 aos 24 anos inclusive	10	10
▫ 25 - 35 anos inclusive	Referências referentes ao que foi dito por participantes dos 25 aos 35 anos inclusive	10	10
▪ Critério de Nível de Escolaridade	Referências relativas ao que foi dito por participantes de diversos níveis de escolaridade	20	20
▫ 12º ano	Referências relativas ao que foi dito por participantes que concluíram o 12ºano	3	3
▫ Licenciatura	Referências relativas ao que foi dito por participantes que concluíram a Licenciatura	10	10
▫ Mestrado	Referências relativas ao que foi dito por participantes que concluíram o Mestrado	7	7
▪ Critério de Nível Socioprofissional	Referências relativas ao que foi dito por participantes de diversos níveis socioprofissionais	20	20
▫ Desempregado a	Referências relativas ao que foi dito por participantes que se encontram desempregados	3	3

▫ Empregado a	Referências relativas ao que foi dito por participantes que se encontram empregados	11	11
▫ Estudante	Referências relativas ao que foi dito por participantes que se encontram a estudar	6	6
▪ Critério de Sexo	Referências referentes ao que foi dito segundo o sexo dos/as participantes	20	20
▫ Feminino	Referências referentes ao que foi dito pelo sexo Feminino	11	11
▫ Masculino	Referências referentes ao que foi dito pelo sexo Masculino	9	9
▪ Critério de Situação Conjugal	Referências relativas ao que foi dito segundo a situação conjugal dos/as participantes na altura das entrevistas	20	20
▫ Casada	Referências referentes ao que foi dito pela participante presente num casamento	1	1
▫ Solteiro a	Referências referentes ao que foi dito por participantes solteiros/as	15	15
▫ União de facto	Referências referentes ao que foi dito por participantes presentes numa união de facto	4	4
▪ Critério Geográfico	Referências relativas ao que foi dito por participantes de diversas regiões geográficas	20	20
▫ Alentejo	Referências relativas ao que foi dito por participantes residentes no Alentejo	3	3
▫ Centro	Referências relativas ao que foi dito por participantes residentes no Centro do país	9	9
▫ Lisboa	Referências relativas ao que foi dito por participantes residentes em Lisboa	2	2
▫ Madeira	Referências relativas ao que foi dito por participante residente na Madeira	1	1
▫ Norte	Referências relativas ao que foi dito por participantes residentes no Norte do país	5	5
▪ Critério Grau de Religiosidade	Referências relativas ao que foi dito por participantes segundo o seu grau de religiosidade (1 – Nada religioso; 12 – Muito religioso)	20	20
▫ Religiosidade 1 – 4	Referências relativas ao que foi dito por participantes com baixo grau de religiosidade	15	15
▫ Religiosidade 5 – 8	Referências relativas ao que foi dito por participantes com médio grau de religiosidade	3	3
▫ Religiosidade 9 – 12	Referências relativas ao que foi dito por participantes com elevado grau de religiosidade	2	2
▪ Critério N° de filhos as	Referências relativas ao que foi dito por participantes do seu número de filhos	20	20
▫ Filhos 0	Referências relativas ao que foi dito por participantes que não têm filhos	19	19
▫ Filhos 2	Referências relativas ao que foi dito pela participante que têm filhos	1	1
▪ Critério Posição Política	Referências relativas ao que foi dito por participantes segundo a sua posição política (1 – de extrema-direita; 12 - extrema-esquerda)	20	20
▫ Política 1 – 4	Referências relativas ao que foi dito por participantes com posição política de direita	2	2
▫ Política 5 – 8	Referências relativas ao que foi dito por participantes com posição política central	10	10
▫ Política 9 – 12	Referências relativas ao que foi dito por participantes com posição política de esquerda	8	8
○ Critério de Opinião	Referências referentes a opiniões	20	183
▪ Opinião Negativa	Referências a opiniões Negativas	19	99

▪ Opinião Neutra	Referências a opiniões Neutras	4	7
▪ Opinião Positiva	Referências a opiniões Positivas	20	77
○ Critério Objetivos Específicos	Referências referentes aos objetivos específicos da entrevista	20	1699
▪ Critério Objetivo Específico 1	Referências referentes ao objetivo específico: Identificar e caracterizar os conteúdos pornográficos heteronormativos consumidos pelos/as participantes e seu grau de sexismo, comparando o sexo feminino com o masculino	20	861
▫ Critério Pergunta 01	Referências referentes à primeira pergunta da entrevista	20	64
◆ Foi exposto	Referências referentes ao primeiro contacto do/a entrevistado/a com a pornografia ter sido por exposição	14	14
◆ Idade	Referências referentes à idade com que foi exposto/a e/ou procurou pela primeira vez conteúdo pornográfico	20	20
◆ Procurou	Referências referentes ao primeiro contacto do/a entrevistado/a com a pornografia ter sido por procura	10	10
▫ Critério Pergunta 02	Referências referentes à segunda pergunta da entrevista	20	96
◆ Consumo acompanhado	Referências referentes a o/a entrevistado/a consumir ou ter consumido pornografia acompanhado	13	13
◆ Consumo individual	Referências referentes a o/a entrevistado/a consumir ou ter consumido pornografia individualmente	15	15
◆ Não consumo	Referências referentes a o/a entrevistado/a não consumir pornografia	3	3
◆ Regularidade de consumo de pornografia	Referências referentes à regularidade do consumo de pornografia	20	20
◆ Regularidade influenciada	Referências referentes à regularidade do consumo da pornografia consumida pelo/a entrevistado/a ser influenciada por o fazer ou ter feito sozinho/a ou acompanhado/a	5	5
◆ Regularidade não influenciada	Referências referentes à regularidade do consumo da pornografia consumida pelo/a entrevistado/a não ser influenciada por o fazer ou ter feito sozinho/a ou acompanhado/a	6	6
◆ Tipo de conteúdos influenciados	Referências referentes ao tipo de conteúdos pornográficos consumidos pelo/a entrevistado/a serem influenciados por o fazer ou ter feito sozinho/a ou acompanhado/a	8	9
◆ Tipo de conteúdos não influenciados	Referências referentes ao tipo de conteúdos pornográficos consumidos pelo/a entrevistado/a não serem influenciados por o fazer ou ter feito sozinho/a ou acompanhado/a	5	5
▫ Critério Pergunta 03	Referências referentes à terceira pergunta da entrevista	20	58
◆ Motivações mudaram com o tempo	Referências referentes às motivações dos/das entrevistados/as para consumir ou ter consumido conteúdos pornográficos terem mudado com o tempo	6	6

◆ Motivações não mudaram com o tempo	Referências referentes às motivações dos/das entrevistados/as para consumir ou ter consumido conteúdos pornográficos não terem mudado com o tempo	12	12
◆ Motivações para consumir pornografia	Referências referentes às motivações dos/das entrevistados/as para consumir ou ter consumido conteúdos pornográficos	20	20
▫ Critério Pergunta 04	Referências referentes à quarta pergunta da entrevista	20	53
◆ Sentimentos de neutralidade	Referências referentes aos sentimentos de neutralidade que o consumo de pornografia traz ou trouxe aos/às entrevistados/as	1	1
◆ Sentimentos negativos	Referências referentes aos sentimentos negativos que o consumo de pornografia traz ou trouxe aos/às entrevistados/as	13	15
◆ Sentimentos positivos	Referências referentes aos sentimentos positivos que o consumo de pornografia traz ou trouxe aos/às entrevistados/as	17	17
▫ Critério Pergunta 05	Referências referentes à quinta pergunta da entrevista	20	57
◆ Aspectos de neutralidade	Referências referentes aos aspectos de neutralidade que os/as entrevistados/as associam aos conteúdos pornográficos que consomem ou consumiram	0	0
◆ Aspectos negativos	Referências referentes aos aspectos negativos que os/as entrevistados/as associam aos conteúdos pornográficos que consomem ou consumiram	18	19
◆ Aspectos positivos	Referências referentes aos aspectos positivos que os/as entrevistados/as associam aos conteúdos pornográficos que consomem ou consumiram	18	18
▫ Critério Pergunta 06	Referências referentes à sexta pergunta da entrevista	20	40
◆ Meios utilizados para aceder	Referências referentes aos meios utilizados pelos/as entrevistados/as para aceder a conteúdos pornográficos	20	20
▫ Critério Pergunta 07	Referências referentes à sétima pergunta da entrevista	20	47
◆ Foi bem-sucedido a	Referências referentes a os/as entrevistados/as terem tido sucesso em esclarecer a sua dúvida com recurso à pornografia	5	5
◆ Já utilizou a pornografia para esclarecer dúvidas	Referências referentes a os/as entrevistados/as já terem utilizado a pornografia para esclarecer dúvidas	9	9
◆ Não foi bem-sucedido a	Referências referentes a os/as entrevistados/as não terem tido sucesso em esclarecer a sua dúvida com recurso à pornografia	2	2
◆ Nunca utilizou a pornografia para esclarecer dúvidas	Referências referentes a os/as entrevistados/as nunca terem utilizado a pornografia para esclarecer dúvidas	11	11
▫ Critério Pergunta 08	Referências referentes à oitava pergunta da entrevista	20	41
◆ Já fez alguma descoberta pessoal	Referências referentes a os/as entrevistados/as terem feito alguma descoberta pessoal ao consumir conteúdos pornográficos	9	9

◆ Nunca fez nenhuma descoberta pessoal	Referências referentes a os/as entrevistados/as nunca terem feito nenhuma descoberta pessoal ao consumir conteúdos pornográficos	12	12
▫ Critério Pergunta 09	Referências referentes à nona pergunta da entrevista	20	68
◆ Categoria mudaram	Referências referentes a as categorias e ou gêneros dos conteúdos pornográficos que os/as entrevistados/as consumiam no passado e os que consomem atualmente serem diferentes	4	4
◆ Categorias não mudaram	Referências referentes a as categorias e ou gêneros dos conteúdos pornográficos que os/as entrevistados/as consumiam no passado e os que consomem atualmente serem iguais	11	11
◆ Categorias que consome	Referências referentes às categorias e ou gêneros dos conteúdos pornográficos que os/as entrevistados/as consomem atualmente	18	18
◆ Categorias que consumia	Referências referentes às categorias e ou gêneros dos conteúdos pornográficos que os/as entrevistados/as consumiam no passado	15	15
▫ Critério Pergunta 10	Referências referentes à décima pergunta da entrevista	20	60
◆ Ausência de preliminares	Referências referentes à ausência de preliminares nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	12	12
◆ Exemplos de preliminares existentes	Referências referentes a exemplos de preliminares presentes nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	3	3
◆ Existência de preliminares	Referências referentes à existência de preliminares nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	13	13
◆ Porque não existe	Referências referentes à opinião dos/das entrevistados/as relativamente ao porque da ausência de preliminares nos conteúdos pornográficos.	11	12
▫ Critério Pergunta 11	Referências referentes à décima primeira pergunta da entrevista	20	42
◆ Ausência de métodos de proteção	Referências referentes à não utilização de métodos de proteção e ou contraceção nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	18	18
◆ Existência de métodos de proteção	Referências referentes à utilização de métodos de proteção e ou contraceção nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	4	4
▫ Critério Pergunta 12	Referências referentes à décima segunda pergunta da entrevista	20	65
◆ Conteúdos não realísticos	Referências referentes aos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as não serem realísticos	16	16
◆ Conteúdos realísticos	Referências referentes aos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as serem realísticos	10	10

◆ Porque não são realísticos	Referências referentes ao porquê de os conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as não serem realísticos	14	16
◆ Porque são realísticos	Referências referentes ao porquê de os conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as serem realísticos	3	3
▫ Critério Pergunta 13	Referências referentes à décima terceira pergunta da entrevista	20	106
◆ Características de personalidade das mulheres	Referências referentes às características de personalidade das mulheres presentes nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	14	16
◆ Características de personalidade dos homens	Referências referentes às características de personalidade dos homens presentes nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	12	14
◆ Características físicas das mulheres	Referências referentes às características físicas das mulheres presentes nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	19	21
◆ Características físicas dos homens	Referências referentes às características físicas dos homens presentes nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	18	19
◆ Existem diferenças	Referências referentes a existirem diferenças de características físicas e de personalidade entre homens e mulheres presentes nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	10	10
◆ Não existem diferenças	Referências referentes a não existirem diferenças de características físicas e de personalidade entre homens e mulheres presentes nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	2	2
◆ Porquê das diferenças	Referências referentes ao porquê de existirem diferenças de características físicas e de personalidade entre homens e mulheres presentes nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as	4	4
▫ Critério Pergunta 14	Referências referentes à décima quarta pergunta da entrevista	20	64
◆ Existem outras razões (sociedade)	Referências referentes à existência de outras razões que influenciam ou não a sociedade derivada dos conteúdos pornográficos consumidos	2	2
◆ Existem outras razões (visão)	Referências referentes à existência de outras razões que influenciam ou não a visão que as pessoas têm dos homens e mulheres devido aos conteúdos pornográficos consumidos	2	2
◆ Representações influenciam a sociedade	Referências referentes à existência de uma influência na sociedade derivada dos conteúdos pornográficos consumidos	16	17
◆ Representações influenciam a visão	Referências referentes à existência de uma influência na visão que as pessoas têm dos homens e mulheres devido aos conteúdos pornográficos consumidos	16	17

◆ Representações não influenciam a sociedade	Referências referentes à ausência de uma influência na sociedade derivada dos conteúdos pornográficos consumidos	3	3
◆ Representações não influenciam a visão	Referências referentes à ausência de uma influência na visão que as pessoas têm dos homens e mulheres devido aos conteúdos pornográficos consumidos	3	3
▪ Critério Objetivo Específico 2	Referências referentes ao objetivo específico: Identificar e caracterizar aspetos das relações românticas e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino	20	368
▫ Critério Pergunta 15	Referências referentes à décima quinta pergunta da entrevista	20	58
◆ Exemplo de motivações para ser íntimo	Referências referentes a exemplos de motivações dos/das entrevistados/as para ser íntimo num relacionamento	20	22
◆ Motivações mudaram com tempo	Referências referentes às motivações dos/das entrevistados/as para ser íntimo num relacionamento terem mudado com o tempo	4	4
◆ Motivações não mudaram com o tempo	Referências referentes às motivações dos/das entrevistados/as para ser íntimo num relacionamento não terem mudado com o tempo	12	12
▫ Critério Pergunta 16	Referências referentes à décima sexta pergunta da entrevista	20	59
◆ Experiência sexual prazerosa e positiva	Referências referentes ao que os/as entrevistados/as consideram ser uma experiência sexual prazerosa e positiva	20	22
◆ Opinião muda num relacionamento romântico	Referências referentes à opinião dos/das entrevistados/as do que é uma experiência sexual prazerosa e positiva mudar quando está ou não num relacionamento romântico	5	5
◆ Opinião não muda num relacionamento romântico	Referências referentes à opinião dos/das entrevistados/as do que é uma experiência sexual prazerosa e positiva não mudar quando está ou não num relacionamento romântico	12	12
▫ Critério Pergunta 17	Referências referentes à décima sétima pergunta da entrevista	20	43
◆ Não utilização de proteção	Referências referentes à não utilização métodos de contraceção e/ou proteção por parte dos/das entrevistados/as nas suas relações	5	5
◆ Utilização de proteção	Referências referentes à utilização métodos de contraceção e/ou proteção por parte dos/das entrevistados/as nas suas relações	18	18
▫ Critério Pergunta 18	Referências referentes à décima oitava pergunta da entrevista	20	102
◆ Exemplos de preliminares	Referências referentes a exemplos de preliminares praticados pelos/pelas entrevistados/as	19	19
◆ Não praticar preliminares	Referências referentes à não prática de preliminares por parte dos/das entrevistados/as	1	1
◆ Nem sempre praticou	Referências referentes à inconstante prática de preliminares por parte dos/das entrevistados/as durante a sua vida	3	3

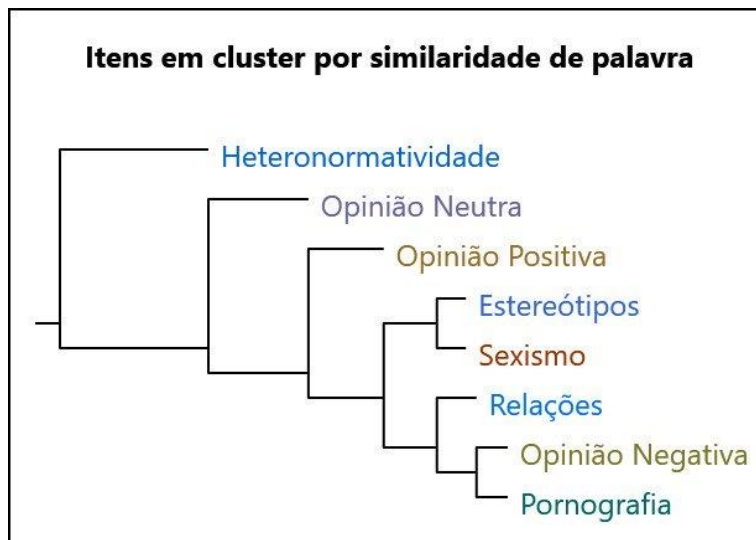
◆ Opinião sobre preliminares	Referências referentes à opinião dos/das entrevistados/as acerca dos preliminares	20	22
◆ Praticar preliminares	Referências referentes à prática de preliminares por parte dos/das entrevistados/as	19	19
◆ Sempre praticou	Referências referentes à constante prática de preliminares por parte dos/das entrevistados/as durante a sua vida	18	18
▫ Critério Pergunta 19	Referências referentes à décima nona pergunta da entrevista	20	106
◆ Discrepância entre papéis nas relações românticas	Referências referentes à discrepância do papel da mulher e do homem nas relações românticas do/da entrevistado/a	6	7
◆ Discrepância entre papéis nas relações sexuais	Referências referentes à discrepância do papel da mulher e do homem nas relações sexuais do/da entrevistado/a	10	10
◆ Equidade entre papéis nas relações românticas	Referências referentes à equidade do papel da mulher e do homem nas relações românticas do/da entrevistado/a	14	15
◆ Equidade entre papéis nas relações sexuais	Referências referentes à equidade do papel da mulher e do homem nas relações sexuais do/da entrevistado/a	12	13
◆ Papéis da mulher nas relações românticas	Referências referentes ao papel da mulher nas relações românticas do/da entrevistado/a	10	10
◆ Papéis da mulher nas relações sexuais	Referências referentes ao papel da mulher nas relações sexuais do/da entrevistado/a	12	12
◆ Papéis do homem nas relações românticas	Referências referentes ao papel do homem nas relações românticas do/da entrevistado/a	10	10
◆ Papéis do homem nas relações sexuais	Referências referentes ao papel do homem nas relações sexuais do/da entrevistado/a	9	9
▪ Critério Objetivo Específico 3	Referências referentes ao objetivo específico: Identificar o impacto do consumo de conteúdos pornográficos heteronormativos nos comportamentos, sentimentos, pensamentos e relacionamentos românticos e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino	20	258
▫ Critério Pergunta 20	Referências referentes à vigésima pergunta da entrevista	20	46
◆ A pornografia desempenha um papel	Referências referentes à opinião dos/das entrevistados/as em a pornografia desempenhar um papel nas relações românticas	18	20
◆ A pornografia não desempenha um papel	Referências referentes à opinião dos/das entrevistados/as em a pornografia não desempenhar um papel nas relações românticas	5	6
▫ Critério Pergunta 21	Referências referentes à vigésima primeira pergunta da entrevista	20	61
◆ Forma de influência	Referências referentes à forma de influência do visionamento de conteúdos pornográficos nas experiências sexuais dos/das entrevistados/as	19	19

◆ Visionamento influenciou experiências sexuais	Referências referentes ao visionamento de conteúdos pornográficos ter influenciado as experiências sexuais dos/das entrevistados/as	19	19
◆ Visionamento não influenciou experiências sexuais	Referências referentes ao visionamento de conteúdos pornográficos não ter influenciado as experiências sexuais dos/das entrevistados/as	3	3
▫ Critério Pergunta 22	Referências referentes à vigésima segunda pergunta da entrevista	20	59
◆ Forma de transporte	Referências referentes à forma como os /as entrevistados/as transportam o que vêm ou viam na pornografia para as suas relações sexuais	17	17
◆ Não transporte para as relações sexuais	Referências referentes a não transportar o que os /as entrevistados/as vêm ou viam na pornografia para as suas relações sexuais	5	5
◆ Transporte para as relações sexuais	Referências referentes a transportar o que os /as entrevistados/as vêm ou viam na pornografia para as suas relações sexuais	17	17
▫ Critério Pergunta 23	Referências referentes à vigésima terceira pergunta da entrevista	20	92
◆ De que forma estão presentes dinâmicas de poder	Referências referentes à forma como estão presentes dinâmicas de poder nos conteúdos pornográficos que os/as entrevistados/as visualizam ou visualizaram	15	15
◆ Denota dinâmicas de poder	Referências referentes à identificação da presença de dinâmicas de poder por parte dos/das entrevistados/as nos conteúdos pornográficos que visualizam ou visualizaram	19	20
◆ Não denota dinâmicas de poder	Referências referentes à identificação da ausência de dinâmicas de poder por parte dos/das entrevistados/as nos conteúdos pornográficos que visualizam ou visualizaram	2	2
◆ Porque existem dinâmicas de poder	Referências referentes à opinião dos/das entrevistados/as em relação ao porquê de existirem dinâmicas de poder nos conteúdos pornográficos que estes consomem ou consumiam	17	17
◆ Quem detém mais poder	Referências referentes à identificação por parte dos/das entrevistados/as de quem detém mais poder nos conteúdos pornográficos que estes consomem ou consumiam	18	18
▪ Critério Objetivo Específico 4	Referências referentes ao objetivo específico: Averiguar se o possível impacto do consumo dos conteúdos pornográficos heteronormativos, tem um efeito de replicação e ou solidificação das atitudes sexistas nas diferentes vertentes individuais e sociais, comparando o sexo feminino com o masculino	20	212
▫ Critério Pergunta 24	Referências referentes à vigésima quarta pergunta da entrevista	20	52
◆ Exemplos que mostrem a influência	Referências referentes a exemplos de experiências pessoais dos/das entrevistados/as que mostrem a existência de uma influência na interação entre homens e mulheres derivada da visualização de conteúdos pornográficos	10	10
◆ Visualização influência interação	Referências referentes à existência de uma influência na interação entre homens e mulheres derivada da visualização de conteúdos pornográficos	20	21

◆ Visualização não influencia interação	Referências referentes à ausência de uma influência na interação entre homens e mulheres derivada da visualização de conteúdos pornográficos	1	1
▫ Critério Pergunta 25	Referências referentes à vigésima quinta pergunta da entrevista	20	96
◆ De que forma influencia relações românticas	Referências referentes a de que forma o acesso a conteúdos pornográficos por parte dos jovens pode influenciar as suas relações românticas futuras	13	14
◆ De que forma influencia relações sexuais	Referências referentes a de que forma o acesso a conteúdos pornográficos por parte dos jovens pode influenciar as suas relações sexuais futuras	19	20
◆ De que forma não influencia relações românticas	Referências referentes a de que forma o acesso a conteúdos pornográficos por parte dos jovens não influencia as suas relações românticas futuras	3	3
◆ De que forma não influencia relações sexuais	Referências referentes a de que forma o acesso a conteúdos pornográficos por parte dos jovens não influencia as suas relações sexuais futuras	2	2
◆ Influencia nas relações românticas	Referências referentes à existência de uma influência do acesso a conteúdos pornográficos por parte dos jovens nas suas relações românticas futuras	13	13
◆ Influencia nas relações sexuais	Referências referentes à existência de uma influência do acesso a conteúdos pornográficos por parte dos jovens nas suas relações sexuais futuras	19	19
◆ Não influencia nas relações românticas	Referências referentes à ausência de uma influência do acesso a conteúdos pornográficos por parte dos jovens nas suas relações românticas futuras	3	3
◆ Não influencia nas relações sexuais	Referências referentes à ausência de uma influência do acesso a conteúdos pornográficos por parte dos jovens nas suas relações sexuais futuras	2	2
▫ Critério Pergunta 26	Referências referentes à vigésima sexta pergunta da entrevista	20	64
◆ Definição sexismo	Referências referentes à definição atribuída pelos/as entrevistados/as ao sexismo	20	20
◆ Pornografia não se relaciona com o sexismo	Referências referentes à ausência de uma relação entre a pornografia e o sexismo	8	9
◆ Pornografia relaciona-se com o sexismo	Referências referentes à existência de uma relação entre a pornografia e o sexismo	14	15
○ Critério Tema	Referências relativas a temas individuais	20	87
▪ Heteronormativa	Referências a opiniões, atitudes e aspetos heteronormativos	14	17
▪ Não Heteronormativa	Referências a opiniões, atitudes e aspetos não heteronormativos	4	6
▪ Não Sexista	Referências a opiniões, atitudes e aspetos não sexistas	17	25
▪ Sexista	Referências a opiniões, atitudes e aspetos sexistas	13	36
▪ Valores	Referências sobre valores, ideologias, crenças e ética que os entrevistados/as mencionem	2	3

○ Critério Temporal	Referências relativas a um momento no tempo: Passado, presente e futuro e, ainda não mencionando tempo	20	655
▪ 0.1 Passado	Referências relativas ao passado	20	59
▪ 0.2 Presente	Referências relativas ao Presente	7	12
▪ 0.3 Futuro	Referências relativas ao Futuro	0	0
▪ 0.4 Não mencionam o Tempo	Referências em que não mencionam o Tempo	20	584

Anexo G - Diagrama e tabela de análise de cluster



Código A	Código B	Coeficiente de correlação de Pearson
Códigos Sexismo	Códigos Estereótipos	0,964818
Códigos Pornografia	Códigos Opinião Negativa	0,948206
Códigos Relações	Códigos Pornografia	0,933603
Códigos Relações	Códigos Opinião Negativa	0,879706
Códigos Sexismo	Códigos Pornografia	0,875024
Códigos Pornografia	Códigos Estereótipos	0,869279
Códigos Sexismo	Códigos Opinião Negativa	0,840047
Códigos Opinião Negativa	Códigos Estereótipos	0,828183
Códigos Relações	Códigos Opinião Positiva	0,812965
Códigos Relações	Códigos Estereótipos	0,776131
Códigos Sexismo	Códigos Relações	0,769408
Códigos Pornografia	Códigos Opinião Positiva	0,7613
Códigos Opinião Positiva	Códigos Opinião Negativa	0,703725
Códigos Sexismo	Códigos Opinião Positiva	0,594227
Códigos Opinião Positiva	Códigos Estereótipos	0,591136
Códigos Relações	Códigos Opinião Neutra	0,520741
Códigos Pornografia	Códigos Opinião Neutra	0,498601

Anexo I - Verbalizações dos/as entrevistados/as

Tema 1 - Identificação e caracterização dos conteúdos e consumos pornográficos heteronormativos consumidos pelos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino

Subtema 1.1 - Primeiro contacto com conteúdos pornográficos

Categorias	Unidades de registo/Exemplos	
	Mulheres	Homens
1. Idade Critério: Verbalizações relativas à idade em que do/a entrevistado/a teve o primeiro contacto com conteúdos pornográficos	(F02) “Ambos aos 11 anos.”; (F06) “Foi aos 21. Os dois sim.”	(M02) “Em ambos tinha cerca de 12 anos.”; (M05) “Foi no 5º ano ou 6º tinha, vá, 12 anos...”
2. Forma de contacto Critério: Verbalizações relativas ao primeiro contacto do/a entrevistado/a com conteúdos pornográficos ter sido por procura ou exposição	(F01) “Nunca procurei mesmo, exposta já é outra conversa, por volta dos 20, com alguns parceiros vi, sinceramente era mais por eles, e não mostravam nada a pensar em mim.”; (F03) “Com cerca de 14 anos, não voluntariamente, mais precisamente no Tumblr, depois mais tarde procurei, por volta dos 16 anos o que deixou logo uma má impressão...”	(M01) “...10/11 anos é que fui exposto a conteúdo explicitamente sexual, pois liguei a tv numa casa duns familiares para ver desenhos animados e estava num canal de filmes para maiores de 18 anos, em que estava um homem amarrado a uma cadeira com um vibrador ao lado. Pornografia com nudez e assim, tinha cerca de 12 a 13 anos a primeira vez num jogo, em que o jogo não é inerentemente sexual, no entanto é possível criar mapas com imagens nas paredes e assim que o são e, foi num desses, em que o jogo era o <i>counter-strike: source</i> . (...) fui mesmo ver um jogo que era explicitamente sexual, talvez nesse caso aos 14.”; (M04) “Foi aos 12. Tudo porque quando fui exposto, fui logo a seguir procurar.”

Subtema 1.2 - Características do consumo de conteúdos pornográficos

Categorias	Unidades de registo/Exemplos	
	Mulheres	Homens
<p>1. Regularidade de consumo</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à regularidade de consumo dos/as entrevistados/as</p>	<p>(F07) “Não costumo assistir, mas talvez 3 vezes num ano. (...) se o meu parceiro quiser partilhar algo...”;</p> <p>(F09) “Sim, de 2 a 3 vezes por mês, geralmente enquanto fazia sexting com o meu namorado...”.</p>	<p>(M01) “consumo conteúdos de imagens e <i>gifs</i> pornográficas (2 a 3 vezes ao dia), no geral, pornografia amadora em vídeos curtos ou vídeos pornográficos de tópicos específicos como BDSM (2 vezes num mês), sendo que procurar vídeos dá mais trabalho e prefiro por vezes usar a minha imaginação em conteúdos mais curtos e que sinto que são mais éticos para os trabalhadores sexuais...”;</p> <p>(M06) “Todos os dias...”.</p>
<p>2. Meios utilizados para aceder</p> <p>Critério: Verbalizações relativas aos meios utilizados pelos/as entrevistados/as para aceder aos conteúdos pornográficos</p>	<p>(F08) “É muito mais de sites, no computador.”;</p> <p>(F11) “Sites e Reddit no computador.”.</p>	<p>(M07) “Computador e telemóvel. Normalmente por sites pornográficos que contêm vídeos pornográficos. (...) Pornhub, às vezes X vídeos. E de streaming o Chaturbate.”;</p> <p>(M08) “É através dos sites pornográficos, como o Pornhub.”.</p>
<p>3. Com quem consome</p> <p>Critério: Verbalizações relativas ao consumo de conteúdos pornográficos acompanhados e ou individuais pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F01) “Eu não utilizo pornografia, mas em alguns relacionamentos talvez estive 1 vez a cada 2 semanas talvez. Só mesmo com eles...”;</p> <p>(F04) “... É Individualmente e acompanhada...”;</p> <p>(F05) “... Apenas acompanhada.”;</p> <p>(M03) “...individualmente.”;</p> <p>(M06) “... Mais individualmente, caso esteja acompanhado é muito raro ver algo com elas. Mas muda um bocado, para não assustar.”</p>	
<p>4. Influências na regularidade de consumo provenientes de consumir sozinho/a ou acompanhado/a</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às influências na regularidade de consumo de conteúdos pornográficos segundo o</p>	<p>(F08) “...costumo ver algumas coisas com o meu namorado. Eu quando estou sozinha não vejo.”;</p> <p>(F11) “...mudava o conteúdo dependendo dos gostos de cada um.”.</p>	<p>(M02) “... Se consumir esses conteúdos acompanhado tendo a adaptar os conteúdos.”;</p> <p>(M04) “... sozinho consumo muito mais do que acompanhado.”.</p>

consumo acompanhado ou individual dos/as entrevistados/as		
<p>5. Motivações para consumir conteúdos pornográficos</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às motivações para consumir conteúdos pornográficos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F03) “Já procurei por curiosidade, que rapidamente foi substituída por uma sensação de algum mal-estar por sentir que não estava a assistir a algo "realista", embora tenha procurado algo mais <i>homemade</i>, de amadores, e não tão daquela indústria pornográfica "corrente". Não senti excitação, senti mais o desconforto”;</p> <p>(F07) “Aprender é a maior, no início curiosidade também. Mantiveram, porque quanto à curiosidade quando o meu parceiro sugere, é isso.”;</p> <p>(F08) “É um bocadinho para explorar coisas novas e também para apimentar às vezes um bocadinho a relação. Não, acho que foi sempre uma constante, depois acho também que foi uma coisa assim que ele me puxou um bocadito mais, porque ele também gosta assim um bocadito mais dessas coisas.”;</p> <p>(F09) “No passado era principalmente a excitação de olhar para o conteúdo e alguma curiosidade. Hoje em dia é principalmente para excitação e inspiração para com o meu parceiro.”.</p>	<p>(M01) “...no geral é mais por <i>coping</i>, para relaxar e necessidades no sentido de excitação sexual e prazer. Mas também por influência de amigos e querer partilhar com a minha parceira e explorar, curiosidade, com ela e assim. (...) foi mudando, no início era muito mais curiosidade pessoal, descoberta e explorar os meus gostos, BDSM, poligamia, bissexualidade, fetiches etc., portanto usei a pornografia para (...) autoexploração, mas atualmente e maioritariamente será mais em partilha, prazer e <i>coping</i> de stress.”;</p> <p>(M02) “...curiosidade, aprendizagem, prazer, satisfação, alívio de stress. Ao longo do tempo as motivações foram evoluindo desde a curiosidade até à maior influência do prazer e alívio de stress.”</p> <p>(M08) “Curiosidade, estímulo sexual pessoal, procura de excitação ou por estar sozinho. As motivações mantiveram-se com o tempo”;</p> <p>(M09) “Ajuda a adormecer, mas só vejo com a finalidade de masturbar. Normalmente, as mesmas...”.</p>
<p>6. Categorias de conteúdos pornográficos consumidas</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às categorias consumidas pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F01) “Na altura era coisas de foco no prazer do homem, heterossexual, vi com ele coisas em grupo também.”;</p> <p>(F09) “<i>Bondage</i> e BDSM geral, tanto heterossexual como homossexual feminino e homossexual masculino. No passado, porém, consumia principalmente conteúdo pornográfico homossexual masculino”;</p> <p>(F11) “Hétero, grupal, lésbicas, BDSM. Mais as últimas.”.</p>	<p>(M05) “Amador, aquilo vai para tudo, mas às vezes MILFs, (...), também não pode cair aos bocados, (...) Mais natural se não, não tem piada nenhuma”;</p> <p>(M06) “... Em grupo é fixe, 3 gajos para uma gaja, é dos que mais me ponho a ver.”;</p> <p>(M07) “Normalmente o que eu prefiro consumir tem a ver com dinâmicas de poder, BDSM e coisas do gênero, também sexo anal e vídeos que tenham um bocado de história antes. Por exemplo, (...) <i>stepsister</i> e <i>stepmom</i>, (...) BDSM (...) Não gosto muito de vídeos que sejam só sexo basicamente. Também <i>hentai</i> (...) Dentro das categorias sim, mas em relação à história, como vejo pornografia com a minha parceira normalmente não vemos coisas com tanta história.”;</p> <p>(M09) “... A partir daí, mais adições, como a do BDSM”;</p>

Subtema 1.3 - Pornografia como fonte de conhecimento

Categorias	Unidades de registo/Exemplos	
	Mulheres	Homens
<p>1. Esclarecimento de dúvidas a partir da pornografia</p> <p>Critério: Verbalizações relativas ao esclarecimento de dúvidas a partir da pornografia pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F06) “... Ver como funcionavam as coisas mais ou menos.”;</p> <p>(F08) “...essas coisas nunca foram para isso. Eu acho que isso ainda traz mais dúvidas do que dá respostas.”;</p> <p>(F10) “..., mas não me lembro do que era especificamente ou se fui ou não bem-sucedida.”.</p>	<p>(M05) “Não, isso é o Google.”;</p> <p>(M08) “... quando mais jovem. Penso não ter sido muito bem-sucedido, pelo facto de a maioria do conteúdo ser pouco representativo da realidade.”;</p> <p>(M09) “... Como fazer coisas, ou usar coisas para ajudar a mulher.”.</p>
<p>2. Descobertas pessoais a partir da pornografia</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às descobertas pessoais a partir da pornografia pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F01) “Que não me agrada”;</p> <p>(F02) “... descobri alguns atos sexuais que me traziam/trazem prazer que antes não sabia.”.</p>	<p>(M06) “... diria que quase tudo o que sei sobre sexo vem da pornografia mesmo”;</p> <p>(M07) “...preferências sexuais, algumas descobri a partir de assistir a pornografia. Por exemplo o facto de gostar de sexo anal e gostar também de dinâmicas de poder, acho que isso pode ter vindo do facto de ver pornografia...”.</p>

Subtema 1.4 - Perceção do/a entrevistado/a relativamente aos conteúdos pornográficos que consome

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo/Exemplos	
		Mulheres	Homens
<p>1. Perceção positiva ou negativa dos conteúdos pornográficos</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às perceções positivas e ou negativas dos conteúdos pornográficos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>1.1. Sentimentos/aspetos positivos</p> <p>Critério: Verbalizações relativas aos sentimentos positivos desencadeados pelos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as e, os aspetos positivos que</p>	<p>(F01) “O outro ficava feliz e eu até ficava feliz com isso (...) o prazer do outro...”;</p> <p>(F03) “... pornografia produzida de uma forma correta para todos os envolvidos, pode ser um importante estímulo sexual e de bem-estar...”;</p> <p>(F04) “...a paixão, divertimento (...) a grandeza da representação das fantasias.”;</p> <p>(F08) “... trouxe-nos mais satisfação, às vezes mais desejo por que conseguíamos ter noção de coisas que podíamos fazer para satisfazer um ao outro, acho que também nos aproximou mais nesse campo. (...) podem ser a satisfação que pode</p>	<p>(M04) “... prazer, descontração, antistress, (...) entretenimento (...) a capacidade de trazer prazer, descontração, antistress e entretenimento”;</p> <p>(M05) “Alivia o stress. Prazer (...) nem sempre o que as pessoas vêem é o que é. E acho que isso é um ponto que pode ser positivo porque podemos aprender alguma coisa, mas é preciso saber fazer uma filtragem no que tamos a ver...”;</p> <p>(M06) “Têsão e prazer, de ver mulheres incríveis que não é fácil na vida real (...) o prazer e ajudar a realizar as fantasias quase impossíveis na vida real.”;</p>

	estes identificam nos mesmos	trazer às pessoas, uma quebra de rotina e um apimentar e aproximação numa relação.”.	(M07) “Positivos, excitação, às vezes brincadeira quando é com outra pessoa, felicidade, (...) o uso em preliminares, é uma coisa boa para desenvolver a relação sexual e ser íntimo com o parceiro.”.
	<p>1.2. Sentimentos/aspetos negativos</p> <p>Critério: Verbalizações relativas aos sentimentos negativos desencadeados pelos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as e, os aspetos negativos que estes identificam nos mesmos</p>	<p>(F02) “... Agora não vejo por causa de desconforto (...) proporciona uma falsa ideia do que é realmente sexo, não esquecendo que a indústria em si é bastante problemática, muitas das vezes explorando os atores e privando os mesmos de direitos básicos.”;</p> <p>(F04) “Futilidade, desprezo, egoísmo (...) a irrealidade dos desempenhos face a realidade e a falta de afeto.”;</p> <p>(F08) “um bocado assim de vergonha ou também às vezes um sentimento de culpa, às vezes alguma coisa que ele gostasse e eu não conseguir estar à altura disso. Apesar de também sabemos que nesse contexto, que muitas coisas não se expõem assim muito para a realidade (...) às vezes tá descontextualizado da realidade, às vezes também é como retrata uma mulher, na posição submissa em relação ao homem, que só o homem é que tira prazer daquilo, que é tudo mais para o homem, que às vezes tem lá coisas que se nota que aquilo é desconfortável para a mulher, nas posições que está, vemos como é que é possível...”;</p> <p>(F11) “Algumas inseguranças, ou até mais frustração com as expectativas que criam. (...) a normalização de coisas que não acontecem nada na vida real”.</p>	<p>(M01) “...talvez as inseguranças no sentido de que a sexualidade é tão vasta e intrínseca à experiência humana que (...) “será que eu quero experienciar a mesma coisa com a mesma pessoa para sempre” ou à minha identidade e expressão sexual (...) no geral diria que seria negativo essa parte de exploração dos trabalhadores e trabalhadoras sexuais, como grandes produções e indústrias em si, muitas não terem os devidos cuidados, medidas de segurança, direitos, e, portanto, não éticos em muitos aspetos (...) por experiências de convívio, que na maioria das vezes o conteúdo que é consumido por outros homens é mais lésbico por também se sentirem inseguros pelo facto de existirem outros homens no conteúdo pornográfico.”;</p> <p>(M03) “... autocensura pois acho que o meu consumo de pornografia excessivo (...) Diminuição do apetite sexual após consumo...”;</p> <p>(M07) “... às vezes algum medo ou insegurança, (...) porque o que vemos não retrata muito a realidade e acabamos por transmitir algumas coisas que se podem refletir em inseguranças ou medos. (...) Pode criar expectativas não realísticas. Muitos aspetos são irrealistas, por exemplo os cenários que se criar ou a prontidão dos participantes, ou às vezes as reações do que é ou não prazeroso pode ser mal transmitido ou a ausência de proteção...”;</p> <p>(M09) “...a repetição talvez (...) é muito sem sentimento e de plástico, com o tempo é mais difícil encontrar algo bom para ver”.</p>

<p>2. Características dos conteúdos consumidos</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às características dos conteúdos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>2.1. Existência de preliminares</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à existência ou não de preliminares nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F03) “Porque procuro sim, é importante que seja o mais real possível, agora sei muito bem que no geral não existem praticamente...”;</p> <p>(F10) “Existem, escolho os que têm.”.</p>	<p>(M08) “Sim, por escolha...procura.”</p> <p>(M09) “Sim e Não, se quiser tenho de procurar por isso né.”.</p>
	<p>2.2. Presença de métodos de proteção/contraceção</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à presença e ou ausência de métodos de proteção/contraceção pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F01) “Nunca me lembro de ver”;</p> <p>(F04) “Diria que ocasional”;</p> <p>(F05) “Sim”.</p>	<p>(M06) “Nem por isso. Até porque visualmente é mais agradável sem”;</p> <p>(M07) “Muito raramente. Às vezes alguns vídeos contêm o uso do preservativo, mas é muito raro”;</p> <p>(M09) “Às vezes”.</p>

	<p>2.3. Características físicas e de personalidade das mulheres e dos homens representadas/os</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às características físicas e de personalidade das mulheres e dos homens representadas/os nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>Características Físicas das mulheres: (F02) “magras, cabelo comprido, peito grande, vulva pequena, bronzeadas”; (F08) “... tudo muito estereotipicamente perfeito também, o que não é real”.</p> <p>Características Personalidade das mulheres: (F01) “frágeis”; (F07) “baixo QI”; (F08) “mulher mais submissa”; (F11) “... não parece terem muito, é só o viver para aquela relação”.</p> <p>Características Físicas dos homens: (F06) “Homens com pênis grande”; (F11) “Pessoas bem constituídas e completamente a parte da realidade”.</p> <p>Características Personalidade dos homens: (F03) “homem "forte"”; (F10) “um papel mais dominante, ativo (...) com expressões e gemidos realistas”.</p>	<p>Características Físicas das mulheres: (M01) “tudo o que a sociedade considera desejável, com BMI <i>fit</i>, com curvas, mas a parte superior e inferior maiores, se não for o conteúdo amador, pois aí já é mais diverso e mais natural”; (M04) “estereotípico, magrinhas (...) pessoas bonitas, estereotipicamente bonitas”.</p> <p>Características Personalidade das mulheres: (M06) “... elas estão sempre abaixo e por de baixo”; (M07) “Elas tendem a representar um papel mais submisso e obediente, de oferecer prazer, e acabam por ter uma atitude de estar prontas para tudo e o que quiserem que aconteça, aconteça sem elas terem muita palavra nisso, e tão sempre dispostas a tudo.”.</p> <p>Características Físicas dos homens: (M05) “é tudo muito diverso”; (M07) “... homens musculados e assim, não é tão prevalente como nas mulheres, ou seja, vê-se muitos atores pornográficos masculinos que não correspondem necessariamente aos padrões, mais normais de atratividade da nossa sociedade”.</p> <p>Características Personalidade dos homens: (M07) “são mais dominantes, muitas vezes são agressivos, e controladores, e normalmente a cena acaba por ser focada no prazer deles”; (M08) “...homens apresentam geralmente, uma postura mais dominadora e viril”.</p>
--	--	---	---

	<p>2.4. Influências nas categorias consumidas</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às influências nas categorias consumidas dependendo do consumo acompanhado ou individual pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F01) “o conteúdo parecia sempre o mesmo”;</p> <p>(F11) “mudava o conteúdo dependendo dos gostos de cada um”.</p>	<p>(M02) “Se consumir esses conteúdos acompanhado tendo a adaptar os conteúdos”;</p> <p>(M04) “...porque quando era acompanhado era considerado os gostos dela. E eram coisas mais específicas com ela, mas para mim não interessa propriamente, vejo a página principal e escolho o que gosto”.</p>
	<p>2.5. Existem dinâmicas de poder entre homens e mulheres</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às dinâmicas de poder entre homens e mulheres nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F04) “Visível por exemplo na ausência de preliminares, grandes planos de imagem a focar essa dominação, controlo, humilhação da mulher”;</p> <p>(F11) “Toda a gente sonha em ter a mulher da “pornografia” que toma controlo do prazer dos gajos e faz tudo. Isso é cansativo e <i>sadly</i> representativo da sociedade também”.</p>	<p>(M04) “... o homem é mais dominante que a mulher, mas eu sei que isso não acontece em 100% dos casos. No que vejo acontece isso (...) o homem tem mais poder”;</p> <p>(M06) “... porque gostamos de dominar e a pornografia é maioritariamente feita para homens”;</p> <p>(M05) “Maior parte deles não. O foco é a mulher ter prazer”.</p>

	<p>2.6. Realismo dos conteúdos pornográficos</p> <p>Critério: Verbalizações relativas ao realismo dos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F03) “É mesmo por achar pouco realista que no geral não consumo basicamente nada”;</p> <p>(F10) “Bastante, pois procuro-os especificamente”.</p>	<p>(M08) “Pouco realistas, com exacerbação dos momentos de prazer sexual feminino, discurso e dinâmicas muito encenadas”;</p> <p>(M09) “Depende, às vezes não são atores, mas sim casais, atores que prefiro porque aparenta ter alguma conexão emocional”.</p>
<p>3. Opinião sobre os conteúdos pornográficos</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às opiniões sobre os conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>3.1. Porque existem ou não preliminares</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às justificações de existência ou não de preliminares nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F06) “Sim, eu procuro.”;</p> <p>(F08) “... Eu acho que eles tiram essa parte mais romantizada, normalmente é muito mais só puro e duro, como se diz. (...) se calhar também já é uma coisa da indústria, como as coisas funcionam.”;</p> <p>(F11) “...se for para conteúdos mais hétero então é pior, só pensam nos “do sexo forte” (revira os olhos), eles normalmente, não interessa isso muito, portanto...é o que é.”.</p>	<p>(M02) “Não vejo muito preliminares, não existem muitos, mas se tiver passo para a frente. Não tem a parte que mais dá estímulo.”;</p> <p>(M04) “Sim. Alguns até só preliminares. Tipo sexo oral.”;</p> <p>(M06) “... Porque a pornografia é sexista e feita para homens, para nós os preliminares são secundários, ao contrário das mulheres, certamente também deve existir pornografia mais direcionada a mulheres, mas a normal não.”.</p>

	<p>3.2. Porque são ou não realistas</p> <p>Critério: Verbalizações relativas ao realismo ou não dos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F04) “Nada realísticos. Ausência de afetos, performances exageradas e amplificadas. Diria que é para satisfazer as fantasias, as do homem mais, no geral”;</p> <p>(F10) “Bastante, pois procuro-os especificamente”.</p>	<p>(M01) “...do que eu consumo sem ser amador não é realista propriamente (...) pois são coisas que acontecem para ser filmadas e não ao contrário, coisas que são filmadas ao acontecerem”;</p> <p>(M05) “70% são realidade (...) amadores”.</p>
	<p>3.3. Porque existem diferenças entre os homens e as mulheres representados/as na pornografia</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à existência de diferenças entre homens e mulheres representados nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F02) “...por causa dos papéis de gênero que existem, tanto ao nível físico como de personalidade”;</p> <p>(F08) “...porque acho que também tem muito a ver com a sociedade em que vivemos, em que o homem teve sempre numa posição de mais poder. E a mulher também é muito mais descredibilizada ainda, quando estamos a falar de sexo parece que a mulher ainda tem de lutar mais para ter os seus direitos (...) Não estão no mesmo nível. Tem muito a ver com questões de cultura”.</p>	<p>(M01) “...pois lá está é uma questão mais patriarcal que se reflete na pornografia, não sendo a origem da pornografia”;</p> <p>(M09) “...são os estereótipos das fantasias, se pensarmos no geral...”.</p>

	<p>3.4. Influência das representações na visão que temos de ambos os géneros</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às possíveis influências das representações de ambos os géneros nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as na visão que possuem de ambos os géneros</p>	<p>(F05) “... a realidade é diferente e sabe-se disso.”;</p> <p>(F07) “... no geral é o homem no poder, pode dar a intuição de passar isso para a realidade, e a outra pessoa pode nem sempre querer isso.”;</p> <p>(F09) “... pode realmente influenciar a forma como julgamos como as pessoas 'deveriam' ser e que os homens deveriam ser mais 'dominantes'.”.</p>	<p>(M01) “Não propriamente, acho que são uma representação da realidade e não a origem, apesar de ter influência, não sendo a causa. Tem sim a ver com o capitalismo, devido a maximização do lucro, todas as indústrias incluindo a pornográfica irá tirar proveito desses padrões e visões sociais que se têm dos géneros, que de facto depois influenciam todos os nossos comportamentos, incluindo <i>of course</i> as relações românticas e sexuais, todas mesmo.”;</p> <p>(M04) “... por exemplo as pessoas olharem para aqueles corpos e verem as diferenças das pessoas dos vídeos para elas mesmas, poderá ser por aí. Também pode ser pelos parceiros, olhar para os parceiros e eles não serem assim.”;</p> <p>(M05) “Há pessoas que criam ideologias, podem ser certas ou erradas, mas depende da pessoa. Há pessoa que às vezes podem estar à espera de que a pessoa tenha um determinado corpo e depois corre mal.”.</p>
--	---	--	--

	<p>3.5. Influência das representações na sociedade</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às possíveis influências das representações de ambos os géneros nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as na sociedade</p>	<p>(F04) “... Cada vez mais numa procura utópica de desempenhos sexuais irrealisticamente perfeitos e fora do contexto real de casal, o que pode prejudicar caso seja essa a única referência.”;</p> <p>(F06) “... na vida em si, humm penso que não.”;</p> <p>(F08) “Cada vez mais os jovens têm acesso, podem mais facilmente ir procurar, do que falar com as pessoas mais velhas, tentarem ter esse tipo de conhecimento e saberem mais. Pode sempre acontecer, pois não existe aprendizagem e assim é tudo mais influenciável, pois nesses conteúdos e na sociedade o homem é o que tem mais poder.”.</p>	<p>(M01) “... acho que são uma representação da realidade e não a origem, apesar de ter influência, não sendo a causa. Tem sim a ver com o capitalismo, devido a maximização do lucro, todas as indústrias incluindo a pornográfica irá tirar proveito desses padrões e visões sociais que se têm dos géneros, que de facto depois influenciam todos os nossos comportamentos, incluindo <i>of course</i> as relações românticas e sexuais, todas mesmo.”;</p> <p>(M07) “Pode contribuir para divulgar esses pensamentos nas pessoas. Por outro lado, a própria pornografia acaba por ser influencia por algumas ideias sociais e daí também ter as características que tem.”;</p> <p>(M08) “... Quanto, por exemplo, à postura mais submissa das mulheres e mais dominante e viril dos homens poderá contribuir para a perpetuação de estereótipos de género na sociedade e da generalização da ideia de domínio do género masculino relativamente ao feminino, quer nos diferentes setores da sociedade, quer na vida sexual.”;</p>
--	---	--	---

	<p>3.6. Porque existem dinâmicas de poder entre homens e mulheres</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às justificações das dinâmicas de poder entre homens e mulheres nos conteúdos pornográficos consumidos pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F02) “... por causa dos papéis de género”;</p> <p>(F04) “Promovido por os homens serem a maioria dos consumidores, sobretudo da pornografia paga, e necessidade da indústria em satisfazer as suas fantasias de superioridade”;</p> <p>(F10) “... está associado à influência da masculinidade sobre as mulheres e como a sociedade vê o funcionamento das relações sexuais”.</p>	<p>(M02) “... o poder pode ser um fator de excitação sexual, em que o homem detém mais poder”;</p> <p>(M03) “... público que mais visualiza pornografia (homens) gosta e ou precisam desse tipo de dinâmica para se satisfazer”;</p> <p>(M08) “... à conceção generalizada de maior poder e virilidade e força do homem na sociedade, face à mulher”.</p>
--	---	---	---

Tema 2 - Identificação e caracterização de aspetos das relações românticas e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino

Subtema 2.1 - Aspetos das relações românticas

Categorias	Unidades de registo/Exemplos	
	Mulheres	Homens
<p>1. Papel de ambos os géneros nas relações românticas do/a próprio/a</p> <p>Critério: Verbalizações relativas aos papéis de ambos os géneros nas relações românticas dos/as entrevistados/as</p>	<p>(F02) “... acho que em ambas as situações, regra geral, as mulheres são submissas e os homens são dominantes. Ou melhor, é essa a expectativa e o que acaba mais por acontecer.”;</p> <p>(F05) “É de companheiro romântico.”;</p> <p>(F07) “Não considero que haja um papel específico, na relação considero que somos ambos partes iguais e importantes!”;</p> <p>(F09) “Em termos românticos eu sou a mais ativa.”.</p>	<p>(M01) “Na romântica é mais por gestão de tempo e gostos de tarefas, o que ela não gosta que é limpar, dividimos”;</p> <p>(M03) “Vejo o papel da minha companheira como amiga, confidente, parceira, independentemente.”;</p> <p>(M04) “...coisas que requerem mais esforço físico, talvez daria ao homem, por uma questão de proteção e preocupação com a mulher, não sei se isto é considerado machismo, mas se tiver de carregar um bidon com água não vou esperar que seja ela, vou chegar-me á frente e fazer isso. Esforço físico principalmente o homem.”;</p> <p>(M07) “Nas relações românticas acho que os papéis acabam por ser bastante equilibrados.”.</p>

Subtema 2.2 - Aspetos das relações sexuais

Categorias	Unidades de registo/Exemplos	
	Mulheres	Homens
<p>1. Utilização de métodos de proteção/contraceção</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à utilização de métodos de proteção/contraceção pelos/as entrevistados/as</p>	<p>(F01) “Numa fase inicial sim, tenho de por isso, até perceber o que poderá significar a aproximação. Quando encontra a pessoa certa, já é diferente.”;</p> <p>(F03) “... mais o preservativo até.”.</p>	<p>(M02) “Não.”;</p> <p>(M04) “... costume usar, mas não é 100% das vezes, é mais de metade das vezes. No meu caso utilizo o preservativo, mas a outra pessoa já tive casos em que utilizava, e outros que não, por exemplo a pilula.”;</p> <p>(M05) “... o preservativo e o anel contracetivo.”.</p>

<p>2. Prática de preliminares e opiniões</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à opinião dos/as entrevistados/as sobre preliminares e às práticas dos mesmos</p>	<p>(F01) “Sem dúvida muito importantes, principalmente para a mulher (...) estímulo do clitóris.”;</p> <p>(F10) “Sempre os pratiquei (...) Gosto de beijos no pescoço e agarrar.”;</p> <p>(F11) “Eu quero, sempre...”.</p>	<p>(M01) “Nem sempre pratiquei, pois no início tinha outras ideias e era mais complicado em termos de experiência, mas a partir do momento em que pratiquei nunca parou.”;</p> <p>(M03) “O que mais utilizo passa por uma massagem corporal.”;</p> <p>(M06) “... como te disse só quando tenho mesmo (...) Eu dispenso, mas como vocês não, um gajo faz o esforço quando é mesmo preciso”;</p> <p>(M07) “A nível físico e mental. Sim...”;</p> <p>(M09) “Faço (...) Deviam fazer todos (...) Tudo o que antecedeo o sexo principal. Os abraços, beijos, orais.”.</p>
<p>3. Papel de ambos os géneros nas relações sexuais do/a próprio/a</p> <p>Critério: Verbalizações relativas aos papéis de ambos os géneros nas relações sexuais dos/as entrevistados/as</p>	<p>(F02) “... acho que em ambas as situações, regra geral, as mulheres são submissas e os homens são dominantes. Ou melhor, é essa a expectativa e o que acaba mais por acontecer.”;</p> <p>(F03) “São equilibrados em ambos os tipos.”</p> <p>(F11) “Se for respeitável depende, é completamente variável nos dois, não deve existir a suposição de ser eu a satisfazer só.”.</p>	<p>(M01) “As sexuais por acaso acabamos por cair em eu ser o mais ativo e dominante e ela passiva e mais submissa.”;</p> <p>(M02) “Normais, ou seja, equitativos e equilibrados”;</p> <p>(M05) “Tamos os dois juntos porque fazemos bem um ao outro, e por que nos ajudamos. São complementares, fortalecimento dos pontos positivos. Não atribuíam assim nenhum papel em específico.”;</p> <p>(M09) “De sexo, no início é a mulher mais dominadora, mais ativa nessa parte.”.</p>

Subtema 2.3 - Aspectos das relações íntimas

Categorias	Unidades de registo/Exemplos	
	Mulheres	Homens
<p>1. Motivações para ser íntimo num relacionamento</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às motivações dos/as entrevistados/as para ser íntimo num relacionamento</p>	<p>(F04) “Como assim? (Por exemplo, diversão, aborrecimento, fortalecimento da ligação com essa pessoa, cumprimento de necessidades, para satisfação do outro/a, aprendizagem, <i>foreplay</i>) Diria mesmo todas as anteriores. Mudam com o tempo e até conforme o dia a dia”;</p> <p>(F09) “É divertido e sabe bem, e faz-me feliz por poder estar vulnerável com o meu parceiro. As motivações mantiveram-se na mesma.”.</p>	<p>(M02) “Diversão e fortalecimento da ligação com a pessoa. Vão evoluindo, pois, na descoberta da relação é mais diversão e novidade e ao longo do tempo, em relação, evolui para fortalecimento da relação.”;</p> <p>(M03) “Diria que há sempre um <i>mix</i> que satisfação mútua com alguma diversão, mas confesso que já o pratiquei por necessidade de cumprir uma certa "obrigação". Diria que sim, mantiveram no geral.”.</p>
<p>2. Caracterização de uma relação sexual prazerosa e positiva dentro e fora das relações românticas</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à caracterização de uma relação sexual prazerosa e positiva segundo os/as entrevistados/as</p>	<p>(F05) “É algo em que aumenta a conexão com o companheiro e faz as pessoas sentirem se ligadas, um bem-estar. Sim, pois se não é um relacionamento romântico, a parte do romance não é principal.”;</p> <p>(F07) “Uma relação sexual onde me sinta à vontade com o meu parceiro, onde sinta amor pela pessoa, com prazer para os dois. Não, porque é sempre preciso isso...”;</p> <p>(F08) “Primeiro tem de ser algo com que esteja confortável e tem que ser com alguém que para mim faça sentido, tem de haver respeito e confiança na relação, essas coisas, eu acho que é muito disso. Não, isso para mim é geral.”.</p>	<p>(M04) “É quando as coisas fluem naturalmente, quando não é preciso haver esforço adicional para dar e receber prazer. E prazerosa é quando se atinge o orgasmo e se fica satisfeito. Não muda, mas se for numa relação romântica é diferente em relação a uma experiência apenas sexual. Tira-se por exemplo o carinho, afeto e o transmitir quanto se gosta da outra pessoa”;</p> <p>(M06) “Depende muito do <i>mood</i> e da pessoa com quem estamos, é adaptar, algumas é necessário mais romance como preliminares, noutras posso fazer mais como quero porque também gostam logo mais da ação e chegar ao orgasmo.”;</p> <p>(M08) “Tenho uma experiência prazerosa e positiva quando a relação sexual é intensa, envolve troca de carícias e demonstrações de afeto, quando a minha parceira demonstra obter prazer sexual e afetivo. Eu apenas tenho relações sexuais quando estou num relacionamento romântico, logo, não.”.</p>

Tema 3 - Identificação do impacto do consumo de conteúdos pornográficos heteronormativos nos comportamentos, sentimentos, pensamentos e relacionamentos românticos e sexuais dos/as participantes, comparando o sexo feminino com o masculino

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo/Exemplos	
		Mulheres	Homens
1. Impacto nas relações românticas Critério: Verbalizações relativas às relações românticas	1.1. Papel da pornografia nas relações românticas Critério: Verbalizações relativas à opinião dos/as entrevistados/as sobre a possibilidade de a pornografia desempenhar um papel nas relações românticas	(F04) “Sim, sempre. Independentemente dos mais negativos e ou positivos que já lhe mencionei, estes vão sempre influenciar as relações nesses sentidos”; (F06) “Não especialmente ...não.”	(M05) “... na maior parte das pessoas não, se for uma pessoa mais nova, às vezes pode influenciar, mas quando já começam a ter experiência acho que não.”; (M09) “... para mim, sim na aprendizagem que também vai melhorar a romântica, certo...”
2. Impacto nas relações sexuais Critério: Verbalizações relativas às relações sexuais	2.1. Influência da pornografia nas relações sexuais Critério: Verbalizações relativas à opinião dos/as entrevistados/as sobre a possibilidade de a pornografia desempenhar um papel nas relações sexuais	(F03) “Não”; (F09) “O conteúdo pornográfico permitiu-me descobrir certas coisas de que gosto (relacionadas com a <i>Bondage</i> /BDSM) que no início não me ocorreu. Isto permitiu-me usá-lo para melhorar a minha relação sexual.”	(M03) “A tendência é sempre negativa, como desilusão. Há um certo desapontamento quando comparamos os conteúdos pornográficos com as nossas experiências sexuais pois, nos filmes, tudo parece perfeito, quando na verdade não o é.”; (M05) “Quando uma pessoa é mais adulta não, porque já tem experiência e já consegue filtrar as coisas e é diferente.”

	<p>2.2. Transporte do que é visto nos conteúdos pornográficos para as relações sexuais</p> <p>Critério: Verbalizações relativas ao possível transporte do que os/as entrevistados/as consomem de conteúdos pornográficos para as relações sexuais</p>	<p>(F01) “Tentaram, mas como era tudo foco do prazer do homem, sem os tais preliminares, não ajudou nada, assim também fui colocando limites, para ser o conhecimento de nós pessoas e não do que se faz na pornografia.”; (F04) “... A utilização de técnicas ou objetos para estímulos diferentes.”; (F08) “Não diretamente, não. É mais algo que auxilia o ambiente e assim.”</p>	<p>(M06) “... muitas vezes, é uma excelente escola, como te disse pessoalmente adoro para tirar umas ideias e assim.”.</p>
--	---	--	--

Tema 4 - Averiguação se o possível impacto do consumo dos conteúdos pornográficos heteronormativos, tem um efeito de replicação e ou solidificação das atitudes sexistas nas diferentes vertentes individuais e sociais, comparando o sexo feminino com o masculino

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo/Exemplos	
		Mulheres	Homens
<p>1. Impacto individual</p> <p>Critério: Verbalizações relativas ao impacto individual dos conteúdos pornográficos segundo os/as entrevistados/as</p>	<p>1.1. Influência do consumo precoce por parte dos/as jovens nas suas futuras relações românticas</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às opiniões dos/as entrevistados/as sobre as possíveis influências do consumo de conteúdos pornográficos precoce por parte dos/as jovens nas suas futuras relações românticas</p>	<p>(F05) “Não deverá ter, pois isso é controlado.”; (F10) “...os vídeos influenciam o comportamento dos homens/mulheres pois atuam como uma pressão social de aspetos e critérios esperados sobre os mesmos.”.</p>	<p>(M07) “...aprendizagem sobre relações românticas, no entanto a pornografia muitas vezes também inclui aspetos de uma relação entre um homem e uma mulher ou entre mulheres ou homens, aspetos mais relacionais e não tão sexuais, podem também transparecer...”.</p>

	<p>1.2. Influência do consumo precoce por parte dos/as jovens nas suas futuras relações sexuais</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às opiniões dos/as entrevistados/as sobre as possíveis influências do consumo de conteúdos pornográficos precoce por parte dos/as jovens nas suas futuras relações sexuais</p>	<p>(F05) “Não deverá ter, pois isso é controlado.”; (F11) “Confusão sobre o que é a sua individualidade e o que é socialmente praticável, que os afeta em tudo.”.</p>	<p>(M01) “..., mas quanto toca especificamente a relações sexuais e românticas já me sinto diferente, pois, não necessariamente influencia, mas sim reforço, mesmo por exemplo não existir um bom sex ed, existem estigmas e não no geral o à vontade entre pais e filhos, talvez assim crianças, adolescentes tirem mais da pornografia e coloquem de certa forma em prática, consciente ou não do que observam.”; (M05) “Pode ajudar as pessoas a ver o que gostam mais. São os aspetos positivos e negativos que já tinha dito. O se forem mais novos sem experiência também pode fazê-los transportar o que não é bom, mas depois mais experiências reais, vai se aprendendo.”.</p>
<p>2. Impacto social</p> <p>Critério: Verbalizações relativas ao possível impacto social dos conteúdos pornográficos segundo os/as entrevistados/as</p>	<p>2.1. Influência do consumo na forma como homens e mulheres interagem entre si</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à possível influência dos conteúdos pornográficos nas interações entre homens e mulheres segundo os/as entrevistados/as</p>	<p>(F06) “... não influencie muito, podem aprender x ou y e querer demonstrá-lo, mas para além daí, distinguem do que é real e não.”; (F09) “... influenciar a forma como olham para a mulher, na medida em que esperam que tenham os mesmos padrões corporais que as atrizes pornográficas e esperam que sejam submissas.”.</p>	<p>(M04) “... influencia, porque há muita gente que vê e depois tenta reproduzir e ou a mulher não aceita determinados comportamentos do homem, ou o homem abusa nos comportamentos. Abusa no sentido de que está a invadir o espaço da mulher e pode não estar a tratar como ela acha que é normal, abuso de poder talvez.”.</p>
	<p>2.3. Experiências pessoais que mostrem a influência do consumo</p>	<p>(F02) “Tive uma experiência bastante negativa de um rapaz que me bateu na cara durante o ato sexual, sem me pedir o consentimento. Quando o confrontei ele chegou a admitir que tinha visto</p>	<p>(M07) “...é muito frequente termos homens a criticar a vida sexual das mulheres, dizer que os homens é que devem controlar as coisas. A criticarem preferências sexuais das mulheres. Sempre que demonstrar uma</p>

	<p>na forma como homens e mulheres interagem</p> <p>Critério: Verbalizações relativas às experiências pessoais dos/as entrevistados/as que segundo estes/as mostram a influência do consumo de conteúdos pornográficos na forma como homens e mulheres interagem</p>	<p>num vídeo de pornografia e pensou que era excitante”;</p> <p>(F08) “Se calhar assim no grupo de amigos que às vezes tem assim uma atitude, mais broncos com as mulheres e às vezes tem alguns comentários que possam ser com esse desnível de poder.”.</p>	<p>atitude mais dominante, de mostrar poder são criticadas por isso, que não correspondem às normas que os homens procuras, e as mulheres em si, que a sociedade procura, melhor dizendo.”.</p>
	<p>2.3. Relação do consumo com o sexismo</p> <p>Critério: Verbalizações relativas à possibilidade de o consumo de conteúdos pornográficos estar relacionado com o sexismo segundo os/as entrevistados/as</p>	<p>(F01) “Para mim isso é uma realidade, repito, na minha opinião cada vez menos preocupação e respeito pela outra pessoa, porque não existem outras fontes para compreender como é mesmo.”;</p> <p>(F03) “Depende muito do tipo de pornografia que é consumido, lá está. O mainstream pode ser mau e ser realmente sexista, estereotipado e machista. Uma pornografia mais consciente e bem feita e pensada, pode não ter nada de errado nem transmitir qualquer tipo de ideia errada.”.</p>	<p>(M02) “Não acho que se relacione com discriminação (...). O consumo de pornografia deve-se a outros fatores, não necessariamente é o que influencia.”;</p> <p>(M08) “... de uma forma geral, a pornografia, atribuindo predominantemente posições de domínio ao género masculino e de maior submissão ao género feminino, espelha a forma como estes estereótipos se enraízam na sociedade e contribui para a sua perpetuação.”.</p>
	<p>2.4. O que é o sexismo</p>	<p>(F04) “O sexismo é a existência de desigualdades e discriminação para com o sexo oposto.”.</p>	<p>(M03) “Será a existência de desigualdades, a discriminação para com o outro sexo.”;</p>

	Critério: Verbalizações relativas às definições de sexismo dos/as entrevistados/as		(M06) “Homens e mulheres devem ser iguais, não as mulheres superiores aos homens como a sociedade tem vindo a tentar transmitir nos últimos tempos.”.
--	--	--	---